

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

MIGUEL BONUMÁ BRUNET

**JUVENTUDE POPULAR NA BUSCA DE ALTERNATIVAS
Caminhos entre a sobrevivência e a arte**

Porto Alegre

2015

MIGUEL BONUMÁ BRUNET

JUVENTUDE POPULAR NA BUSCA DE ALTERNATIVAS

Caminhos entre a sobrevivência e a arte

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia
pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Marilis Lemos de Almeida

Porto Alegre

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Brunet, Miguel Bonumá
Juventude popular na busca de alternativas:
caminhos entre a sobrevivência e a arte / Miguel
Bonumá Brunet. -- 2015.
124 f.

Orientadora: Marilis Lemos de Almeida.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Juventude. 2. Identidades. 3. Trabalho. 4.
Arte. 5. Cultura. I. Almeida, Marilis Lemos de,
orient. II. Título.

MIGUEL BONUMÁ BRUNET

JUVENTUDE POPULAR NA BUSCA DE ALTERNATIVAS
Caminhos entre a sobrevivência e a arte

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Marilis Lemos de Almeida

Aprovada em 3 de setembro de 2015

Banca examinadora:

Profa. Dra. Marilis Lemos de Almeida (Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. PhD. Marcelo Kunrath Silva

Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. PhD. Maria Elizabeth Lucas

Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMus) e Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Melissa de Mattos Pimenta

Departamento de Sociologia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Aos jovens artistas das periferias que, dia a dia,
tornam nossa vida melhor de se viver.*

*À Lore, ao Francisco e ao nosso bebê que está
vindo, com muito amor.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer muito à minha família, que sempre me acompanhou em minha caminhada, pois, sem ela, provavelmente muito pouco do que foi feito o teria sido. Em especial à minha companheira, Lore, meu filho, Francisco, a minha mãe, Helena, os meus irmãos, Tomaz e Pedro, e a meu pai, Luciano e sua companheira, Rosa. Obrigado pelo apoio, pela força, pelo carinho e pelo amor. Sem isso não vivo, quem dirá fazer uma dissertação.

Agradeço à minha orientadora, Marilis Lemos de Almeida, que, mais do que uma orientadora científica, foi uma orientadora espiritual para mim desde a época da graduação em Ciências Sociais. Agradeço pela sabedoria, paciência e confiança ao longo do tempo em que trabalhamos juntos.

Da mesma forma agradeço ao prof. Marcelo Kunrath Silva, que sempre foi referência em minha formação acadêmica e pessoal. Agradeço pelos ensinamentos desde o período da graduação e pela disponibilidade, mais uma vez, de participar de mais uma etapa de minha trajetória.

Agradeço às professoras Maria Elizabeth Lucas e Melissa Pimenta, pela disponibilidade de participar da banca examinadora desta dissertação. À profa. Elizabeth agradeço também pelas reuniões de orientações desde o primeiro ano do mestrado.

Agradeço aos meus amigos sempre presentes, em especial ao trio Bruna, Igor e Laurence. Sempre me deram força para seguir em frente além de gargalhadas e muito amor. Agradeço por todos os momentos que vivemos juntos, sem esquecer é claro do apoio direto oferecido para a finalização desta dissertação na reta final.

Agradeço aos meus amigos e companheiros de trabalho, em especial Ronaldo, Rodrigo, Gabriel, Emílio, Joãozinho, Chico, Héberton. Obrigado pelos aprendizados e pelas boas risadas juntos. O apoio que deram para que esta dissertação pudesse ser finalizada foi fundamental. Agradeço ao Rodrigo pela elaboração do mapa da dissertação.

Agradeço muito a todos e todas que me concederam as entrevistas, indicações, conversas, e dicas sem as quais nada poderia ter sido feito.

Agradeço ao pessoal do Levante Popular da Juventude, em especial ao William e ao Rafinha; ao pessoal da MK Produções, em especial ao Maicon; ao pessoal do Casulo, em especial ao PX; ao pessoal da CEU do centro, em especial a Simone, Gustavo e Kevin; ao

peçoal do Quilombo do Sopapo e ao peçoal do Grupo Fuzuê, em especial ao Leandro Silva; ao peçoal da Zamba Ben, em especial ao Leandro; ao peçoal do Núcleo de Hip Hop de Viamão, em especial ao Peh e ao Tio Isa, do Front RL, pelos aprendizados e pela inspiração de seguir lutando sempre; ao Tharcus, pela conversa e pela cerveja; à Simone Rasslan e à Madalena pelas dicas; ao peçoal do Restinga Crew, que tem um grande futuro pela frente, em especial ao Taymerson e ao Julinho; ao peçoal do Casaredo, em especial à Luise; ao Roger, pelo papo prazeroso; ao peçoal da Orquestra Villa-Lobos, em especial ao Handyer, e à Aline; ao peçoal da Alvo Associação Cultural em especial ao Jean, pela sabedoria.

Está escrito
No grande livro da sabedoria popular
Que primeiro se deve viver
Que é pra depois poeatar

Que primeiro se deve viver
Que é pra depois poeatar

Ah...

(Ednardo)

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada tem como tema central a compreensão dos processos alternativos de inserção social e de construção de identidades entre jovens de classes populares. Busca compreender em que medida a arte e o trabalho se articulam, se aproximam ou se opõem na vida dos jovens possibilitando a afirmação de identidades plurais – pessoais, coletivas e sociais. Para isso, apreende trajetórias de vida de jovens que escolheram a arte como caminho para estar no mundo, para afirmar sua identidade e construir para si um reconhecimento. Foram entrevistados 17 jovens moradores de Porto Alegre e Viamão. As trajetórias destes jovens apontam para diferentes caminhos trilhados durante o período da juventude, as condições sob as quais estes fazem sua arte, os sentidos que a arte e o trabalho têm para eles e a busca destes jovens por caminhos alternativos às condições que encontram em suas trajetórias de vida.

Palavras-chave: juventude, identidades, trabalho, arte, cultura.

ABSTRACT

The research presented here is focused on the understanding of alternative processes of social inclusion and construction of identities among working class youth. Seeks to understand how art and work are linked, approached or opposed in the lives of young people, enabling the affirmation of plural identities – personal, collective and social. For this, seizes life trajectories of young people who have chosen art as a way to be in the world, to affirm their identity and build for themselves a recognition. Were interviewed 17 young residents of Porto Alegre and Viamão. The trajectories of these young people point to different paths taken during the period of youth , the conditions under which they make their art, the meanings that art and work have for them and the pursuit of these young people for alternative ways to the conditions they find in their life trajectories.

Key-words: youth, identities, work, art, culture.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil dos jovens entrevistados.	53
Quadro 2 – Cidade natal, principais locais de moradia e socialização e local de moradia dos jovens à época das entrevistas.	55
Quadro 3 – Arte e principal ocupação dos entrevistados à época das entrevistas.	56
Quadro 4 – Relação entre dimensões, categorias e indicadores da pesquisa.	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxo das entrevistas realizadas.	51
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	SOBRE OS OMBROS DE GIGANTES.....	20
2.1	Quando a periferia é o centro: revistando o conceito.....	23
2.2	A construção social da juventude.....	31
2.3	Trabalho e identidade na contemporaneidade.....	37
2.4	Arte e cultura como práxis coletiva.....	43
3	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	48
3.1	Apresentação dos jovens.....	52
3.2	Roteiro de análise.....	57
4	AS CONDIÇÕES OBJETIVAS E SUBJETIVAS DA JUVENTUDE DE PERIFERIA	63
4.1	Ocupação espacial e estrutura familiar.....	64
4.2	Os sentidos do trabalho.....	74
5	A ARTE COMO UM CAMINHO DE AMPLIAÇÃO DAS POSSIBILIDADES	84
5.1	Os caminhos da arte no período da juventude.....	85
5.2	Expressão artística da juventude de periferia: formas de resistência?.....	99
6	CONCLUSÕES	112
	REFERÊNCIAS	115
	APÊNDICE	123

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada tem como tema central a compreensão dos processos alternativos de inserção social e de construção de identidades entre jovens de classes populares. Busca compreender em que medida a arte e o trabalho se articulam, se aproximam ou se opõem na vida dos jovens possibilitando a afirmação de identidades plurais – pessoais, coletivas e sociais. Para isso, apreende trajetórias de vida de jovens que escolheram a arte como caminho para estar no mundo, para afirmar sua identidade e construir para si um reconhecimento. Foram entrevistados 17 jovens moradores de Porto Alegre e Viamão. As trajetórias destes jovens apontam para diferentes caminhos trilhados durante o período da juventude, as condições sob as quais estes fazem sua arte, os sentidos que a arte e o trabalho têm para eles e a busca destes jovens por caminhos alternativos às condições que encontram em suas trajetórias de vida.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), consideramos adolescentes pessoas a partir de 13 anos, enquanto a ONU e a Secretaria Nacional da Juventude do governo federal sugerem que, genericamente, pode-se dizer que jovem é a pessoa na faixa etária entre 15 e 29 anos. Entretanto, posto que o processo de autonomização do jovem possa começar ou terminar com maior ou menor antecedência de acordo com suas especificidades, as definições cronológicas para o período comportam algum grau de arbitrariedade, ainda que por vezes necessárias. Mais flexível é considerar a juventude uma fase da vida entre a infância, quando se é totalmente dependente dos pais ou responsáveis, e o período adulto, quando se torna totalmente autônomo: um período caracterizado pela busca por autonomia.

Este período possui especificidades conforme a juventude a qual estamos nos referindo, o que nos leva a noção de que existem diversas juventudes (DAYRELL, 2005, p. 21). Além disso, apresenta determinadas peculiaridades, como a participação em eventos que marcam as fases da vida: o início e o final do período de estudos; autonomia financeira; saída da casa dos pais e formação de lar e família (CAMARANO *et al*, 2006). Adotaremos para fins de contextualização da juventude no Brasil a faixa etária comumente aceita no meio acadêmico de 15 a 29 anos. Esta não será rigidamente fixada na pesquisa de campo com os jovens, posto que a juventude tenha suas especificidades no processo de tornar-se e deixar de ser jovem.

No Brasil, somando os meios rural e urbano, há 51,3 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos, correspondentes a 26,1% do total da população brasileira (Censo 2010 – IBGE).

Destes, 84,8 % moram na cidade e 15,2 %, no campo, o que acompanha o predomínio da população urbana no Brasil. A distribuição entre homens e mulheres é quase idêntica no segmento juvenil: 49,6% e 50,4% respectivamente. Quanto à cor/etnia, observa-se 34% brancos, 45% pardos e 7,9% pretos. A questão da cor/etnia apresenta variações entre o Censo 2010 do IBGE e pesquisas mais recentes sobre a juventude. Na Agenda Juventude Brasil, de 2013, produzida pela Secretaria Nacional da Juventude, a proporção de jovens que se autodeclararam pretos é maior que a do Censo: 15%. Observa-se ainda que 66% dos jovens são solteiros e 61% mora com os pais. Apenas 32% são casados ou vivem com seus cônjuges.

Temos dados sobre a juventude que atribuem a ela ausência de estrutura para a educação, o trabalho e o lazer. De forma geral, 36% das pessoas entre 15 e 29 anos estão estudando (Censo 2010 – IBGE). Entretanto, se esta população for dividida por faixas etária, observa-se que 65% das pessoas entre 15 e 17 anos está estudando, e 16% está trabalhando. Ao mesmo tempo, constata-se que do segmento entre 25 e 29 anos, 70% está ou trabalhando, ou procurando trabalho, enquanto 12% ainda estuda. A grande maioria dos jovens entre 18 e 29 anos não frequenta nenhum tipo de escola (BRASIL, 2013), o que demonstra a falta de incentivo à formação dos jovens para sua inserção profissional na sociedade.

Dentre os jovens com 18 a 24 anos, 68,3% não frequentam nenhum tipo de escola, sendo que, destes, 19,9% não possuem ensino fundamental completo. Já os jovens que possuem idade entre 25 e 29 anos, 87% não frequentam a escola, sendo que 28,3% desses jovens não têm ensino fundamental completo (Censo 2010 – IBGE). O fato destes jovens não completarem a formação básica pode ter consequências negativas sobre sua trajetória futura. É provável que estes jovens experimentem um círculo vicioso de pouca escolaridade, situação de desocupação ou de empregos precários e pobreza. A falta de opção para estes jovens os conduz a ocupações que não lhes trazem satisfação o que retira do trabalho a centralidade na constituição da sua identidade juvenil. Adentramos, neste momento, na questão do trabalho.

Verificamos que 74% da população juvenil brasileira relaciona-se de alguma forma com o mundo do trabalho, sendo que, destes, 53% trabalham e 21% está à procura de trabalho (BRASIL, 2013). Considerando a baixa frequência escolar de jovens de 18 a 24 anos, podemos inferir que há no país um importante percentual de jovens que estão ou apenas trabalhando ou sem estudar e trabalhar. Além disso, dentre a população desempregada, visualiza-se que 46,6% são jovens dentre 15 e 24 anos (Censo 2010 – IBGE). O desemprego juvenil é mais um agravante para a condição de vida da juventude brasileira, que já não possui possibilidades de estudar além do ensino médio e se capacitar para trabalhar em algo que goste de fazer. Desta

forma, encontramos boa parte da juventude brasileira em uma situação na qual não possui recursos para ingressar no mercado de trabalho.

Há um distanciamento de uma parcela da juventude da escola e do trabalho. A situação dos jovens que não trabalham e não estudam é abordada por estudos qualitativos nacionais, que apontam uma relação mútua entre abandono escolar e pobreza, que se reforçam mutuamente (CAMARANO *et al.*, 2006, p. 43; FREITAS *et al.*, 2012, p. 128). A juventude aqui caracterizada é, portanto, parte da população que vive com piores condições de vida para poder estudar e trabalhar, moradora de bairros populares, em geral à periferia dos centros urbanos. Estas juventudes estão alicerçadas neste contexto, no qual os aspectos fundamentais do período da juventude – da sociedade contemporânea – são incertos.

O atual panorama do Brasil e sua história já nos indicam diferenças e semelhanças entre os jovens brasileiros. O país possui altos índices de desigualdade: aproximadamente 54% da população não tem rendimento ou recebe até um salário mínimo conforme o Censo do IBGE de 2010. O processo de formação do Brasil industrial e agrícola nos ajuda a entender esse quadro, conforme Blay (1978):

O rápido processo de urbanização do Brasil foi a resposta a profundas transformações na economia industrial e agrícola. Enquanto emergem cidades absorvedoras de capital e trabalho, saturam-se outras, a maioria pela acumulação de força de trabalho sem uma concomitante geração de novas formas de produção ou de ampla distribuição de renda. A urbanização é feita à custa do baixo preço pago pela força de trabalho e consequente crescimento do capital ampliado. (p. 14)

A consolidação das grandes periferias e favelas urbanas passa por esse processo, fundamentalmente assentada sobre a questão da busca por trabalho sob aquele contexto histórico, o que marca a origem dos espaços periféricos dos grandes centros urbanos brasileiros, hoje vilas, favelas e bairros populares do país. Estes espaços periféricos são berço de boa parte da população jovem.

A juventude nascida nos ambientes periféricos já é de alguma forma herdeira da carga social e histórica destes lugares, mas a dificuldade na busca por trabalho não representa o único aspecto que assemelha esta população. Em uma pesquisa feita por um grupo de professores da USP em que se utilizou indicadores macrossociais com foco nas desigualdades do Brasil (FREITAS *et al.*, 2012), a baixa qualidade da formação escolar, aliada às relações específicas que a juventude pobre tem na busca por trabalho foi apontada como importante aspecto a ser considerado para a análise, nas ciências sociais, da juventude e para a formulação de políticas públicas (p. 128).

O ensino nas escolas públicas é sem dúvida parte da realidade destas juventudes, pois não dialoga com as condições de vida de seus estudantes – e sua reformulação é sem dúvida elemento essencial para mudança da condição atual destes jovens. Entretanto, por isso mesmo, apenas a explicitação da situação das escolas em que estudam as juventudes não é suficiente para compreender quem são, como e o que pensam e sentem. Longe disso, um quadro de relações complexas e multifacetadas compõe o universo cultural destes jovens (DAYRELL, 2002), como as relações de gênero (CECCHETO, 2003; ROSA, 2012), ou entre gangues, galeras e bondes (ZALUAR, 1997), dentre outras. Em pesquisas qualitativas sobre a periferia, o cotidiano, os laços e relações afetivas são apontados como aspectos fundamentais para entendimento das relações locais, principalmente em pesquisas etnográficas (FONSECA, 2004).

A partir destes elementos, verificamos um aspecto central para compreendermos o universo próprio da juventude de periferia: as culturas juvenis (FEIXA, 1994). Os estudos sociológicos começam a apreender este fenômeno primeiramente na Europa e nos Estados Unidos, a partir do processo de urbanização e industrialização, destacando o estranhamento, e a não adaptação dos jovens às relações desiguais que passam a vigorar com maior peso nestes países, principalmente após as ondas de migrações, quando observamos o surgimento de gangues de jovens. Com o advento de meios de comunicação em massa e em escala global, o fenômeno toma diferentes proporções. Muitas das contradições que permeiam esta fase da vida estão envoltas nesse processo de identificação com culturas juvenis, com diferentes formas e intensidades. Para Feixa:

(...) em um sentido amplo, as culturas juvenis referem-se à maneira que as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre ou em espaços intersticiais da vida institucional (p. 166).

A ideia de experiências compartilhadas por jovens em espaços intersticiais da vida institucional retrata bem o papel que as culturas juvenis têm na vida dos jovens de periferia. Podemos observar que na última década vem ocorrendo um aumento de estudos na área da educação sobre culturas juvenis (SPOSITO, 2009) e, destes, muitos afirmam a necessidade de aproximar o universo próprio da juventude da educação em sala de aula para que os jovens passem a ter mais interesse no conteúdo de aula (AMARAL, 2011; NASCIMENTO, 2008; PEREIRA, 2011). Esta perspectiva revela não apenas a falta de diálogo da educação formal com a juventude, mas também a facilidade com que os jovens compartilham entre si valores,

atitudes e identidades próprias. São aspectos que não contam com as relações institucionais. Pelo contrário, ocorrem nos interstícios destas relações.

No mesmo sentido, verificamos recentemente estudos que demonstram o desinteresse de jovens em trabalhos que não exigem mão-de-obra qualificada, mas que eles se veem obrigados a fazer por falta de opção (DAYRELL, 2002), enquanto estudos sobre as motivações de jovens para a inserção no tráfico de drogas ilegais revelam que estes não visam apenas à obtenção de renda, mas também à busca por reconhecimento (FARIA & BARROS, 2011; FEFFERMANN, 2006). A alta rentabilidade da indústria do tráfico permite aos jovens de periferia inserir-se na sociedade capitalista através do consumo, o que gera identidades e pertencimentos diversos. Neste processo há imbricações de algumas culturas juvenis de periferia com o tráfico de drogas. Assim, as relações institucionais tanto da escola quanto do trabalho legal dão margem à constituição de outras identidades juvenis que as de estudante ou trabalhador.

A análise da juventude tendo como perspectiva *culturas juvenis* destaca um importante aspecto do período da juventude: o processo de construção de identidades, ou a identificação. A identificação é construída por meio das relações entre os jovens e as demais pessoas presentes no seu cotidiano. Ela demonstra as identidades pessoal, coletiva e social que os jovens desenvolvem ao longo de sua trajetória. Estas identidades estão atreladas às interpretações dos jovens acerca da realidade, que conformam teias de significados que se modificam ao longo do tempo. A busca por autonomia antes citada se relaciona com este processo ao passo que os jovens transitam por novas experiências e ressignificam as relações entre si e os outros em sua trajetória. Sendo a juventude o período de definições de si no mundo do trabalho, destacam-se as relações de trabalho que se desenvolvem entre os jovens.

Coutinho (2009) discute a relação entre o trabalho e o processo de identificação, afirmando que o trabalho envolve “uma relação dialética, de mútua transformação entre os seres humanos e a natureza” (p. 190). A autora investiga trajetórias identitárias no âmbito do trabalho, buscando compreender os sentidos atribuídos pelos trabalhadores ao trabalho ao longo do tempo. Os sentidos, de caráter individual, têm uma relação dialética com os significados, compartilhados coletivamente. Da mesma forma, a identificação do trabalhador tem uma relação dialética com suas vivências e significados compartilhados com outras pessoas. A compreensão do processo de identificação por meio do trabalho passa, portanto, pela compreensão da interpretação que os trabalhadores têm das suas relações de trabalho. No mesmo sentido, a compreensão da interpretação das relações de trabalho na busca por

autonomia da juventude pode revelar quais sentidos os jovens dão aos trabalhos que fazem, e qual autonomia estão buscando.

Como antes descrito, no cenário atual a juventude tem se identificado muito com referências que não são a escola e o trabalho. Com isto não se pretende afirmar que estas instituições não têm influência no processo de identificação da juventude, e sim que a juventude busca outras referências além destas, como as culturas juvenis, antes descritas. Dentre estas outras referências, a arte e as manifestações culturais estão entre as referências da juventude atual (DAYRELL, 2005). O mundo da cultura aparece como possibilidade de referência no processo de identificação da juventude, principalmente frente à falta de identificação com as instituições antes citadas. A arte e as manifestações culturais têm em si relações sociais que as sustentam. Elas criam significados compartilhados da realidade, permitindo um diálogo entre as pessoas, e podem ser interpretadas e ressignificadas à luz de diferentes contextos (VELHO, 2003). Neste processo de identificação por meio do mundo da cultura, a juventude, em sua busca por autonomia, constrói sentidos e significações que por vezes são divergentes das relações já estabelecidas – as relações familiares, relações na escola, relações de trabalho, dentre outras. Dependendo do nível de divergência, este processo possibilita mudanças em suas relações, e conseqüentemente em suas identidades pessoais, coletivas e sociais.

Nesta pesquisa, busca-se compreender o processo de identificação das juventudes de classes populares que têm a arte como perspectiva de trabalho. Questiona-se: quais os sentidos atribuídos pelos jovens à arte e às manifestações culturais ao longo do período da juventude? Quais os sentidos atribuídos por estes jovens ao trabalho ao longo deste mesmo período? A transformação dos sentidos atribuídos aos diferentes aspectos da vida – em especial à arte e ao trabalho – ao longo do período da juventude revela buscas por autonomia atreladas a buscas por diferentes referências para as identidades e relações juvenis. Quais são estas referências? Como os jovens têm acesso a elas?

A pesquisa aborda a transição para o mundo adulto de jovens que veem a necessidade de estudar, trabalhar, fixar residência. Como os jovens enxergam estas necessidades? A falta de pertencimento da juventude em relação às instituições da sociedade atual pode levar ao questionamento e à busca por diferentes alternativas. Este questionamento e esta busca criam alternativas às relações já estabelecidas? Ou apenas fuga das relações que se veem obrigados a conviver? Conforme Bastide (2006),

A arte é muitas vezes uma fuga, mas uma fuga é uma resposta às coações coletivas e, portanto, também nesse caso, a sociologia tem alguma coisa a dizer; estudará as

condições em que a coerção social determina ou não a evasão, evasão esta que não é em si mesma livre, a sociedade a modela, lhe impõe seu ritmo ou suas regras (p. 296).

Em quais sentidos a juventude recorre ao mundo artístico e cultural? A pesquisa investiga jovens que enxergam na arte e nas manifestações culturais um potencial de trabalho. A arte e a produção cultural são um campo de possibilidades para as juventudes de classes populares? Que relações surgem deste campo de possibilidades? A relação entre a arte e o trabalho durante o período da juventude, com enfoque na compreensão dos sentidos que os próprios jovens atribuem a este processo, e as consequências advindas deste processo, são o foco de investigação desta pesquisa. Os questionamentos antes apontados são algumas das indagações que movem a investigação.

Esta pesquisa justifica-se, inicialmente, por aprofundar-se no tema da juventude, cada vez mais destacado na agenda pública e no meio acadêmico, enfatizando a problemática da cultura na construção de identidades próprias do universo dos jovens de periferia frente à fragilidade de seus vínculos com a escola e demais instituições públicas e à falta de perspectiva em relação ao mundo do trabalho. Isso nos permite esclarecer e compreender muitos problemas e contradições que existem atualmente na relação dos jovens de periferia com a sociedade em geral. Posto o contexto brasileiro, em que visualizamos um país desigual econômica e socialmente, elucidar essas relações pode nos alçar a novas resoluções tanto no âmbito das políticas públicas quanto de outras iniciativas que trabalham com esta questão. Além disso, a pesquisa pretende acrescentar quanto às contribuições teóricas e metodológicas de pesquisa social na área da juventude, que constitui, como antes destacado, um tema crescente no meio acadêmico.

A pesquisa tem como objetivo geral investigar os processos de identificação de jovens de periferia que têm a arte como perspectiva de trabalho, buscando compreender os sentidos atribuídos por eles à arte e ao trabalho ao longo do período da juventude, bem como a articulação deste processo no cotidiano desta juventude.

Mais especificamente, o estudo pretende compreender, sob o ponto de vista dos jovens de periferia, quais aspectos definem suas condições objetivas e subjetivas durante a juventude, buscando perceber os sentidos destes aspectos para os jovens. Com isso, pretende entender o processo de identificação dos jovens com tais aspectos ao longo do período da juventude e, em que medida, tais aspectos permitem a construção de alternativas.

A pesquisa parte de hipóteses que a sustentam. 1) Primeiramente, parte-se da ideia de que as condições objetivas das juventudes de classes populares, ao mesmo tempo em que implicam, pela própria condição juvenil, em busca por autonomia, também instigam, por sua

situação de exclusão, à busca de identidades que propiciem pertencimento e autoafirmação. 2) Neste contexto, o processo de identificação ocorre na medida em que estes jovens passam a compartilhar valores, crenças e atitudes com outros jovens, como um coletivo juvenil real ou imaginário, que pode propiciar coesão entre eles – na forma de pertencimento, autoafirmação e sentimento de coletividade – e visibilidade perante a sociedade, modificando suas identidades pessoal (de si mesmo) e social (como os outros o veem). 3) Este processo, ao possibilitar um intercâmbio de valores, crenças e atitudes, que subsidiam a elaboração de sentido e de autoafirmação, pode propiciar aos jovens de periferia a construção de alternativas que modifiquem as suas próprias condições tanto objetivas, quanto subjetivas.

Além da introdução, a dissertação é composta por mais cinco capítulos. No Capítulo 2, é delineada a base teórica a qual assenta-se esta dissertação. Além de discutir os pressupostos epistemológicos da pesquisa, divide-se em quatro subcapítulos, correspondentes a temáticas que trazem o acúmulo teórico sobre as principais questões da pesquisa, estabelecendo conceitos chave para o desenvolvimento desta, tais como as noções de periferia, juventude, trabalho, identidade, arte e cultura, relacionando-os com a problemática geral da pesquisa.

No Capítulo 3, são descritos os pressupostos metodológicos da pesquisa, refletindo-se sobre os métodos e técnicas utilizados nesta. Apresenta inicialmente os jovens entrevistados e descreve o roteiro utilizado na análise das entrevistas.

No Capítulo 4, é abordada a primeira dimensão investigada pela pesquisa: as condições as quais os jovens encontram em sua trajetória, buscando os desafios os quais os jovens enfrentam em suas trajetórias. Além disso, realiza uma análise dos sentidos atribuídos pelos jovens a estes aspectos visando a compreender as trajetórias identitárias destes jovens a partir dos aspectos levantados.

No Capítulo 5, são analisadas as trajetórias dos jovens no âmbito dos seus fazeres artísticos e produções culturais, buscando destacar os principais aspectos destas trajetórias. Os sentidos atribuídos pelos jovens a tais aspectos são buscados para a compreensão de como este processo incide sobre a identidade pessoal, coletiva e social dos jovens. Além disso, busca-se verificar as possibilidades encontradas pelos jovens em suas trajetórias como artistas ou produtores culturais.

Finalmente, no Capítulo 6 são tecidas as considerações finais acerca da dissertação como um todo. As principais conclusões são retomadas e analisadas à luz da problemática geral da pesquisa, visando a responder as questões levantadas e confirmar ou refutar as hipóteses da pesquisa.

2 SOBRE OS OMBROS DE GIGANTES

De acordo com Flick (2009, p. 38), na pesquisa qualitativa temos diferentes tipos de teoria como pressupostos teóricos para a realização de uma pesquisa. O autor esboça uma divisão em quatro níveis: teorias gerais que fundamentam os pressupostos epistemológicos da pesquisa, que dizem respeito à própria construção de conhecimento realizada pela pesquisa; a perspectiva teórica da pesquisa, que estabelece os pressupostos para o planejamento da pesquisa; o conhecimento teórico acumulado de pesquisas já realizadas sobre os temas em questão; e os pressupostos teóricos para a execução dos métodos de pesquisa. De acordo com o autor, estas podem estar implícitas ou explícitas na apresentação da pesquisa, mas é possível identifica-las mesmo não estando explicitadas.

Nesta pesquisa assume-se a perspectiva de que estes quatro níveis de teoria estão integrados, pois os pressupostos estão relacionados à postura do pesquisador diante da pesquisa, tanto em campo quanto em gabinete. Desta forma, estes pressupostos não são rigidamente estabelecidos apenas por meio das teorias disponíveis na literatura científica. As experiências vividas e as crenças do pesquisador, somados às atitudes durante a pesquisa têm influência direta sobre os resultados desta e partem de pressupostos epistemológicos e teóricos. Assim, cabe primeiramente expor estes pressupostos que moveram a pesquisa, mesmo que nem todos fiquem totalmente explícitos.

A pesquisa parte do pressuposto de que o ser humano está em constante transformação conforme ressignifica sua visão do mundo na medida em que vivencia novas experiências durante sua vida. Neste sentido, a mudança das condições materiais dos seres humanos tem influência nas suas percepções e nas escolhas que faz. Ao mesmo tempo, as escolhas dos seres humanos também modificam o meio em que vivem. Esta é uma perspectiva teórica com base em Marx (1980), e a teoria da relação dialética entre os seres humanos e a natureza. Esta ação humana sobre a natureza visando transformá-la para atender a alguma necessidade pré-concebida, se realiza na relação com os outros. O trabalho, então, configura-se como relação social e, nesta perspectiva, o ser humano transforma a natureza e esta o transforma, em um ciclo contínuo ao longo do tempo. A ação humana sobre a natureza visando a transformá-la para atender a alguma necessidade pré-concebida configura-se no trabalho. O trabalho, nesta perspectiva, é um dos conceitos-chave adotado pela pesquisa. Este pressuposto

é considerado válido não apenas para a análise do material de pesquisa, mas também para a compreensão do papel do próprio pesquisador, desde a formulação e elaboração das pesquisas até a apresentação do resultado final. Neste sentido, considera-se que a pesquisa é um constante aprendizado, e que o pesquisador – assim como os entrevistados – se modifica ao longo do processo de pesquisa.

O segundo pressuposto teórico que cabe ser ressaltado é o diálogo. Parte-se do pressuposto de que o conhecimento é construído por meio de relações dialógicas entre os seres humanos. A comunicação com abertura às diferentes perspectivas permite o compartilhamento de vivências e opiniões. Da mesma forma a abertura à compreensão mútua estimula a construção de conhecimentos que respeitem os diferentes pontos de vista. Conforme Freire (2011),

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história (p. 133).

Este pressuposto orienta todas as etapas da pesquisa, não apenas a investigação em campo. Uma constante troca de saberes é necessária para a realização de uma pesquisa que pretende construir conhecimento que possa ser compreendido e compartilhado com outros.

Dentro destas perspectivas, a dissertação tem pressupostos teóricos relacionados ao tema de pesquisa. Inicialmente foi realizada uma revisão da literatura visando a definir a problemática da pesquisa. Os primeiros conceitos, dimensões e categorias foram elaborados com base nessa revisão inicial, antes da ida a campo. Já se tinha uma ideia inicial dos principais temas a serem investigados, mas o diálogo com os jovens em campo abriu novos horizontes de análise. Desta forma, também se realizou a revisão da literatura durante e após o campo, visando a estabelecer ligações entre as questões levantadas em campo e os conceitos teóricos da dissertação. A revisão da literatura apontou quatro temáticas principais para embasar a investigação em campo e a análise do material produzido.

A fundamentação teórica que embasou o impulso inicial da pesquisa girou em torno das pesquisas sobre o trabalho, as periferias urbanas e a juventude. A temática do trabalho, como já dito, é central para a pesquisa, e norteia desde os pressupostos epistemológicos aos conceitos teóricos que a fundamentam. Ela está presente na discussão teórica sobre a formação das periferias urbanas e sobre a juventude, pois é uma categoria central para os estudos que foram tomados como referência destas outras duas temáticas. Além disso, foi abordada a literatura atual sobre a relação entre o trabalho e a formação de identidades no cenário contemporâneo.

No que tange à literatura sobre as periferias urbanas, foram retomadas pesquisas de autores brasileiros sobre este tema desde os anos 1960 – quando a questão passou a surgir com mais destaque no mundo acadêmico brasileiro –, durante as décadas seguintes, e os estudos mais atuais, principalmente do GT da ANPOCS “Sobre Periferias” desde seu surgimento, nos anos 2000 até 2012. A revisão da literatura sobre periferias urbanas teve como enfoque autores brasileiros principalmente devido às especificidades da formação das periferias urbanas brasileiras. Apesar de apresentarem semelhanças a um padrão global, estas possuem características específicas relacionadas à história do país que servem de base para a formulação da problemática de pesquisa.

A temática da juventude também foi revisada desde os primeiros estudos sobre a juventude na área das ciências sociais. Nesta área, foram retomados estudos estrangeiros sobre o assunto, pois as pesquisas sobre juventude no Brasil foram desenvolvidas tardiamente em relação às estrangeiras. Estas últimas desenvolvem pesquisas sobre a relação entre a urbanização crescente e os agrupamentos juvenis desde o início do século XX. Diferentes escolas de outros países já contavam com um acúmulo avançado de pesquisas sobre a juventude quando iniciaram as pesquisas sobre este tema no Brasil. Aos poucos este acúmulo passa a ser investigado por pesquisadores brasileiros interessados no tema, e a pesquisa sobre o assunto começa a se desenvolver no país. Assim, retomamos os estudos estrangeiros e também tomamos como base principalmente os estudos recentes sobre a juventude no Brasil.

Além destas três temáticas, ao longo do processo de pesquisa buscou-se fundamentação teórica de pesquisas sociais sobre arte e cultura, visando a embasar o estudo para a compreensão destas dimensões de análise. Foram retomadas pesquisas nesta área no que tange à investigação dos sentidos que a arte e as manifestações culturais têm para as pessoas. Pesquisas e ensaios sobre este tema são buscados na revisão desta literatura, visando à compreensão da relação entre a arte e a sociedade contemporânea. Esta dimensão também foi abordada de forma a relacioná-la com as demais temáticas antes citadas.

Os quatro temas citados são descritos a seguir. Os conceitos e dimensões apontados servem de fundamentação para a análise do material produzido pela pesquisa, como será descrito no Capítulo 3.

2.1 QUANDO A PERIFERIA É O CENTRO: REVISTANDO O CONCEITO

O termo periferia possui significações diversas e, por vezes, confusas. Podemos verificar na linguagem artística ou na linguagem política, para tomarmos alguns exemplos, o uso da palavra com diferentes sentidos. No senso comum, é muito frequente o uso do termo para definir determinadas localidades, como bairros populares, favelas, vilas, etc. Nesta dissertação, o conceito de periferia foi definido tendo como base uma revisão bibliográfica de algumas pesquisas na área das ciências sociais acerca do tema periferia. Muitas destas partem de um conceito de periferia que tomam para si usos do senso comum. Assim, podemos conferir pesquisas que igualam os termos favela e periferia. No mesmo sentido, há pesquisas que atribuem o adjetivo “de periferia” a determinados sujeitos apenas por habitarem bairros populares, favelas, vilas, etc.

Pretendendo superar tal impasse, no âmbito deste estudo adota-se a perspectiva de conceber periferia enquanto conceito relacional, ou seja, um sujeito não pode ser considerado de periferia se não ficarem explicitadas as relações centro-periferia nas quais ele está imerso. Esta perspectiva parte do princípio de que qualquer ponto, seja físico ou teórico, pode ser considerado tanto de periferia em relação a algum centro, quanto central em relação a alguma periferia, conforme cada caso. Desta forma, não podemos adjetivar jovens como “de periferia” apenas por habitarem determinada localidade, se não explicitarmos as relações que tornam tal fato ser periférico.

Para explicitarmos tal relação, analisamos nesta seção estudos sociológicos sobre o tema da periferia na perspectiva em que pretendemos adotar. Buscamos estudos que se caracterizam por duas questões: as que fazem uma revisão geral das pesquisas sobre periferia no sentido de produzir um estado da arte sobre elas e as que apresentam modelos, objetos teóricos e metodologias próximos aos que gostaríamos de seguir. Retomando autores que desenvolvem um apanhado histórico dos estudos sociológicos nessa área, inicialmente discutiremos o processo de mudança das análises sociológicas brasileiras sobre a periferia, que possuem atualmente um importante acúmulo teórico-metodológico. A partir destes, entraremos nas obras dos autores mais destacados que nos embasam com subsídios no tema da periferia.

Primeiramente é importante retomarmos o surgimento do tema das periferias urbanas no debate acadêmico, principalmente no campo das ciências sociais. Na época em que se iniciaram estas pesquisas, o Brasil passava por transformações estruturais, quando estava prestes a ocorrer uma mudança de regime político, com a entrada da ditadura militar,

acompanhada de um grande investimento na construção civil, na produção de bens de consumo e nos grandes latifúndios, apostando na monocultura para a exportação. Todas essas mudanças passaram a exigir uma vasta mão-de-obra barata nos meios urbanos para trabalhar nas construções e indústrias, e mais terras para a produção em monocultura extensiva. Assim, observou-se uma migração massiva do meio rural para os centros urbanos, tendo, em 1960, 32.004.817 habitantes no meio urbano e 38.987.526 habitantes no meio rural¹, enquanto em 2010 foram registrados 160.925.792 habitantes no meio urbano e 29.830.007 habitantes no meio rural. As condições às quais as pessoas chegavam às cidades para conseguir sobreviver não foram, na maior parte dos casos, previstas pelo Estado brasileiro.

Desta forma, criaram-se grandes aglomerados de moradias próximos aos centros urbanos de pessoas que chegavam do meio rural, com condições precárias de sobrevivências (BLAY, 1978). A formação das periferias urbanas ocorreu, portanto, nesta contradição: a cidade, ou o centro, necessita de novos braços para atingir seus objetivos, compatíveis com sua concepção de progresso. Entretanto, não prevê estrutura para as pessoas que gradualmente chegam às cidades para construir o que hoje são os centros urbanos, enxergando-os como agentes externos ao que já era cidade antes de suas chegadas. O modelo ideal de cidade não comportaria esse contingente da população, não lhes devendo satisfação, ou condições materiais para sobreviver, mesmo que sem estas pessoas não fosse possível avançar na construção das grandes cidades como hoje elas são.

A construção do ideário de periferias e favelas, então, se sustenta em grande parte nestes modelos ideais, mesmo dentro da academia. É possível compreender melhor a posição das pesquisas científicas neste contexto. Estas pesquisas começaram a investigar o fenômeno das favelas e periferias, mas visualizando-o à distância, inferindo sobre estes espaços tendo pouca ou nenhuma relação com eles – salvo poucas exceções, como Janice Perlman (1977), por exemplo. E é neste momento que entramos em uma questão central para o entendimento destas pesquisas que colocam como objeto de análise, há quase meio século, as periferias urbanas, que são boa parte do espaço de moradia da população pobre, a população socialmente excluída, justamente por esta não constar nos planos da cidade: em grande parte dos casos, o conhecimento que a academia se propõe a produzir nos moldes em que ela se constituiu não encontra diálogo com a perspectiva da população pobre, suas demandas e suas necessidades.

Estas pesquisas sobre favelas e periferias tinham um caráter, em sua maioria, dicotômico. As pesquisas baseavam-se em uma visão macrossocial, seja pelas teorias que

1 Dados do Censo 2010 – IBGE.

predominavam na época – destacando-se a divisão da sociedade em duas classes antagônicas – , seja pela própria condição objetiva da produção acadêmica: a visão a partir do “centro”, da “cidade”. Assim, partiam, em geral, de premissas que se sustentavam na visão polarizada de “centro/periferia” e “cidade/favela”. Essa visão acaba por dar ênfase a uma análise distanciada do próprio objeto que se pretende apreender. As próprias análises davam conta de compreender o fenômeno apenas de forma parcial, trazendo diversos elementos que restringem a multiplicidade de relações e imbricamentos que há, para tomar um exemplo concreto, na relação dos morros cariocas com a cidade do Rio de Janeiro, mesmo há décadas atrás.

Com um enfoque estrutural, podemos observar uma vertente de estudos sobre periferia que tinham como principal referência a literatura marxista. Estes enfatizavam as causas político-econômicas como principais fatores explicativos para os fenômenos sociais por meio de uma análise histórica. Tais estudos surgem principalmente a partir dos anos 1960 e 1970.

Dentre os fatores explicativos, o aumento da monocultura de exportação, associado à crescente industrialização e construção civil são os mais presentes dentre a teoria marxista. Singer (1973) afirma que:

Toda esta transferência de atividades do campo à cidade parece ser motivada por uma exigência técnica da produção industrial: a aglomeração espacial das atividades – que se traduz em sua urbanização – parece ser um requisito de sua crescente especialização e conseqüente complementaridade (p. 33).

Para o autor, as migrações internas têm uma relação estreita com o processo de reprodução do capital no país. Na mesma linha, Blay (1978) critica o abandono da sociologia urbana por parte dos pesquisadores brasileiros das décadas anteriores. A autora afirma que eles passaram a desconsiderar os estudos da escola de Chicago sobre o cenário urbano pelo conservadorismo das teorias norte-americanas, que buscavam entender as “anomalias” das dinâmicas urbanas, supondo uma normalidade irreal. Contradizendo-os, Blay afirma que devemos disputar a potencialidade da sociologia urbana para entender os conflitos existentes nas cidades, cabendo, desta forma, a crítica das teorias da escola de Chicago, ao invés da negação completa da sociologia urbana.

Com esta crítica a autora propõe uma análise da concentração da população em centros urbanos baseada no método dialético de Marx. Assume, assim como Singer, que o processo de urbanização tem conexão direta com a acumulação de capital, pressupondo que a população que chega às grandes cidades o faz na busca por trabalho na forma de emprego, ou

seja, enquanto trabalhadores livres. Para ela, isto é pressuposto da exploração da sociedade capitalista, quando “o homem se aliena, ao alienar seu trabalho” (p. 15).

Em estudo sobre a cidade de São Paulo, Camargo (1973) utiliza-se do método dialético marxista ao apreender as condições tanto da população paulista, quanto de forma geral da população brasileira. Para ele, “o retrato das condições urbanas de existência em São Paulo expressa, portanto, condições mais gerais da economia e da sociedade brasileiras” (p. 19). Entretanto afirma que há diferenças entre São Paulo e outras cidades, principalmente pela peculiaridade do contraste exacerbado entre acumulação e pobreza na cidade de São Paulo.

Os estudos marxistas tornaram claras as condições estruturais nas quais o processo de urbanização acelerada ocorre, e com isso fundam uma base de discussão sobre as dinâmicas urbanas na pesquisa sobre periferias. Estes estudos destacam principalmente a nova tendência de organização espacial das cidades, e colocam no centro da problemática a busca por trabalho.

Também na década de 1960, mas principalmente a partir dos anos 1970, estudos etnográficos sobre as periferias passam a surgir com maior relevância no cenário acadêmico, tendo como base os debates teóricos que a antropologia havia como acúmulo. Janice Perlman (1977) propõe a existência do mito da marginalidade, tendo como base um denso trabalho de campo que fez nas favelas do Rio de Janeiro desde fins da década de 1960. Revisando o debate sobre periferias, ela afirma que “seja a migração, o crescimento natural ou a supermecanização a causa principal da hiperurbanização, o fato é que o fenômeno constitui um dos principais desafios dos nossos tempos para os planejadores” (p. 33). Ela divide as teorias sobre o processo de urbanização acelerada em três: as que são negativas quanto a ele, e enxergam nos migrantes um grave problema para a construção das cidades; as positivas, que visualizam a urbanização como processo natural para a modernização; e as condescendentes, que enxergam as migrações como um mal necessário para o avanço dos centros urbanos. O mito da marginalidade o qual a autora desconstrói são “estereótipos populares e eruditos do pobre urbano” (p. 285), que, conforme a autora, não condizem com a realidade das favelas do Rio, apesar de serem referência para as políticas públicas que afetam suas populações. Com isso, Perlman destaca a diversidade de casos que existem conforme cada favela, cada clã ou família, cada indivíduo.

Outro estudo que compartilha a mesma abordagem é o de Zaluar (2000), cujo objetivo é a apreensão do “modo de vida das classes populares” (p. 9) no conjunto habitacional Cidade e Deus, no Rio de Janeiro. Os temas tratados são principalmente as relações familiares, as relações entre vizinhos, e as organizações populares. A autora tem como base principalmente Eunice Durham e Ruth Cardoso. Ambas as pesquisadoras iniciaram seus trabalhos de campo em meados dos anos 70, e seguiram fazendo-os durante os anos 1980. Com uma perspectiva

similar, Fonseca (2004) faz um estudo em vilas de Porto Alegre na década de 1970, destacando principalmente a diferenciação dos papéis sociais conforme o gênero, a idade e as condições econômicas por meio dos conceitos de fofoca e honra.

Os estudos de Pearlman, Fonseca e Zaluar trazem à tona as relações existentes entre a população moradora dos espaços periféricos, suas particularidades e especificidades. Além dos conceitos teóricos, a metodologia de pesquisa etnográfica também passa a ser utilizada com mais frequência em estudos sobre periferias, que em geral contavam com dados quantitativos para sua análise. Tais considerações também passam a servir de acúmulo para as pesquisas sobre periferia.

A partir dos anos 1990, há uma mudança no debate, quando se acentua a preocupação não apenas acadêmica sobre as periferias e favelas, devido aos diversos problemas envolvendo a população pobre que passaram a ter mais impactos no resto da sociedade brasileira. A forte articulação do tráfico de drogas e armas, o desemprego estrutural, a falta de condições mínimas de sobrevivência nesses locais, como ausência de saneamento básico e aparato público no setor da saúde, por exemplo, são fatores que trazem à tona a discussão sobre os espaços de moradia da população pobre. O foco da análise acaba reproduzindo a “visão de fora” das periferias, enfatizando o que não teria nesses espaços.

Estas análises levaram a cabo o olhar externo à periferia, partindo dos paradigmas já acumulados anteriormente, em que a situação das periferias e favelas era outra, acentuando, assim, a contradição existente nessa visão da pesquisa científica. Explicitados os limites das teorias anteriores, e pela necessidade de abranger aspectos que essas teorias anteriormente citadas não davam conta, passaram a surgir questões que elas não conseguem responder:

Afinal, que cidade é essa que não estaria presente nas favelas e periferias? Não seria a mesma cidade que as produz e que é também produzida por elas? E o que dizer da enorme parcela da sociedade que vive nesses espaços, das práticas, relações, disputas que os produzem e lhes dão sentido cotidianamente? Não seriam estes outros aspectos a serem considerados como forma – sim – de produção da *cidade*? (ROSA, 2009, p. 11)

Neste sentido, ao fazer um quadro histórico do urbanismo brasileiro, Maricato (2000) aponta para uma continuidade da maneira como o Estado planeja a organização do espaço no Brasil baseada no ideal de propriedade privada institucionalizado pela última vez por meio da Lei de Terras de 1850. A autora coloca que independente do governo que assumiu o poder nacional, permanentemente houve o crescimento da cidade ilegal – e com ela a expansão da pobreza, desamparo e violência.

A partir dos anos 1980, período lembrado pelos historiadores como década perdida, caracterizado pela estagnação econômica e pela primeira crise de desemprego, inicia-se o processo de redemocratização pós-ditadura militar expresso na reorganização partidária, na articulação de movimentos sociais e em expressivas mobilizações como o movimento “Diretas Já!”, as eleições diretas para presidência e legislativo, além da reelaboração da constituição brasileira, promulgada em outubro de 1988. Nesse período, a dinâmica de constituição das periferias e de reprodução da pobreza não apresenta alterações significativas (MARICATO, 2000).

Nos anos 1990, com a introdução das políticas neoliberais, há uma fragilização do controle do Estado sobre a economia, além de privatização de empresas estatais e corte de políticas sociais. Este cenário permite a articulação, ampliação e intensificação de carteis econômicos internacionais no país, dentre eles o do crime organizado, que assenta os pontos de venda de sua indústria principalmente nos espaços periféricos, que aposta “na flexibilidade local e na complexidade internacional” (CASTELLS, 1999, p. 241). Além disso, verifica-se no período em questão um aumento da população em periferias e favelas urbanas, e o surgimento de novos agrupamentos periféricos. As pessoas residentes em periferias urbanas passam a ser afetadas por este processo, principalmente pela precarização das relações de trabalho e pelo desemprego estrutural.

Os jovens moradores de periferias em especial passam por um processo intenso de transformação de suas perspectivas com a possibilidade de trabalho no mundo do crime (FEFFERMANN, 2006). Seja pelas escassas opções de escolha de formas de obter renda, seja por reconhecimento em um cenário que os torna invisíveis, aumenta a adesão destes jovens no tráfico de drogas, armas e outros serviços. Associados a esses fatores estão o aumento da violência nestes espaços, e de mortes de jovens por homicídio – principalmente por armas de fogo.

A visão dicotômica que a sociologia urbana concebeu em estudos sobre os espaços de moradia dos pobres passa a ser questionada. Rosa (2009) elabora uma revisão de pesquisas sobre periferias e favelas, produzindo um “estado da arte” sobre o assunto, em discussão acerca dos conceitos de periferia e favela. A autora aponta principalmente as diferenças entre os estudos macrossociais dos anos 1960 e as etnografias que passam a ser produzidas em período posterior, além dos estudos dos anos 1990, que enfatizam as “ausências” das favelas e periferias. Seu foco na sociologia urbana revela a pertinência deste viés teórico nos estudos sobre o tema da periferia. A autora baseia-se principalmente nas obras de Valladares e Zaluar para pensar a construção da ideia de periferia e favela no pensamento social brasileiro.

Atualmente, há uma grande diversidade de abordagens sobre o tema das periferias e favelas nas ciências sociais brasileiras. Entre os assuntos que mais nos interessam para esta pesquisa podemos destacar as pesquisas que estudam o fenômeno dos movimentos culturais que emergem nas periferias nos dias de hoje. Em geral tais abordagens têm como objeto de pesquisa a juventude destes locais. Em reflexão sobre as possíveis articulações entre cultura e política nos cenários urbanos, Nascimento (2009) tem como recorte analítico o investimento nos projetos de ação cultural protagonizadas por artistas periféricos. Desta forma, propõe a renovação do debate sobre o conceito de periferia de São Paulo. Para a autora, uma das questões-chaves é “como e por que artistas e projetos coletivos de ação cultural assumiram como principal característica o papel de produtores e amplificadores da cultura da periferia?” (p. 18).

No mesmo sentido, um estudo sobre a estética do Rap aponta para o potencial político que possuem os movimentos culturais que emergiram das periferias (BERTELLI, 2012):

(...) em que sentido a dinâmica cultural e a dinâmica política são coextensivas, isto é, qual é a politicidade própria ao cultural ou, de modo mais específico ao nosso propósito, quais relações podem existir entre a estética do RAP e a conflitualidade política presente na dinâmica urbana de São Paulo? (p. 4-5).

Nos últimos anos, com a emergência de movimentos culturais nas periferias muitos estudos vêm focando as relações existentes na produção cultural que envolve estes espaços. Estes estudos têm como base tanto a discussão sobre as disputas territoriais nos centros urbanos provinda da sociologia urbana, quanto as pesquisas etnográficas que enfatizam as particularidades do universo social das periferias, como as relações de gênero, as linguagens, as relações familiares, dentre outras. Em uma monografia realizada em uma periferia de São Paulo foi possível aproximar-se do que significa periferia para jovens que lá moravam:

Periferia, palavra que marca uma posição do rap e de outras expressões juvenis da quebrada no mundo público. Território existencial em que “a vida é loka”, “diferente da novela”; a expressão vida loka volta a ser usada (...) para marcar a oposição às imagens ilusórias, falsas, publicizadas pelo sistema, via telenovelas (MALVASI, 2012, p. 7).

O autor buscou compreender as diferenças e semelhanças entre diferentes visões de jovens moradores, o que trouxe à tona diversos discursos que se entrecruzam na mesma região, e algumas vezes entre as mesmas pessoas. A noção de que “a periferia expressa, simbolicamente, um *locus existencial* onde pessoas insuficientemente socializadas, segundo o

marco normativo, podem sofrer interferências em suas vidas” (p. 17), acaba por definir o que parece ser periferia para estes jovens conforme o autor.

Nos estudos sobre periferias, encontramos, desta forma, as duas principais maneiras de se pensar o espaço de moradia dos pobres no pensamento social brasileiro: primeiramente as análises macrossociais, influenciadas principalmente pelo marxismo, e posteriormente os estudos etnográficos, em sua maioria na área da antropologia. Recentemente observamos que as pesquisas sobre os espaços de moradia dos pobres têm como referências tanto as considerações históricas gerais as quais enfatizam os autores marxistas quanto aspectos particulares às relações sociais da periferia. Isso faz com que pesquisadores adotem diversas metodologias possíveis e estabeleçam maior diálogo e complementaridade entre as diferentes teorias. É importante ressaltar que não há apenas estas duas vertentes na pesquisa social sobre periferia. Atualmente, ao mesmo tempo em que há estudos que se atêm em apenas uma das vertentes anteriormente explicitadas – conforme o enfoque que se pretende obter – há estudos que consideram ambos os pressupostos, em uma síntese teórica dos estudos marxistas macrossociais e as etnografias sobre periferia. Para fins desta pesquisa, esclarecer e superar as diferenças entre ambas se mostra necessário, na busca por uma complementaridade entre elas.

Assim, dois elementos são fundamentais para o que se pretende neste estudo: o primeiro é o trabalho, que está presente desde o início na vinda de populações rurais em busca de emprego nas cidades, até os dias de hoje, no cenário atual dos jovens de periferia, que não se identificam com as relações institucionais do trabalho formal. O segundo elemento é o espaço, que configura as relações existentes nos grandes centros urbanos. No processo de urbanização, o isolamento relativo de grupos sociais dentro das mesmas cidades conferiu e ainda confere particularidades aos moradores conforme cada localidade em específico. A partir deste elemento que podemos discutir em termos de espaços periféricos, e caracterizar determinados atores – como os jovens – como sendo de periferia.

Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que os fenômenos estruturais que caracterizam as periferias e sua população não nos permitem compreender alguns aspectos dos ambientes periféricos. A variedade de fenômenos que têm influência, de diversas formas, nos moradores das periferias, faz com que haja muitos casos conforme cada agrupamento periférico, cada família, cada indivíduo. Para fins desta pesquisa, nos ateremos a compreender as especificidades locais para contrastá-las ou assemelhá-las a outros casos regionais e nacionais. Os sujeitos da pesquisa – jovens – nos auxiliam a constituição de suas especificidades, com suas trajetórias e projetos de vida, e cada um possui uma história específica, mesmo que generalizável conforma a abordagem que se pretende ter.

Por fim, existem atualmente diversos estudos sobre periferias, como revisado por Rosa (2009) e Nascimento (2009), focados principalmente no eixo Rio-São Paulo, carecendo de pesquisas mais aprofundadas em outras áreas urbanas. De acordo com dados do último censo do IBGE de 2010, afora as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, temos um alto índice de pessoas de baixa renda residentes em domicílios não regularizados no país. Esses dados demonstram que existe um grande contingente da população brasileira pobre que habita lugares que não são as periferias paulistas e favelas cariocas, em sua maioria nas grandes capitais de outros estados, além de cidades do interior e no meio rural. Isto traz às atuais pesquisas a necessidade de estudo destes espaços em outras localidades do Brasil, para entender suas especificidades. A centralidade de estudos no sudeste do país acaba por tomar como nacionais dimensões específicas destas localidades, que possuem características próprias, já que concentram boa parte da riqueza e população brasileiras. Mesmo que a lógica de reprodução do capital seja semelhante, o Brasil é um país cultural e historicamente heterogêneo, e estudos sobre suas diversas regiões nos auxiliariam a constituir um quadro mais preciso da população. Estes estudos precisam considerar as particularidades de cada região ou localidade, dialogando com o quadro geral do país.

2.2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA JUVENTUDE

Os jovens passam a ter um papel diferenciado na cultura ocidental desde o início do séc. XX, transformando-se no período do pós-guerra, com a força da industrialização e urbanização aceleradas no mundo todo, e assumindo características diversas até os dias de hoje. A identificação coletiva entre jovens, observada nas gangues das grandes cidades dos Estados Unidos, tem matrizes que nos ajudam a entender as identidades juvenis atuais, se compreendermos as transformações as quais passaram. Estudos da Escola de Chicago já verificavam que a segregação escolar fez com que crianças, adolescentes e jovens passassem grande parte do tempo com pessoas da mesma idade, em separados dos adultos, estimulando a criação de linguagens e valores próprios dessa população.

Pesquisadores da Escola de Chicago, nas primeiras décadas do século passado, preocupados em entender o aumento da marginalização, prostituição e delinquência na cidade tiveram como objeto de estudo as gangues juvenis. De Trasher (1929) a Whyte (1943), os

estudos sobre juventude da Escola de Chicago demonstram uma proximidade entre juventude e urbanização, e contribuem para a sociologia como um todo na compreensão dos estilos urbanos e seus significados para os atores em questão.

A base teórica dos estudiosos da Escola de Chicago estava na abordagem de Park (1926). Este autor se fundamenta nos conceitos de "contágio social" e "região moral": para ele o ambiente de liberdade e solidão das grandes cidades permitia que os comportamentos desviantes, que nas comunidades rurais de origem eram sistematicamente reprimidos, encontrassem na cidade um terreno favorável para se difundir através de um mecanismo de "contágio social", que gerou "regiões morais", onde prevaleciam normas e padrões "desviantes".

Um dos efeitos mais visíveis deste processo era a proliferação de gangues juvenis de rua (*street-gangs*) em certas zonas da cidade, que prontamente suscitaram a preocupação das instituições por sua aparência extravagante e suas atividades delitivas. O fenômeno das gangues atraiu pesquisadores da Escola de Chicago que foram os primeiros a abordar o tema com critérios científicos (FEIXA, 1994, p. 140). Thrasher (1927) fez uma pesquisa com diversas gangues de Chicago, relacionando-as à sociodinâmica da cidade. Para o autor, as gangues estavam inseridas em um determinado habitat que nomeia "áreas intersticiais".

Também pesquisando gangues urbanas, Whyte (1943) promoveu uma mudança de perspectiva, na medida em que o contexto também muda. A crise econômica de 1929 provocou uma onda massiva de desemprego nos Estados Unidos, e os jovens foram bastante afetados por isso. Assim, estudou duas diferentes gangues: os garotos da esquina (*street-corner boys*) e os garotos da universidade (*college boys*), reconhecendo uma estrutura hierárquica nas gangues, além de valores e identidades próprias.

Após a Segunda Guerra Mundial, com a difusão da cultura de massas, começa a surgir uma indústria cultural própria para adolescentes e jovens, principalmente nos EUA. Neste contexto, Parsons (1963), expoente máximo da escola estrutural-funcionalista, produz alguns estudos sobre a juventude, nos quais propõe, com pressupostos científicos, a ideia de cultura juvenil. Ele ressalta o desenvolvimento de grupos etários em um cenário no qual surgia uma nova consciência geracional, com valores próprios. Conforme o próprio autor:

A juventude em nossa sociedade é um período de considerável tensão e insegurança (...). Há razões para pensar que a cultura juvenil tem importantes funções positivas ao facilitar a transição da segurança da infância da família de orientação aos *status* matrimoniais e ocupacionais adultos. (p. 101).

Outros estudos sobre juventude que merecem atenção são os estudos da Escola de Birmingham sobre subculturas juvenis. A maioria dos pesquisadores que se dedicaram a entender tal fenômeno tinha uma forte base marxista, e relacionavam as expressões juvenis à ideologia de classe (FILHO & FERNANDES, 2005). Ao pesquisar jovens de um bairro popular de Londres, Cohen (1972) enxerga nas diferentes expressões juvenis o mesmo fenômeno: subculturas que surgem como consequência do processo desenvolvimentista dos anos 1960, que trouxe consigo a nuclearização da família, a desestruturação da vida comunitária e o desaparecimento dos empregos nos bairros. Para ele

(...) a sucessão de subculturas pode ser considerada como diversas variações em torno de um tema central: a contradição a nível ideológico entre o puritanismo tradicional da classe operária e a nova ideologia do consumo, e a um nível econômico entre a elite ascendente e o novo lumpen (p. 23).

Mais recentemente, Feixa (1994) faz uma retomada dos estudos sobre juventude voltados à área da cultura, propondo o conceito de culturas juvenis. O autor ressalta que o termo subculturas possui muitas interpretações, fugindo do que se pretende apreender. Da mesma forma, utiliza o termo no plural para dar conta de assimilar a heterogeneidade de situações da juventude “segundo articulações de classe, geração, gênero, território e etnia” (p. 167).

No Brasil os estudos sobre juventude há muito tempo assumem grande importância no cenário acadêmico, percorrendo temas como educação, trabalho, exclusão social, política, sexualidade e gênero. Isso ocorre tanto pelo fato de que parcela significativa da população é jovem, quanto pela emergência da questão na agenda pública.

Desde os anos 1970 verificamos estudos sobre a juventude no Brasil. Foracchi (1972) propõe uma discussão sobre características próprias da juventude, em que põe foco na rebelião da juventude na sociedade moderna, assumindo que o movimento estudantil representa a forma predominante de manifestação das rebeldias juvenis. Desta forma, aborda “a crise da juventude e sua canalização expressiva no movimento estudantil como uma manifestação contemporânea da crise social” (p. 117).

Uma revisão rigorosa de pesquisas sobre o tema da juventude é feita por Sposito (2009). Primeiramente a autora faz uma revisão da produção discente sobre juventude na pós-graduação em Educação de 1980 a 1998 e posteriormente da produção discente sobre juventude na pós-graduação em Educação, Ciências Sociais (antropologia, sociologia e ciência política) e Serviço Social de 1999 a 2006. Nesta obra, Sposito verifica as principais inflexões e aportes teórico-metodológicos observados e também sugere novas vertentes de investigação para problemáticas ainda pouco exploradas. De forma crítica, a autora coloca que

(...) um traço comum na produção acadêmica tem sido a falta de acumulação no processo de conhecimento (Arretche, 2003). Trabalhos não dialogam entre si, apesar da abundância de referências bibliográficas. São raros os estudos que constroem problemáticas a partir de um diálogo horizontal com os autores que produzem sobre o tema e, em geral, não há debate acadêmico em torno de hipóteses que mereçam investigação. (p.40).

Em estudo sobre as gangues, galeras e quadrilhas de jovens no Brasil, Zaluar (1997) retoma os estudos sobre gangues estadunidenses e *galères* francesas no intuito de relacionar o surgimento destes agrupamentos juvenis nestes outros países com os agrupamentos juvenis brasileiros. Para ela, ocorre um processo de difusão cultural que permite imitações entre os jovens de diferentes localidades, mas que não chegam a reproduzir completamente a versão original, adaptando-se conforme seu contexto específico. Assim, a autora ressalta as diferenças, por exemplo, entre as juventudes estadunidense e brasileira e as juventudes europeias quanto ao envolvimento com o tráfico de armas e drogas, presente nos primeiros casos e ausente nos segundos. Os processos históricos pelos quais os países passaram e a cultura política do Estado e dos cidadãos são postos em primeiro plano nesta análise, além da violência juvenil.

A juventude em questão no estudo de Zaluar é a juventude periférica, assim como a juventude presente nos estudos das Escolas de Chicago e de Birmingham. Neste sentido, Dayrell (2002) pesquisa recentemente a importância da produção cultural na vida de jovens de periferia. O autor aponta contradições no seio das relações que estes jovens têm na sociedade atual. Para ele, a escola e o trabalho não conseguem cumprir sua antiga função de possibilitar a mobilidade social. Assim, a falta de recursos para poder investir na produção de suas expressões leva estes jovens a buscarem empregos que exigem mão-de-obra não qualificada, e deixar de lado seu potencial expressivo.

Da mesma forma, outros estudos questionam as possibilidades de vida de jovens com poucos recursos econômicos no Brasil. Camarano *et al.* (2006) fazem uma análise sobre a juventude no Brasil com dados nacionais do Ipea, se questionando sobre as possibilidades de entendimento das fases da vida, em especial da juventude. Há uma parte do livro dedicada a indagações sobre jovens que não estudam e nem trabalham e jovens que não chegam à idade adulta por casos de homicídio. A obra demonstra a importância de entendermos as várias fases da vida como processos em aberto, sem trajetórias rigidamente estabelecidas, com variações conforme peculiaridades de cada situação.

Podemos verificar que este estudo aponta para uma síntese das teorias que embasam os estudos sobre juventude no Brasil no último período (CAMARANO *et al.*, 2006, p. 14). Para estes autores, inicialmente predominava a visão do jovem como indisciplinado, com dificuldade

de inserir-se na sociedade. Esta visão enfoca fenômenos como a violência, a delinquência e a marginalidade, baseados principalmente nos dados que demonstravam o aumento da mortalidade entre os jovens nos últimos anos. Posteriormente, verificamos o predomínio de estudos que trazem à tona a inserção dos jovens no novo mundo informatizado e digitalizado, apontando como estes estavam em uma posição privilegiada por terem acesso desde cedo a este universo, constituindo a parcela da população que mais teria condições de lidar com este novo contexto. Tais vertentes de estudos sobre a juventude a tratam como uma categoria homogênea.

Atualmente, já há um consenso que o mais adequado é falar em juventudes e reforçar a ideia da diversidade, evitando a homogeneização que não reflete a realidade (DAYRELL, 2005, p. 21). Existem múltiplas maneiras de se passar pelo período da juventude, de acordo com classe, gênero, etnia, dentre outros fatores presentes na vida dos jovens, que podem ter diversas variações quanto ao tempo de duração e os fatores que levam à autonomização do jovem. Por mais que a faixa etária e algumas características subjetivas e biológicas aproximem essa multidão, o contexto socioeconômico e cultural proporciona experiências de juventudes diversas.

Baseados em pesquisas quantitativas nacionais, Camarano *et al.* (2006) traçam perfis de juventudes no Brasil, destacando a importância de enxergar a juventude como uma fase da vida de caráter transitório, com eventos que marcam seu início e final. Esta posição não supõe, como pode parecer, que existem momentos rígidos de transição entre etapas da vida. Pelo contrário, para eles há uma maior maleabilidade no curso da vida nas últimas décadas, que “se apresenta como um espaço para novas e inovadoras experiências, em oposição à ideia de que ele se constituía apenas de passagens ritualizadas de uma etapa para outra” (p. 21).

Conforme os mesmos autores, a juventude, período da vida entre a infância, quando se é dependente dos pais ou responsáveis, e o período adulto, quando se torna autônomo, caracteriza-se justamente pela busca por autonomia. A juventude na sociedade contemporânea é, conforme estes autores, um momento de transição para a vida adulta, caracterizada pela busca por autonomia, em que os jovens começam a definir alguns aspectos fundamentais da vida contemporânea: o estudo, renda própria através do trabalho, constituição de família e lar. Este se encerra no período adulto, quando é alcançado um outro grau de autonomia. De acordo com Pimenta (2007)

Do ponto de vista sociológico, a delimitação das fases da vida e a diferença entre as gerações assumem importância quando observamos que a transição de um grau etário para outro significa uma mudança de estatuto perante o grupo social. Assumir um novo estatuto significa não apenas passar a ter *direito* a um conjunto de privilégios,

mas também assumir novos deveres e obrigações, assim como demonstrar aptidão para exercer determinadas atividades. (p. 70-71)

Neste sentido, ressalta-se a importância das relações entre os jovens e os grupos sociais dos quais faz parte. A transição de graus etários define-se a partir do momento em que os direitos, deveres e obrigações – em outras palavras, o estatuto – das pessoas mudam. Estas mudanças ocorrem no âmbito das relações dentro do mesmo grupo social, ao passo que um dos membros do grupo assume paulatinamente novas responsabilidades, e amadurece.

Desta forma, compreendemos a juventude enquanto um período de afirmação de identidades, por este período ser, como dito anteriormente, de tomada de decisões que guiarão a vida adulta. Neste sentido, as identidades que já carregam os jovens durante sua vida acabam tendo uma importância fundamental. No centro de todas estas definições está a afirmação das identidades juvenis. As identidades juvenis são aspectos que permeiam o cotidiano da juventude. De acordo com Dayrell (2005):

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. (p. 15-16)

A cultura individualista, predominante em nossa sociedade, coloca o indivíduo no centro da própria reprodução da vida em sociedade, empurrando para cada um o dever de se autoconstruir enquanto sujeito dentro de uma sociedade que possui múltiplos referenciais. O avanço da tecnologia de informação e comunicação em massa é um bom exemplo da capacidade que possuímos de ampliar as possibilidades de afirmação e construção de um imaginário coletivo. Os jovens “experimentam a reversibilidade de escolhas e decisões: tudo é passível de mudança; e vivenciam a ampliação das experiências simbólicas: tudo pode ser imaginado” (DAYRELL, 2005, p. 12). Entretanto, não há referências firmemente estabelecidas que dialoguem com o resto da produção e reprodução da vida em sociedade para os jovens. A construção de suas identidades acaba por se referenciar em suas experiências durante a vida, que os formam enquanto indivíduo no mundo. O que delimita a autoconstrução de cada indivíduo, assim, são as condições materiais e dimensões simbólicas que estão à sua volta. Voltamos, então, à questão do cotidiano dos jovens, que incide sobre suas identidades, e delimita suas possibilidades de atuação na sociedade.

Jovens, em qualquer sociedade, representam o novo, consistindo em si próprios a principal fonte das transformações. (...) Enquanto uma parcela de jovens opta pela

violência e marginalização, outra busca soluções inovadoras e positivas. (CAMARANO *et al.*, 2004, p. 14)

Assim, para a compreensão do mundo da cultura na vida dos jovens, nos utilizamos de alguns preceitos básicos que nos norteiam ao longo das análises das entrevistadas realizadas. Como ressaltado, o contexto em que se encontram os jovens atualmente é um dos principais elementos destacados pela literatura, apontando para uma falta de perspectivas para os jovens, que se inserem em cenários de marginalidade e exclusão. A falta de pertencimento destes ante o mundo é reflexo da sociedade em que vivem. Entretanto, da mesma maneira, a compreensão destes aspectos passa pela elucidação da subjetividade destes sujeitos jovens. É preciso apreender tanto a dimensão individual, quanto o contexto social em voga. Desta forma,

(...) evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de *projeto* e *campo de possibilidades* podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro s-sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades. (VELHO, 2003, p. 40)

Os projetos são caracterizados por Velho como ação organizada visando a atingir algum fim. Velho baseia-se principalmente em Schutz para formular tal noção. O campo de possibilidades configura nada mais que a dimensão sociocultural na qual é possível a formulação e a realização dos projetos. Para Koerich (2013)

É importante, contudo, salientar que os projetos não são baseados apenas em expectativas, e sim, são construídos a partir de uma relação com a realidade, com o possível. (p. 61)

Ressalta-se a concretude das possibilidades dos jovens, em especial se tratando dos jovens em questão nesta pesquisa. Como será possível verificar adiante, a constante relação entre as condições objetivas e subjetivas da juventude de periferia torna-se o foco da análise, dialogando, neste sentido, com as noções de projeto e campo de possibilidades.

2.3 TRABALHO E IDENTIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Como já afirmado, a dimensão do trabalho perpassa as demais dimensões antes discutidas. A concepção de trabalho adotada nesta pesquisa considera este como toda ação

humana sobre a natureza com objetivos pré-determinados, gerando uma transformação mútua entre o homem e a natureza e estabelecendo, neste processo, relações sociais entre os seres humanos (Marx, 1980). De acordo com esta concepção o trabalho é essencial ao homem, é a atividade através da qual se põe em contato com sua exterioridade e com os outros, com os quais e para os quais realiza essa ação. Em sua generalidade antropológica, o trabalho aparece como a operação que faz de um produto natural um objeto social, não só como mediação entre a humanidade e a natureza, mas também como uma das mediações através das quais se opera a socialização dos seres humanos.

A partir do momento em que se realiza um trabalho visando a trocar o produto deste trabalho por outras coisas de interesse humano, este produto passa a ter um valor de troca. Neste caso, o produto do trabalho passa a ser considerado uma mercadoria. No modo de produção capitalista o trabalho também tem valor de troca, passando a ser mercadoria. Desta forma, pode ser comprado isoladamente. O processo do trabalho neste caso torna-se descolado dos meios de produção e do produto final. Conforme Marx este processo de trabalho aliena os seres humanos, pois os meios para a realização do trabalho e os produtos do trabalho são estranhos ao trabalhador.

Estas premissas básicas ainda são atuais ao mundo de hoje, e ainda servem para embasar esta pesquisa. Entretanto, desde a época de Marx, o mundo do trabalho passou por muitas transformações, e novas concepções de trabalho são formuladas nas pesquisas sociais desta área, buscando dar conta desta complexidade. Primeiramente o trabalho, enquanto sustento material, passa a tomar a forma de emprego. Na sociedade capitalista industrial, surge o trabalho assalariado, que tem como premissa a alienação do trabalho antes citada. As crises do mercado de trabalho capitalista, somadas ao constante processo de globalização do século XX, fazem surgir as categorias de desemprego e subemprego. De acordo com Blanch (2003), estas categorias são tipos-ideais criados para aglutinar casos semelhantes. Entretanto, conforme o mesmo autor, há uma grande diversidade de relações de trabalho que podem ser observadas nestes casos.

No caso do Brasil, Cardoso (2010), ao analisar a formação de uma sociedade do trabalho no país, ressalta a construção da ética degradada do trabalho, com origens no período da escravidão. A partir da relação senhor-escravo, o trabalho manual passa a ser visto como uma forma inferior de trabalho, diferentemente da visão do trabalho como algo que dignifica os seres humanos. Esta visão do trabalho como algo degradante mantém-se e renova-se ao longo do tempo, conforme a sociedade do trabalho vai se desenvolvendo, na forma de significados compartilhados na sociedade com forte presença na sociabilidade brasileira. É

também a partir desta construção que se forma a visão degradante do povo no Brasil, e a necessidade da distinção. Conforme o autor, esta forma de enxergar o trabalho mantém-se até os dias de hoje. Esse processo é assentado numa desigualdade estrutural que caracteriza a formação econômica e social brasileira ao longo da história, conforme análise de diversos autores como Furtado (1974), Fernandes (1987) e Oliveira (2003), onde apesar de suas especificidades geográficas e históricas, o Brasil aparece como um caso clássico de capitalismo dependente, dinâmico economicamente e um dos mais desiguais socialmente.

Analisando o Estado de bem-estar social praticado nos países desenvolvidos, desde o início do século XX, mas principalmente no pós-Segunda Guerra Mundial, Castel (1998) formula que estes teriam constituído uma “sociedade salarial”, como resultado das conquistas sociais e da ação do Estado, caracterizada por direitos do trabalho, saúde, aposentadoria, educação, habitação, transporte subsidiado, dentre outros. Ou seja, o trabalho assalariado como o grande marco referencial desta sociedade. A pobreza ficava relegada a grupos-problemas, geralmente imigrantes. No Brasil, no entanto, como nos mostra Furtado (1974), um dos formuladores da “teoria do subdesenvolvimento” (CEPAL), a industrialização, ao dinamizar o sistema econômico nacional, não atenuou a pobreza, acarretando até mesmo a expansão da desigualdade, que passava a assumir novas formas. Nos países como o Brasil, que não tiveram o desenvolvimento de sociedades salariais e nem a constituição de Estados de bem-estar social, com a garantia de políticas públicas universais, a desigualdade e a exclusão social seriam congêntas e estruturais.

Agravando esse quadro, durante a década de 1990, a economia brasileira passou por profundas modificações que, em grande medida, produzem a ampliação do desemprego no Brasil, agravando este quadro histórico-estrutural de forma intensa, sendo que, na desaceleração econômica pós-1997, as taxas de desemprego passaram a proporções sem paralelo na história recente do país.

Dessa forma pode-se perceber que o desemprego atual ataca o tecido social brasileiro tal como epidemia, cuja complexidade da manifestação somente pode ser entendida pelo curso do amplo período de duas décadas de estagnação econômica e pela ação, desde 1990, de um novo modelo econômico de inserção internacional desfavorável ao emprego nacional. POCHMANN (2001, p. 95).

Pochmann (2006) investiga as causas da desestruturação das formas de trabalho assalariado no Brasil na última década do século XX. Conforme este autor, há uma crise de emprego no país, caracterizada pelo “desemprego em praticamente todos os segmentos sociais, (...) regressão dos postos de trabalho formais, (...) destruição dos postos de trabalho de menor

qualidade” (p. 60). Este cenário dá espaço a empregos “flexíveis” (KOVÁCS, 2005), com menor grau de segurança e estabilidade.

O trabalho no Brasil, portanto, tem sido marcado pela informalidade e precarização, por movimentos contínuos de trânsito entre situações de emprego e desemprego, formalidade e informalidade, tendo hoje a emergência de novas formas de trabalho desregulamentado, com enormes contingentes à margem do processo produtivo, elevando a intensidade dos níveis de desemprego estrutural e agravando o quadro da desigualdade histórica herdada.

Mesmo neste contexto, no entanto, podemos dizer que o trabalho representa sim uma fonte de identificação. Antunes (1999) formula que

o direito ao trabalho é uma reivindicação necessária não porque se preze ou se cultue o trabalho assalariado, heterodeterminado, estranhado e fetichizado (que deve ser radicalmente eliminado com o fim do capital), mas porque estar fora do trabalho, no universo do capitalismo vigente, particularmente para a massa de trabalhadores e trabalhadoras (que totalizam mais de dois terços da humanidade) que vivem no chamado Terceiro Mundo, desprovidos completamente de instrumentos verdadeiros de seguridade social, significa uma desefetivação, des-realização e brutalização ainda maiores do que aquelas já vivenciadas pela-classe-que-vive-do-trabalho. (p.177).

Contudo o trabalho concreto, precário, não decente, que se apresenta aos jovens de periferia, não representa uma fonte de identificação. Ele significa a afirmação e a recriação do círculo de pobreza e de exclusão, não se constituindo como alternativa real. Trata-se da vivência contraditória entre a afirmação do trabalho como necessidade para sobrevivência e sua negação a partir da experiência de alienação e precarização, onde a reprodução do sistema de metabolismo social do capital (ANTUNES, 1999; MESZÁROS, 1995), assentado na divisão social do trabalho, busca como finalidade essencial “expandir constantemente o valor de troca, ao qual todos os demais – desde as mais básicas e íntimas necessidades dos indivíduos até as mais variadas atividades de produção, materiais e culturais – devem estar estritamente subordinadas”. (MESZÁROS, 1995, *apud* ANTUNES, 1999, p. 21). Segundo Meszáros “naturalmente, a organização e a divisão do trabalho, eram fundamentalmente diferentes nas sociedades onde o valor de uso e a necessidade exerciam uma função reguladora básica” (*op. cit.*, p. 523). Para converter a produção do capital em propósito da humanidade, era preciso separar valor de uso e valor de troca, subordinando o primeiro ao segundo, instaurando um sistema voltado para a contínua, sistemática e crescente ampliação de valores de troca, no qual o trabalho deve subsumir-se realmente ao capital. Além da alienação, a personificação do trabalho reduzindo a identidade do sujeito desse trabalho a suas funções produtivas fragmentárias (ANTUNES, 1999, p. 22).

No debate sobre construção da identidade, Velho (2003, p. 27) formula que a interação entre indivíduos e suas redes de relações permite e sustenta maiores possibilidades de trânsito e circulação entre dimensões e esferas simbólicas, onde a intensa participação com foco na identidade coletiva não elimina o nível de escolha e de opção de um indivíduo, sujeito, lidando com um repertório finito, mas com extenso elenco de combinações. A noção de campo de possibilidade e de projeto buscam lidar com a problemática da unidade e da fragmentação, bem como a questão do reconhecimento social e da identificação:

A multiplicação e a fragmentação de domínios, associadas a variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em cheque e sujeita a alterações drásticas. O trânsito intenso e frequente entre domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores, produtores de e produzidos por escalas de valores e ideologias individualistas constitutivas da vida moderna. Essa situação, como já percebia Simmel no início do século, é particularmente aguda nas metrópoles. Mas o desenvolvimento da comunicação de massas e dos processos globalizadores expande e generaliza essa problemática. VELHO (2003, p. 44-45).

As mudanças nas possibilidades de trabalho têm influência direta sobre os trabalhadores, tanto objetiva, quanto subjetivamente. No âmbito da subjetividade encontramos os sentidos – categorias individuais – o e os significados – compartilhados coletivamente – atribuídos pelos trabalhadores ao trabalho (COUTINHO, 2009).

A noção de identidade possui diversos matizes teóricos e utilizações práticas no campo das ciências humanas, sendo utilizada em muitas disciplinas: sociologia, antropologia, psicologia, filosofia, história, dentre tantas outras. Essa variedade confere ao conceito diferentes definições e usos, tanto no meio acadêmico quanto no senso comum. Conforme Naujorsk (2011) pelo menos quatro aspectos estão presentes nas definições de identidade: “1) a identidade é produzida a partir das relações sociais; 2) essa produção envolve processos cognitivos e afetivos; 3) ela envolve tanto indivíduos quanto coletividades; e, ainda, 4) implica em processos de reconhecimento e diferenciação social” (p. 71). Para fins desta pesquisa, partiremos da discussão que assume que toda identidade é uma construção social.

Conforme Dubar (1998), a literatura sobre identidade assume duas maneiras de concebê-la: enquanto identidade pessoal (o que sou/gostaria de ser), e enquanto identificação social (como sou definido/o que dizem que sou). Para o autor, tais visões não se conciliaram, e ainda configuram respectivamente uma visão focada essencialmente no indivíduo e outra focada no contexto social no qual o indivíduo se insere.

Para Spink (1994), existem tempos a serem considerados quando investigamos identidades. Nesta formulação, a autora afirma que em uma entrevista – na pesquisa social – precisamos considerar que o entrevistado carrega em sua fala toda a história anterior a ele

(tempo histórico), sua própria experiência (tempo vivido), e a produção de sentido que ocorre no ato de falar (tempo presente). Essa posição é assumida tendo como metodologia a análise de produção de sentido. Produção de sentido é entendida como “um processo de negociação continuada de identidades sociais” (p. 150). Ela ocorre no momento das falas do entrevistado, as quais Spink nomeia de práticas discursivas. Nessa acepção, pesquisa-se “o processo de elaboração do discurso (ao invés do conteúdo das representações) a partir de estudos de caso em profundidade” (p. 37).

Em pesquisa com adultos assalariados e jovens desempregados, Dubar utiliza um método de categorização das identidades: as formas identitárias, que são

tipos-ideais construídos pelo pesquisador para dar conta da configuração e da distribuição dos esquemas de discurso delimitados pela análise precedente. Elas constituem recategorizações a partir das ordens categoriais circunscritas pela análise indutiva dos relatos, comparados uns com os outros antes de serem reagrupados por “agregação em torno de unidades-núcleos” . DUBAR (1998).

Este método não cristaliza identidades, pelo contrário, torna claros os diferentes processos de construção de identidades. Neste sentido, Coutinho (2009) afirma que dadas as características de continuidade e descontinuidade simultâneas da modernidade, “as identidades devem ser compreendidas como identificações em curso” (p. 195). Da mesma maneira podemos pensar a construção de identidades juvenis em curso, apreendê-las por meio da análise da produção de sentido e categorizá-las em formas identitárias.

Dubet (1994), ao analisar as possíveis interpretações do termo sociedade, distingue diferentes maneiras de concebê-la na sociologia, e demonstra que ela também é socialmente construída (p. 49). Tal análise permite ao autor formular a noção de experiência social, pois assim como há diferentes entendimentos e incongruências sobre o que significa sociedade, da mesma maneira a ação social pode ser interpretada na ausência de um sentido unitário, sob registros e significações múltiplos. Este aporte pode ser aplicado metodologicamente na compreensão dos diversos sentidos que um ator social pode ter sobre os mesmos aspectos, como, em nosso caso, os jovens em relação aos sentidos atribuídos à arte e ao trabalho e sua própria condição juvenil.

2.4 ARTE E CULTURA COMO PRÁXIS COLETIVA

A cultura e a arte suscitam cada vez mais o interesse da juventude, o que se expressa pela ampliação e diversificação das práticas artísticas afirmando sua importância social dentre os jovens, demonstrando que a relação artística com a realidade aparece como uma relação essencial. Esta relação constitui identificações, o que em muito se contrapõem à situação de vulnerabilidade e exclusão social, aparecendo como alternativa de expressão e de afirmação de identidade.

Retomamos inicialmente o debate acerca da cultura. Em sua forma original, conceito de cultura foi cunhado para separar as ações humanas dos fatos inevitáveis da natureza, a partir da segunda metade do século XVIII (BAUMAN, 2012). Neste formato, cultura abrange o que os seres humanos podem fazer, enquanto a natureza determina as condições as quais ele encontra limites a suas possibilidades. Durante o século XIX, há uma mudança gradual no pensamento social, que passa a naturalizar cultura. Para Bauman (*op. cit.*), trata-se de “parcela do moderno desencantamento do mundo” (p. 12), quando se percebe a força que a cultura tem sobre as nossas possibilidades de ação. Uma das mais influentes expressões desta forma de conceber a cultura humana é a obra de Émile Durkheim, a partir do conceito de fato social. O autor desvenda como nossas relações sociais, criadas por nós mesmos, também são uma base finita na qual fazemos nossas escolhas. Na segunda metade do século XX, inverte-se tal relação, e o conceito de cultura ganha força no pensamento social, caminhando para a culturalização da natureza.

Atualmente, a forma como o pensamento social aborda o conceito de cultura parte do pressuposto que o mesmo conceito admite duas facetas opostas da condição humana, e as congrega: em um só tempo, pretende significar as possibilidades de liberdade e autoafirmação, por um lado, e o mecanismo que limita o escopo de escolhas em um universo finito, compreensível e administrável, por outro. A autoafirmação e a regulação normativa caracterizam a mesma ideia de cultura. Para Bauman (*op. cit.*), esta ambivalência reflete a mesma característica na ideia de ordem. A ordem construída pelo ser humano, ao mesmo tempo em que lhe proporciona formular classificações da realidade, também pode lhe restringir as possibilidades de sair desta ordem.

Dentro destes pressupostos, podemos pensar a relação que há no mundo de hoje entre cultura e identidade. Hall (1996) distingue as compreensões naturalista e discursiva dos processos identificatórios. A primeira remonta às origens comuns, às características

compartilhadas do indivíduo com um grupo o qual este indivíduo possui algum alicerce comum de solidariedade e fidelidade. Já a segunda diz respeito a uma identificação sempre em construção, inacabada, em um processo constante de ganhas e perdas de sentidos e significados.

No estágio atual de produção e distribuição de produtos culturais, verificamos uma forte presença da identificação discursiva. Os produtos culturais viajam entre diferentes localidades do mundo com mais facilidade que nunca, por meio da tecnologia que nos conecta atualmente. A difusão de padrões e produtos culturais constituem a nossa realidade, com desarraigamento e disponibilidade a diferentes culturas como nunca antes visto. Neste cenário, o processo de identificação dos indivíduos apresenta escolhas, retenções e recombinações constantes, que apontam para uma mistura e variedade cultural imensa.

Entretanto, ao mesmo tempo, atualmente observamos um processo globalizado de padronização e imposição de modelos culturais, em disputas intercontinentais (BAUMAN, *op. cit.*). A ambição moderna de dissolução das identidades locais em âmbitos supralocais busca a homogeneidade para a facilidade de controle, de compreensão do mundo, buscando sempre expandir suas influências, seja em quais sentidos forem. A instrução, o controle, o treinamento, a coerção são formas de atuação desta visão. Com estes dois aspectos opostos presentes de forma geral no mundo globalizado de hoje, voltamos à ambiguidade do conceito de cultura antes sublinhado.

Nestes termos, as formas clássicas de conceber cultura nos abrem espaço para uma definição deste conceito para o que aqui pretendemos. Seguindo a concepção de Durkheim (2003), podemos entender a cultura como algo acima do real e que tem influência sobre ele. De acordo com este viés, a cultura tem um vínculo íntimo com a natureza humana necessária à sua existência, ligando-se, desta forma, à própria sobrevivência da sociedade, e faz este papel atuando sobre as subjetividades humanas como podemos perceber pelo conceito de mentalidade coletiva. Neste caso, sociedade e cultura se fundem, e só podem ser compreendidas ligadas uma a outra.

Neste sentido, concebemos a cultura não apenas enquanto um fator presente nas mentes humanas, no aprendizado de cada indivíduo, e também, não a compreendemos como algo externo aos indivíduos, posto que depende destes para que seja possível sua existência. Considerando ambos aspectos, podemos afirmar que

O conceito de cultura é a subjetividade objetificada; é um esforço para compreender o modo como uma ação individual é capaz de produzir uma validade supraindividual; e como a realidade dura e consistente existe por meio de uma multiplicidade de interações individuais. A ideia de cultura parece encaixar-se no modelo postulado por C. Wright Mills para a investigação sociológica centrada na ligação entre biografia

individual e história social. Em suma, o conceito de cultura, quaisquer que sejam suas elaborações específicas, pertence à família dos termos que representam a práxis humana. (BAUMAN, 2012, p. 227-228)

A cultura atuando nos dois polos da experiência humana nos permite evidenciar o seu constante movimento dialético de compreensão e ação. O conceito de práxis, tal como pensado por Marx (1944), parte do pressuposto que a sociedade está entre as condições materiais da sobrevivência de um indivíduo humano e as qualidades humanas universais. Ressalta-se que a noção de práxis só pode ser compreendida enquanto atributo coletivo – ou da comunidade, nas palavras de Bauman: “a comunidade (...) é o veículo e o portador da práxis” (*op. cit.*, p. 229). Como podemos ver Bauman nos fornece um caminho metodológico para a compreensão da cultura: a ligação entre biografia individual e história social, o que conduz ao que aqui pretendemos.

Com estes pressupostos, entramos na questão da arte. Definindo a sociologia estética como o estudo das correlações entre as formas sociais e as formas estéticas, Bastide (2006) afirma que cada grupo social dá uma coloração especial à arte que nasce ou se desenvolve em seu interior. Neste sentido, há grupos conservadores que perpetuam formas arcaicas de beleza ou técnicas antigas e, ao contrário, grupos que favorecem a inovação, como os adolescentes e jovens, porque formam uma geração nova em rebelião contra as gerações anteriores (p. 299).

De fato, todo o grupamento, seja ele qual for, tem uma função estética de conservação ou de propagação, de inovação ou de degradação. A arte não plana no espaço, vive num certo meio social e está sempre subordinada a um conjunto de forças que tendem a mantê-la ou modificá-la, a propiciar sua difusão ou a restringi-la a estreitos limites. (BASTIDE, 2006, p. 300).

Assim, a arte para os jovens reafirma uma certa imagem do mundo, se concretizando em formas sociais que aparecem na sociedade como relacionadas à diferentes estilos de vida. Para poder subsistir, a consciência coletiva vai se encarnar nos símbolos que serão, para os membros do grupamento, os sinais visíveis daquilo que os une.

O problema das correlações entre as formas artísticas e as formas sociais se liga de um lado, ao estudo da função conservadora/inovadora dos grupos sociais sobre a arte, de outro, ao estudo da estetização das relações sociais e da consciência coletiva. BASTIDE (2006, p. 302).

A arte é causa e efeito, é forma de expressão e cria uma linguagem própria que permite a comunicação e a construção de sentido coletivamente, reafirmando identidades. Becker (1977), analisando mundos artísticos e tipos sociais, propõe que é possível entender as

práticas artísticas considerando-as como resultado de uma ação articulada de todos os que são necessários e cooperam de alguma forma para o trabalho ser realizado da forma que é:

Defina-se um mundo como a totalidade de pessoas e organizações cuja ação é necessária à produção do tipo de acontecimento e objetos caracteristicamente produzidos por aquele mundo. Assim, o mundo artístico será constituído do conjunto de pessoas e organizações que produzem os acontecimentos e objetos definidos por esse mesmo mundo como arte. (BECKER, 1977, p. 9).

Para o autor, as pessoas articulam suas ações a partir de um conjunto de concepções incorporadas numa prática comum e nos produtos materiais do mundo a que pertencem, o que permite a existência de atividades cooperadas através das quais os produtos de um determinado mundo se atualizam. Becker propõem que não comecemos por definir o que é a arte, para depois descobrirmos quem são as pessoas que produzem os objetos por nós selecionados; pelo contrário, procuremos localizar, em primeiro lugar, grupos de pessoas que estejam cooperando na produção de coisas que elas, pelo menos, chamam de arte. É o caso dos jovens que trabalham com cultura e arte. O autor formula que, tanto do ponto de vista teórico quanto empírico, é perfeitamente possível haver vários destes mundos coexistindo num mesmo momento. Eles podem se desconhecer mutuamente, entrar em conflito ou manter algum tipo de relação simbólica ou cooperativa. Podem ser relativamente estáveis ou bastante efêmeros. Quanto a seus integrantes, podem participar de apenas um ou de vários mundos, simultânea ou sucessivamente. Jovens artistas pertencem ao mundo artístico próprio de sua época e lugar e meio social.

Qualquer valor social atribuído a um trabalho tem a sua origem num mundo organizado. A interação de todas as partes envolvidas produz um sentido comum do valor do que é por elas produzido coletivamente. A sua apreciação mútua das convenções partilhadas, e o apoio que conferem umas às outras, convence-as de que vale a pena fazer o que fazem e de que o produto de seus esforços é um trabalho válido. (BECKER, 1977, p. 11).

A possibilidade de alienação existe sempre que as transformações sociais, econômicas e políticas criam sentimentos de ansiedade e desespero, de desenraizamento e insegurança, de isolamento e apatia. Conceber a arte como um fenômeno social, como um fator positivo no enfrentamento dos problemas e contradições da sociedade contemporânea, é compreender a indispensabilidade da arte, concebida como forma de colocar as pessoas em estado de equilíbrio com o seu meio.

A atividade estética é um processo formador, com efeito direto tanto sobre a psicologia individual como sobre a organização social. Apreciamos poesia, artes plásticas, literatura, teatro, cinema, música, etc. Reagimos frente a arte como se ela fosse uma realidade

intensificada e, neste sentido, concordamos com Nietzsche quando diz que arte existe para que a realidade não nos destrua.

A vida em si é trágica, e uma arte profunda sempre começa com essa compreensão. (...) Nunca antes na história do mundo ocidental o divórcio entre o homem e a natureza, entre o homem e seu próximo, entre o homem individual e sua 'condição de pessoa', foi tão completo. Esse é um dos principais efeitos daquele sistema de produção que chamamos de capitalismo, como Marx previu. (...) Mudar o mundo, referindo-se ao sistema econômico predominante, não basta. A psique fragmentada deve ser reconstituída, e só a terapia criadora que chamamos de arte oferece esta possibilidade. (READ, 1968, p. 18)

A arte, nestes termos, apresenta-se como uma forma peculiar de trabalho criador, superando a ideia da arte e do trabalho como atividades antagônicas, tanto por não se considerar o caráter criador do trabalho humano (devido a atividade forçada, alienada, mercenária), quanto pela situação de desumanização da arte (sua alienação, sua negação). Vázquez (2011) salienta a presença do humano na arte, destacando seu extrato mais profundo e originário: o de ser uma forma peculiar do trabalho criador (p. 41).

Desta forma, consideramos, no âmbito desta dissertação, que a cultura se encontra entre os polos subjetivo e objetivo da interpretação humana, abrangendo ambos, mas não se limitando a apenas um deles. Neste sentido, as práticas artísticas e culturais – a dimensão objetiva – nos oferecem caminhos para a investigação da cultura da juventude que buscamos. Como afirma Diógenes (1998, p. 30) devemos identificar como a cultura acontece por meio das práticas culturais. A rede de significados que se produz e reproduz nas interações entre os jovens, que formam e conformam as artes por eles praticadas, e que, por sua vez, têm respaldo novamente sobre estes jovens, pode ser compreendida por meio das práticas e relações dentro do campo de pesquisa.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Como visto anteriormente, as últimas pesquisas que vêm sendo feitas sobre a periferia – não apenas na área das ciências sociais – têm tomado um novo rumo, demonstrando a necessidade de se repensar os métodos utilizados na apreensão e análise nesse tema. Considerando-se que a linha mestra da investigação é a problemática de pesquisa formulada à luz do campo de conhecimento que pretendemos estudar, o “método adotado deve ser capaz de ‘costurar’ os elementos chaves do processo investigativo” (CORTES, 1998, p. 14). Assim, recuperamos a ideia do método artesanal de fazer ciência (BECKER, 1994, p. 12), onde afirma-se que cada pesquisador pode produzir os métodos necessários para sua investigação, considerando-se que busca resolver um problema específico, dentro de um ambiente particular, recorrendo-se a técnicas adequadas à problemática estudada.

Seja qual for a técnica de análise empregada, ela deverá sempre envolver o maior grau de sistematização analítica possível de modo a permitir que se vá além da descrição exhaustiva e entediante da realidade empírica. A garantia da validade científica da análise será atestada pela possibilidade de outros pesquisadores julgarem a adequação do método empregado. (CORTES, 1998, p. 14)

A pesquisa qualitativa tem como característica a abertura a novos questionamentos e problematizações durante a pesquisa (FLICK, 2009). Enquanto o pesquisador tem contatos com novas pessoas, novos temas, novas questões, vão surgindo novas dimensões, categorias e indicadores de pesquisa. A pesquisa qualitativa permite maior diálogo entre o pesquisador e os pesquisados. A metodologia adotada nesta pesquisa contou, principalmente nas primeiras entrevistas, com muita abertura às questões trazidas pelos entrevistados. Já havia uma linha mestra de condução da pesquisa, que pretendia investigar o processo de identificação da juventude de classes mais baixas, baseando-se na literatura pesquisada, mas foram os relatos de histórias de vida que trouxeram recheio à problemática da pesquisa.

Utilizando-se da entrevista narrativa para a coleta das histórias de vida, busca-se construir conhecimentos compartilhados entre pesquisador e interlocutores, por meio de relações dialógicas, dando voz a essas pessoas, colocando-os em um papel de colaboradores na pesquisa, uma postura defendida por autores como Thiollent (2008). Com isso, pretende-se ir na direção de uma virada epistemológica e política na prática de pesquisa, assumindo como parceiros os jovens que historicamente foram excluídos de seus papéis de sujeitos do saber. A construção de conhecimento conjunta supõe uma posição do pesquisador diante dos

interlocutores, posição que foi sendo aprendida paulatinamente a cada entrevista realizada. O momento da entrevista envolve uma relação entre pelo menos duas pessoas, e

(...) quando o contexto é por sua vez marcado por relações assimétricas, as regras discursivas podem tornar-se coercitivas e inibir o aparecimento da polissemia. Por exemplo, na construção de versões na arena dos processos de saúde/doença, nossas narrativas frequentemente submetem-se às regras impostas pelo contexto discursivo: o consultório médico, a relação amorosa, as relações de trabalho. (SPINK, 1994, p. 157).

Trazemos, nesse sentido, a antropologia de Geertz e o seu entendimento sobre cultura como um conceito semiótico, no qual “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como essas teias” (GEERTZ, 1989, p. 15). Para o autor, a busca dos significados presentes nessas teias deve ser feita por uma ciência interpretativista, que busque, analiticamente, os significados dessas relações, não podendo ser obtida por uma ciência experimental positiva, que busque leis gerais para os acontecimentos estudados.

Nestes termos, propõe-se realizar entrevistas narrativas, com o objetivo de perceber, sob o ponto de vista dos jovens as questões da problemática da pesquisa. Neste momento mobiliza-se os conceitos de *produção de sentido* e *práticas discursivas*, considerando que:

Quem somos é sempre uma pergunta aberta com uma resposta mutável dependente das posições disponíveis nas práticas discursivas nossas e dos outros e, dentro dessas práticas, das histórias através das quais fazemos sentido de nossas vidas e da dos outros. As histórias estão localizadas em um número de discursos distintos e, portanto, variam dramaticamente em termos da linguagem utilizada, dos conceitos, das questões e dos julgamentos morais aí relevados e das posições possíveis aí dentro (SPINK, 1994, p. 162).

Com base nestes pressupostos metodológicos, buscamos entrevistar jovens artistas e analisamos as entrevistas utilizando-se dimensões, categorias e indicadores formulados à luz da teoria anteriormente discutida e em diálogo com as principais questões levantadas pelos jovens. Os indicadores e categorias observados nas entrevistas foram comparados entre si, buscando enxergar semelhanças e distinções entre eles. As questões mais relevantes e o contexto dos casos foram definidos com base no foco proposto na pesquisa.

Ressalta-se a importância do papel do pesquisador para a realização da pesquisa. Ao realizarmos uma pesquisa sobre as relações sociais humanas, não podemos desconsiderar a pessoa do pesquisador, que tem uma história e está imerso no mundo social em que vivemos. Desta forma, salientamos que o pesquisador já havia envolvimento com arte e com a juventude, sendo ele mesmo jovem na ocasião da pesquisa. Como afirma Flick (2009, p. 35), há

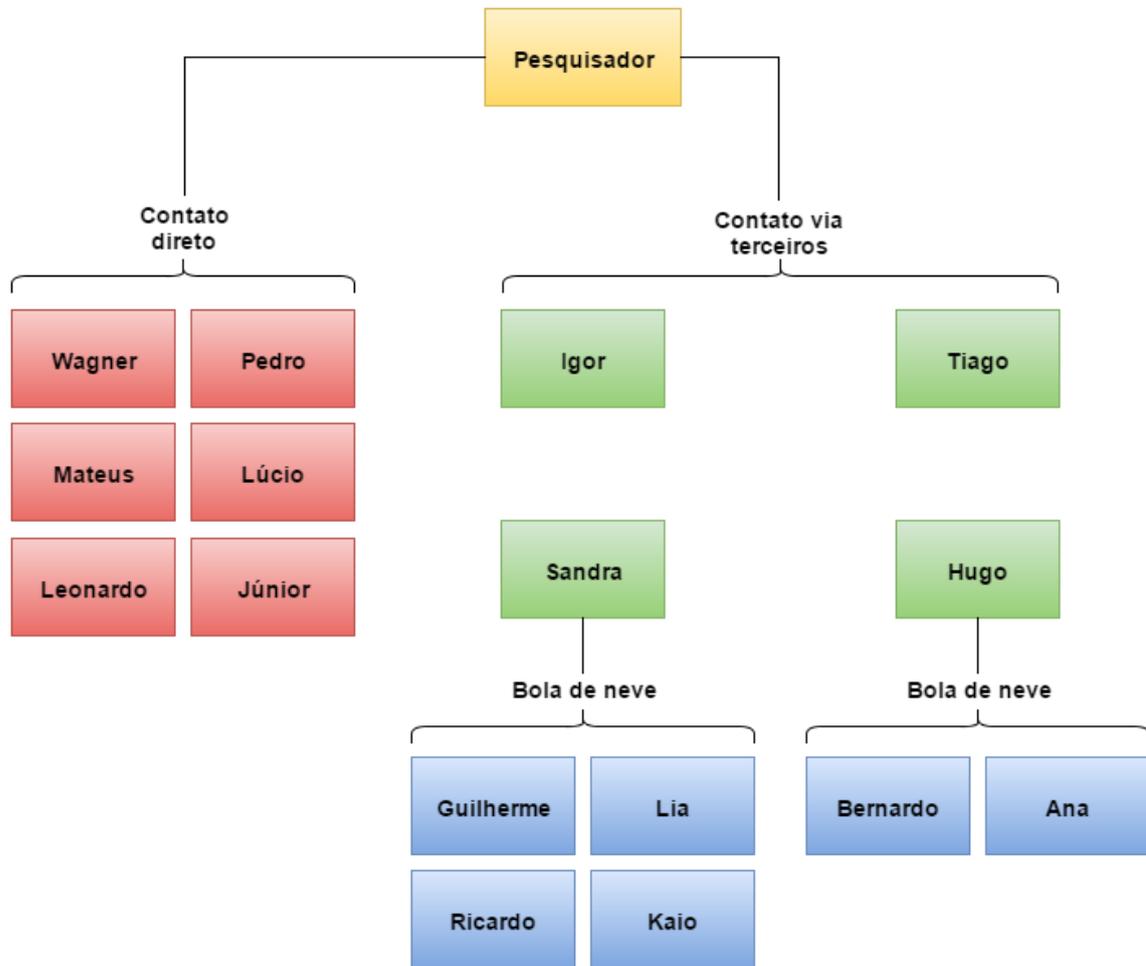
(...) diferentes fontes para se desenvolverem interesses, ideias e subsequentes questões de pesquisa. Elas vão desde experiências muito pessoais, passando por experiências e circunstâncias sociais e até problemas da sociedade e comprometimento político. (...) Há outras fontes de interesses de pesquisa, que estão situadas no interior do sistema científico (...), como muitos dos resultados de pesquisas anteriores, perguntas que ficaram sem ser respondidas, novas perguntas resultantes de conclusões anteriores, etc. Às vezes, os pesquisadores têm um interesse metodológico especial, que faz com que procurem um bom caso para explorar o potencial ou as limitações de um método.

Nesta pesquisa, além dos questionamentos gerais acerca da condição da juventude brasileira, descritos na INTRODUÇÃO, o interesse de pesquisa surge originalmente da própria condição do pesquisador, que sempre teve contato com arte e cultura, e é músico desde criança. A própria condição juvenil e a trajetória do pesquisador enquanto artista motivaram a busca pelo entendimento das dimensões da arte e do trabalho, dentre outras, no período da juventude. Além destes, a militância do pesquisador no movimento político Levante Popular da Juventude também foi base para as motivações da pesquisa ora em voga, no sentido de desvelar as relações sociais desiguais vigentes no país e no mundo.

Partindo desta base, buscou-se o referencial teórico na área da pesquisa social, como descrito no Capítulo 2, para estabelecer a dinâmica de funcionamento da pesquisa. Esta é fruto da história e das relações do pesquisador, somadas às questões elencadas a partir da revisão bibliográfica e da discussão teórico-metodológica realizadas no âmbito desta pesquisa. A metodologia da pesquisa, a pesquisa de campo e os resultados da pesquisa têm como base estes paradigmas.

Para discussão e análise da metodologia utilizada na pesquisa, cabe descrever a pesquisa de campo antes da análise das entrevistas em si. A busca e a escolha dos jovens tiveram como pressuposto inicial a proposta da pesquisa de encontrar jovens artistas de classes populares em diversas regiões de Porto Alegre e região metropolitana. Desta forma, iniciou-se a busca primeiramente com jovens que o pesquisador já conhecia por meio das vivências pessoais anteriores. Ao passo que as entrevistas foram sendo feitas, outros jovens que o pesquisador havia contato direto foram sendo lembrados e foram entrevistados. Além destes, foram buscados contatos no meio artístico e cultural que poderiam indicar outros jovens a serem entrevistados. Por meio destes contatos, foram indicados mais jovens que foram entrevistados. Após as entrevistas era questionado aos entrevistados se eles conheciam outros jovens que dialogavam com o que se pretendia na pesquisa. Outros jovens foram indicados por estes, por meio da metodologia bola de neve, na qual os participantes de uma pesquisa indicam outras pessoas que podem ser abrangidas no âmbito desta pesquisa. O fluxo das entrevistas realizadas está caracterizado na Figura 1.

Figura 1 – Fluxo das entrevistas realizadas.



Os entrevistados foram contatados via telefone ou *Facebook*, momento em que se combinava as datas e os locais para as entrevistas. Neste momento, também era feito um breve relato do que se tratava a pesquisa, para que os entrevistados entendessem do que estariam participando, e uma explicação prévia da proposta da dinâmica da entrevista. Ressalta-se que houveram jovens contatados que se negaram a realizar a entrevista por motivos pessoais.

Podemos conferir diferenças entre as entrevistas realizadas, principalmente no que tange às dinâmicas de interação e ao contexto das entrevistas. Desde a primeira entrevista, buscou-se realizar as entrevistas em locais que não oferecessem interferências excessivas à interação pesquisador-entrevistado. Mesmo assim, por vezes ocorreram algumas interferências, algumas interrompendo as entrevistas, que eram retomadas logo após a interrupção. Buscou-se também datas e horários que permitissem bastante tempo para realização das entrevistas. Na maioria dos casos, as ocasiões das entrevistas propiciaram tempo suficiente para que se fizesse um diálogo com calma e à vontade. Em algumas entrevistas o tempo teve que ser delimitado

devido a um compromisso posterior dos entrevistados. Nestes casos, estimou-se um tempo determinado para a entrevista, visando a abordar o que se pretendia dentro do tempo disponível.

A seguir são apresentados os jovens entrevistados e algumas características básicas destes jovens. Após, é descrito o roteiro de análise das entrevistas, em que são elencados as dimensões, as categorias e os indicadores da pesquisa. Além disso, são abordados os assuntos surgidos nas entrevistas e as dinâmicas de entrevista.

3.1 APRESENTAÇÃO DOS JOVENS

Foram entrevistados 17 jovens entre 18 e 30 anos residentes em Porto Alegre e Viamão, como pode ser visualizado no *Mapa de localização das entrevistas* (apêndice), mas de origens diversas. Primeiramente serão apresentadas algumas características gerais dos entrevistados, para que se possa melhor visualizar o panorama das entrevistas. Buscou-se a diversidade nestas características que serão apresentadas, para que se pudesse visualizar a variabilidade de casos de jovens que buscam a arte como atividade em suas vidas. Esta caracterização inicial servirá de subsídio para as análises de conteúdo que serão feitas a seguir, e já indica aspectos que se destacam para a pesquisa.

Do total, 14 entrevistados são homens e 3 entrevistadas são mulheres. Originalmente, pretendia-se abranger apenas jovens do sexo masculino, pois a transição para a vida adulta de mulheres demonstra diferenças em relação às transições masculinas, principalmente devido à maternidade, que demanda tempo e esforço às mães jovens (CAMARANO *et al.*, 2006). Entretanto, as três mulheres entrevistadas, apesar de apresentarem diferenças peculiares à transição feminina para a vida adulta, têm trajetórias semelhantes aos outros entrevistados homens no que tange à busca por trabalho e ao processo de identificação durante o período da juventude como um todo. Nenhuma delas têm filhos e todas sempre buscaram trabalhar, mesmo quando encontraram resistência por parte de outros familiares. De qualquer forma, o recorte de gênero é inevitável, pois, posta a cultura predominante em nossa sociedade, as socializações masculinas e femininas têm diferenças gritantes desde antes do nascimento.

No Quadro 1, a seguir, estão caracterizados os entrevistados, ressaltando-se alguns aspectos de cada pessoa. Quanto à faixa etária, à época da realização das entrevistas, o

entrevistado mais novo tinha 18 anos e a entrevistada mais velha tinha 30 anos. Utilizando-se do recorte etário sugerido pela Política Nacional de Juventude (PNJ), que divide o período da juventude em três faixas etárias: jovens-adolescentes de 15 a 17 anos, jovens-jovens de 18 a 24 anos e jovens-adultos de 25 a 29 anos, observamos que a pesquisa abrangeu as duas últimas faixas etárias citadas: jovens-jovens e jovens-adultos. Do total, 8 jovens têm entre 18 e 24 anos, 8 têm entre 26 e 29 anos e uma tem 30 anos à época da entrevista, como podemos verificar no Quadro 1. Neste caso, inserimos a jovem de 30 anos na faixa etária de jovem-adulto, com a qual possui maior proximidade etária.

Quadro 1 – Perfil dos jovens entrevistados.

NOME²	IDADE	SEXO	COR³	ESCOLARIDADE
Hugo	18	Masculino	Negro	Ensino superior incompleto
Wagner	19	Masculino	Negro	Ensino fundamental incompleto
Tomas	20	Masculino	Negro	Ensino médio incompleto
Ana	21	Feminino	Negra	Ensino superior incompleto
Guilherme	22	Masculino	Negro	Ensino superior incompleto
Lia	23	Feminino	Branca	Ensino superior incompleto
Kaio	23	Masculino	Branco	Ensino superior incompleto
Mateus	24	Masculino	Pardo	Ensino médio
Bernardo	25	Masculino	Pardo	Ensino médio
Pedro	27	Masculino	Negro	Ensino médio incompleto
Tiago	28	Masculino	Branco	Ensino superior
Ricardo	28	Masculino	Pardo	Ensino médio
Leonardo	29	Masculino	Negro	Ensino superior incompleto
Lúcio	29	Masculino	Pardo	Ensino superior
Júnior	29	Masculino	Branco	Ensino superior
Igor	29	Masculino	Negro	Ensino médio
Sandra	30	Feminino	Parda	Ensino superior incompleto

² Os nomes são fictícios.

³ Cor atribuída pelo pesquisador.

Podemos verificar que as faixas etárias abrangidas pela pesquisa são as duas com idades mais avançadas. O demonstrativo de faixa etária é fundamental para a compreensão do que se pretende nesta pesquisa. Como será explanado a seguir, a maioria dos jovens entrevistados começou a trabalhar antes dos 18 anos, mas não com arte. Como a pesquisa buscou jovens de classes populares com mais experiências em transformar a sua arte em trabalho, encontramos principalmente jovens mais velhos. Os jovens entrevistados já faziam arte e manifestações culturais enquanto trabalhavam com outras coisas. Entretanto, os momentos de encontro entre arte e trabalho, quando o fazer artístico passa a gerar uma renda significativa para o sustento dos jovens – em outras palavras, torna-se trabalho – não ocorre nas primeiras idades das juventudes destas classes.

Utiliza-se neste momento as faixas etárias da PNJ apenas para elucidar estes fatores, mas mantém-se a perspectiva de que tornar-se e deixar de ser jovem é uma construção social que não depende apenas da idade observada. Estas faixas etárias demonstram como a juventude é encarada de forma geral pelas políticas públicas, e servem de base para o debate em voga.

Outro aspecto que se destaca é a questão espacial. Buscou-se jovens em diversas regiões de Porto Alegre e Viamão, e de origens diversas, como é possível observar no Quadro 1. Foram entrevistados 2 jovens oriundos da zona norte de Porto Alegre (bairro Rubem Berta e Vila Santa Rosa), 2 jovens de Viamão (bairros Augustas e Santa Isabel), 2 jovens da Lomba do Pinheiro, 2 jovens da Bom Jesus, 2 jovens da Cruzeiro, 2 jovens da Restinga, 4 jovens de diferentes cidades do interior do Rio Grande do Sul (Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Caxias do Sul e Encruzilhada do Sul) e um jovem do interior do Piauí. Os cinco últimos residem no centro de Porto Alegre.

Evidenciou-se no Quadro 2, a seguir, as cidades natais dos jovens, os locais de moradia que os jovens ressaltaram como sendo importante para si durante sua vida e o local em que os jovens estavam residindo no momento da entrevista. Com isso, pretende-se elucidar o quanto eles mudam-se ou permanecem na mesma região ao longo do tempo, para que isso sirva de subsídio para as análises posteriores. Os principais locais de moradia e socialização destacados foram apontados pelos próprios jovens nas entrevistas. Aos que tiveram mais de 2 locais de moradia e socialização destacados ao longo da vida, consta “variado”.

Quadro 2 – Cidade natal, principais locais de moradia e socialização e local de moradia dos jovens à época das entrevistas.

NOME	CIDADE NATAL	Principais locais de moradia e socialização destacados	Local de moradia à época da entrevista
Júnior	Porto Alegre	Rubem Berta (ZN Poa)	Rubem Berta (ZN Poa)
Ricardo	Porto Alegre	Vila Santa Rosa (ZN Poa)	Cidade Baixa (Poa)
Igor	Porto Alegre	Vila Santa Rosa (ZN Poa) e Augusta (Viamão)	Augusta (Viamão)
Bernardo	Viamão	Santa Isabel (Viamão)	Santa Isabel (Viamão)
Hugo	Porto Alegre	Lomba do Pinheiro (ZL Poa)	Santa Isabel (Viamão)
Ana	Viamão	Lomba do Pinheiro (ZL Poa)	Lomba do Pinheiro (ZL Poa)
Pedro	Porto Alegre	Bom Jesus (ZL Poa)	Bom Jesus (ZL Poa)
Mateus	Porto Alegre	Bom Jesus (ZL Poa)	Bom Jesus (ZL Poa)
Wagner	Porto Alegre	Cruzeiro (ZS Poa)	Cruzeiro (ZS Poa)
Leonardo	Porto Alegre	Cruzeiro (ZS Poa)	Medianeira (ZS Poa)
Tiago	Alegrete	Alegrete e Restinga (ZS Poa)	Restinga (ZS Poa)
Tomas	Porto Alegre	Restinga (ZS Poa)	Restinga (ZS Poa)
Guilherme	Porto Alegre	Encruzilhada do Sul e Poa	Centro (Poa)
Sandra	Rio Grande	Rio Grande e Poa	Centro (Poa)
Lia	Santa Cruz do Sul	Variado	Centro (Poa)
Kaio	Caxias do Sul	Caxias do Sul e Poa	Centro (Poa)
Lúcio	Canto do Buriti	Variado	Centro (Poa)

A questão espacial demonstrou-se tanto com regularidades, quanto com algumas especificidades. Como pode-se observar no Quadro 3, os jovens provindos do interior estão todos residindo no centro. Nestes casos, será discutida a questão da mudança de cidade enquanto ampliadora do campo de possibilidades dos jovens. Ao mesmo tempo, podemos examinar que a maioria dos jovens oriundos dos bairros de classes mais baixas de Porto Alegre ou mantiveram-se nos mesmos bairros, ou mudaram-se para outros bairros de classes populares. À exceção observamos Leonardo e Ricardo, que se mudaram para bairros mais centrais. Os casos deles serão abordados nas análises a seguir.

Mais dois aspectos cabem ser ressaltados na caracterização dos jovens pesquisados, que concernem diretamente aos temas centrais da pesquisa: a arte e o trabalho. Da mesma maneira que as outras características, procurou-se diferentes tipos de fazeres artísticos e também diferentes ocupações nos jovens entrevistados. No Quadro 3, podemos ver que 3 dos entrevistados fazem artes e manifestações culturais na área das artes visuais, 1 na área da dança, 1 na área da dança e da música, 8 na área da música e 4 na área do teatro. Foram feitas mais entrevistas com jovens da área da música pois inicialmente tinha-se como perspectiva investigar especificamente jovens músicos. Ao longo da pesquisa percebeu-se que jovens artistas de outras áreas poderiam contribuir para a compreensão dos sentidos atribuídos à arte no período da juventude.

Quanto às ocupações, observa-se grande diversidade deste aspecto nos jovens entrevistados. Repetem-se 3 estudantes, 3 monitores (apesar de serem de diferentes instituições), 2 professores e 2 trabalhadores da construção civil. Ressalta-se que muitos deles têm mais de uma ocupação, e o Quadro 4 releva apenas as ocupações principais, conforme foram destacadas pelos próprios jovens. Também é importante salientar que a rotatividade no trabalho é grande entre os entrevistados, como será melhor descrito nas análises a seguir. A ocupação destacada à época da entrevista representa provavelmente a ocupação que mais tinha importância para o jovem no momento da entrevista. A problemática da identificação com o trabalho surge nesse momento, mas também será melhor abordada nas análises a seguir. Por ora, o objetivo é expor a caracterização dos jovens para que se possa discutir a análise do conteúdo das entrevistas a seguir.

Quadro 3 – Arte e principal ocupação dos entrevistados à época das entrevistas.

NOME	ARTE À ÉPOCA DA ENTREVISTA	PRINCIPAL OCUPAÇÃO À ÉPOCA DA ENTREVISTA
Guilherme	Artes visuais	Estudante de artes
Tiago	Artes visuais	Professor de escola estadual
Lia	Artes visuais	Cozinheira
Tomas	Dança	Monitor em projeto social
Wagner	Dança e música	Construção civil
Pedro	Música	Construção civil
Mateus	Música	Trabalhador em fábrica de fraldas
Leonardo	Música	Técnico de som em projeto social
Igor	Música	Porteiro

NOME	ARTE À ÉPOCA DA ENTREVISTA	PRINCIPAL OCUPAÇÃO À ÉPOCA DA ENTREVISTA
Hugo	Música	Estudante de música
Ana	Música	Professora do Mais Educação
Bernardo	Música	Monitor de curso preparatório para concursos públicos
Júnior	Música	Gerente de eventos
Sandra	Teatro	Cola cartazes e entrega panfletos
Lúcio	Teatro	Ator, diretor e oficinairo de teatro
Ricardo	Teatro	Monitor em abrigo para menores
Kaio	Teatro	Estudante de teatro

Com a tabela acima não se pretende expressar a complexidade das relações dos jovens com sua arte e seus trabalhos. O que se busca demonstrar ao salientar o fazer artístico e a principal ocupação destacadas pelos próprios jovens é que, apesar de todos terem a perspectiva de trabalhar com arte, apenas um deles tem como principal ocupação a arte: Lúcio. Outros além dele também auferem renda com a arte, mas não é a fonte de renda principal para o seu sustento. A dificuldade de jovens de classes mais baixas sustentarem-se apenas com a arte será objeto de discussão nas análises a seguir, pois tem implicações diversas nas escolhas que estes podem fazer na vida.

3.2 ROTEIRO DE ANÁLISE

Como já afirmado, as dimensões e categorias de análise foram elaboradas em diálogo com as questões apontadas pelos jovens nas entrevistas. Em outras palavras, foram estabelecidas dimensões, categorias e indicadores *a priori* antes de iniciar a escuta e análise das entrevistas, e conforme outros indicadores e categorias foram surgindo, estes foram sendo incorporados na estrutura de análise – ou, *a posteriori*. Ao final, a estrutura de análise ficou composta por duas dimensões, cada uma com três categorias, associadas a 23 indicadores ao total, como demonstrado no Quadro 4, a seguir. Os indicadores não são rígidos, e poderiam ser diferentemente destrinchados ou agrupados. A interpretação destes no momento de análise é

variado conforme esta demonstrava questões a serem ressaltadas. A importância de estabelecer paulatinamente uma estrutura de análise foi ter uma perspectiva mínima do que se pretendia buscar, baseando-se tanto na literatura quanto no diálogo com as questões levantadas pelos jovens nas entrevistas.

A pesquisa assume duas dimensões principais para a compreensão do processo de identificação de jovens artistas. A primeira dimensão remete à relação entre a juventude e o trabalho. Esta dimensão agrupa as categorias que caracterizam a juventude em investigação e dizem respeito a transição para o mundo adulto, ressaltando o processo de identificação com os trabalhos que os jovens têm. Os aspectos básicos da vida, tais como o local de nascimento e criação, as relações familiares, a trajetória escolar, dentre outros que forem sendo destacados pelos jovens, compõem a primeira categoria de análise. Os marcadores de transição para a vida adulta apontados pela literatura representam a segunda categoria. A terceira é formada pelos sentidos atribuídos pelos jovens ao trabalho, o que também envolve as relações de trabalho por eles destacadas.

A segunda dimensão é movida por uma questão central: o universo cultural e artístico, enquanto trabalho, é um campo de possibilidades para a juventude de classes populares? Três categorias remetem a diferentes aspectos deste mesmo questionamento. Primeiramente indaga-se: como os jovens que hoje enxergam a arte como possibilidade de trabalho acessaram o universo cultural e artístico? O que os moveu a seguir fazendo arte e manifestações culturais? As respostas a estas indagações compõem a primeira categoria de análise desta dimensão. A segunda categoria tem como objetivo revelar se há, entre as experiências dos jovens entrevistados, viabilidade em tentar trabalhar com a arte. Tenta buscar quais as possibilidades encontradas dentro dos projetos pessoais que cada um formula para si. A última categoria desta dimensão busca compreender o processo de identificação da juventude com a arte e a cultura. Examina os sentidos atribuídos pelos jovens ao universo cultural e artístico e procura as referências culturais e artísticas destes jovens. Além disso, averigua os sentidos individuais e significados compartilhados nas relações de trabalho com a arte. As dimensões, categorias e indicadores descritos estão relacionados na Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Relação entre dimensões, categorias e indicadores da pesquisa.

DIMENSÕES	CATEGORIAS	INDICADORES
Juventude e trabalho	Perfil de jovem	Principais locais de moradia e socialização e aspectos destacados
		Relações familiares destacadas
		Principais aspectos destacados da trajetória escolar
	Transições para o mundo adulto	Transições escola-trabalho
		Primeiro trabalho e idade na época
		Trabalhos formais e informais relatados
		Primeiras responsabilidades assumidas em casa
		Saída de casa
		Casamento(s)
		Filho(s)
	Identidades e trabalho	Principais relações de trabalho destacadas
		Questionamento, desafio, rebeldia nas relações de trabalho
Sentidos atribuídos ao trabalho ao longo do tempo		
O universo cultural e artístico como campo de possibilidades para a juventude	Os caminhos pelos quais os jovens acessam o universo cultural e artístico	Primeiros contatos com a arte
		Formas de acesso a arte e a manifestações culturais
		Iniciativas e grupos culturais e artísticos dos quais participou antes de trabalhar como artista
	Viabilidade do trabalho com arte e cultura	Primeiro trabalho como artista e idade na época
		Trabalhos formais e informais com arte e cultura relatados
		Formas de acesso aos instrumentos e materiais de trabalho
		Sustentabilidade trabalhando com arte e cultura
	Identificação pessoal e social por meio do universo cultural e artístico	Referências culturais e artísticas
		Principais relações de trabalho com a arte destacadas
		Sentidos atribuídos à arte ao longo do tempo

Este é o escopo básico das questões que orientaram a análise das entrevistas realizadas. Como resultado, os indicadores devem responder às questões de cada categoria e apontar direções a serem refletidas novamente à luz da teoria sobre o assunto. Como já

explanado, o fluxo da pesquisa envolve relacionar os resultados de ambas as dimensões para retornar à problemática geral da pesquisa. Neste formato, é possível compreender o processo de identificação da juventude de classes populares por meio de duas dimensões distintas que podem indicar resultados frutíferos para a questão.

Nas seções seguintes, pretende-se analisar as entrevistas realizadas com os jovens, dialogando com o referencial teórico antes destacado. Como afirma Gibbs (2009), a análise sugere um processo de transformação, o que, no caso em voga, inicia com a revisão do referencial teórico (projetando-se o trabalho de campo) e o diálogo em campo, já descrito. Neste sentido, entende-se que não há separação entre a coleta e análise, pois ambos fazem parte do mesmo processo. Este diálogo produziu um material bruto: as entrevistas com os jovens. A análise que será aqui apresentada envolve a audição das entrevistas, sua transcrição, a categorização *a priori* e *a posteriori* e a apresentação do que pôde ser observado no diálogo em campo, relacionando à teoria antes compilada.

Como já ressaltado, foram realizadas entrevistas narrativas, que propunham uma reflexão inicial para que os entrevistados falassem livremente sobre suas trajetórias de vida. Na explicação inicial das entrevistas, foi destacado o foco da pesquisa nas dimensões da arte e do trabalho durante período da juventude, mas também ressaltado que os entrevistados estavam livres para contar sua trajetória de acordo com seus próprios pontos de vista. Naturalmente, cada entrevistado interpretou a explicação inicial da entrevista de forma diferente. Antes disso, cada entrevistado fez uma interpretação própria da situação da entrevista em si e de suas finalidades, o que incide diretamente no resultado destas.

Isso fez com que as entrevistas tivessem suas particularidades – e também suas semelhanças. Sob uma primeira análise, podemos enxergar na totalidade das entrevistas uma gradação quanto ao tempo de fala sem necessidade de indagações, que varia desde entrevistados que falaram sua vida diretamente do início ao fim da entrevista, sem a necessidade de perguntas para conduzir a entrevista, a entrevistados que preferiram um diálogo permanente, ou seja, foram necessárias indagações durante a entrevista para o relato de vida. Entre estes extremos, alguns entrevistados contaram um breve relato de vida e depois deixaram aberto à perguntas e considerações, outros fizeram relatos maiores e reservaram um tempo curto para conversa com o pesquisador, de forma que pôde-se observar bastante diversidade neste quesito. Ressalta-se que as considerações, conversas e indagações foram feitas sempre tomando como base aspectos que o entrevistado já havia mencionado, visando a manter o foco no que o próprio entrevistado já havia dito.

Em uma segunda análise, observa-se que os entrevistados focaram em diferentes aspectos da vida, conforme – como antes mencionado – suas individualidades e sua interpretação própria da entrevista. Alguns salientaram mais a dimensão da arte em suas vidas, ao passo que outros ressaltaram principalmente as suas relações de trabalho, e outros ainda se concentraram em aspectos familiares, ou de suas regiões de moradia e socialização. Muitos tiveram relatos com ênfases múltiplas, variando conforme cada fase da vida. Como já afirmado, esta pluralidade não só era esperada como era desejada. Esta diversidade de casos permite uma visão mais ampla ante a mesma problemática.

Uma terceira análise pode ainda ser feita, no que tange a quanto os relatos abordam mais as questões subjetivas ou mais as questões objetivas da vida dos entrevistados. Observa-se majoritariamente o enfoque na subjetividade, o que em parte pode ser entendido pela própria proposta das entrevistas: individuais e biográficas. Mesmo assim, alguns ressaltam a todo o momento as condições objetivas as quais estavam vivendo, tais como os espaços em que conviveu em seu cotidiano, as conjunturas políticas, sociais e econômicas das diferentes épocas e outros aspectos da vida social que remetem não apenas às suas impressões individuais.

No que tange à análise que se pretende fazer, busca-se fazer um paralelo entre as dimensões subjetiva e objetiva, visando a estabelecer relações entre estas. Neste quesito, retomamos Bauman (2012), quando este afirma que

A esfera da cultura sempre se acomoda entre os dois polos da experiência básica. Ao mesmo tempo, é o alicerce objetivo da experiência subjetivamente significativa e a ‘apropriação’ subjetiva de um mundo que de outra forma seria desumanamente estranho. A cultura, tal como a vemos em termos universais, opera no ponto de encontro do indivíduo humano com o mundo que ele percebe como real. Ela resiste com teimosia a todas as tentativas de associá-la de modo unilateral a um dos polos do arcabouço experimental. (p. 227)

Assim, de forma geral, pretende-se realizar ligações entre os relatos biográficos e a história social de cada época, para que se possa compreender a transformação da cultura a cada momento relatado. Alguns relatos destacam-se quanto à consciência das condições objetivas em que se encontram os próprios entrevistados. Estes serão seguramente trazidos à tona, para que se possa realizar um diálogo com as questões de pesquisa.

Como já mencionado, serão feitas considerações no âmbito da análise de discurso, baseadas principalmente em Spink (1994; 2001; 2010). Elas nos auxiliam na compreensão dos sentidos atribuídos pelos jovens aos diversos aspectos de suas trajetórias para além do conteúdo relatado. Para a compreensão da subjetividade entendemos como necessária tal abordagem. Entretanto ressalta-se que ela é complementar, e o conteúdo das entrevistas é o foco principal da análise.

Frente a esta diversidade de formas de relato e de enfoques, o material produzido permitiu observar muitas semelhanças e muitas diferenças entre os jovens entrevistados visando a responder a problemática da pesquisa. Com base nas dimensões, categorias e indicadores antes destacados, diferentes aspectos foram agrupados para organizar a análise produzida, como apresentado a seguir.

4 AS CONDIÇÕES OBJETIVAS E SUBJETIVAS DA JUVENTUDE DE PERIFERIA

*A vida é sofrida, mas não vou chorar
Viver de que? Eu vou me humilhar?
É tudo uma questão de conhecer o lugar
Quanto tem, quanto vem
E a minha parte quanto dá.
(Racionais MCs)*

A revisão bibliográfica sobre o período da juventude traz muitos apontamentos sobre o processo dificultoso de inserção e adaptação da juventude à sociedade na realidade social vigente. No que tange à juventude de classes populares, os entraves já estão nas condições objetivas que os jovens encontram para a socialização e a autoafirmação enquanto sujeito no mundo, que podem ser, como visto nas pesquisas quantitativas nacionais, o trabalho, a escola, o lazer, dentre outros.

Como já discutido, junto ao processo de afirmação de identidade pessoal e social, a transição da juventude para o mundo adulto ocorre na medida em que os jovens modificam seu estatuto nos grupos sociais dos quais faz parte. Assim, cabe compreender a relação dialética entre a juventude e os grupos sociais dos quais faz parte. Nesta etapa, esta compreensão pode ser feita observando-se as dimensões subjetivas e objetivas ressaltadas pelos jovens nas entrevistas, e tentando relacioná-las com o contexto em que estão.

Com estes pressupostos em vista, neste capítulo serão analisados alguns pontos-chave relatados pelos jovens que dialogam com a problemática da pesquisa que dialogam com a primeira dimensão de análise, juventude e trabalho: quais condições os jovens de periferia encontram para sua sobrevivência e convivência? Como estes jovens enxergam o processo de precisar assumir novas responsabilidades ao longo do tempo? De terem novos direitos, mas também de terem novos deveres? Quais os sentidos atribuídos ao trabalho durante o período da juventude? Esta primeira análise tem como base teórica a discussão sobre o processo de transição para o mundo adulto das juventudes de classes populares, enfocando nos diversos aspectos ressaltados pelos jovens nas entrevistas.

4.1 OCUPAÇÃO ESPACIAL E ESTRUTURA FAMILIAR

Iniciamos nossa análise do princípio: as condições objetivas sob as quais a juventude de periferia nasce. As periferias urbanas são formadas, principalmente ao longo do século XX, de pessoas expulsas de seus espaços originais (ALVES, 2011, p. 110-111).

Eu venho lá da COOHAB Ruben Berta, um bairro de periferia, um bairro que é extremamente violento, né? E que surgiu de uma ocupação irregular, na realidade surgiu de um processo de invasão de um conjunto habitacional que estava em construção em 87. Eu cheguei neste bairro quando tinha 5 anos, no início da década de 90. (...) E dentro desse processo, como foi uma coisa desordenada, não teve um processo de planejamento desse espaço, desse grande bairro que tava nascendo, é óbvio que surgiu mazelas herdadas até hoje, né? Quando eu era pequeno então a gente não tinha água, eu me criei buscando balde de água, a gente não tinha luz, energia elétrica. Teve um processo de regularização na década de 90 e que mudou drasticamente, teve escolas, começou a ter serviços públicos dentro desse bairro. (Júnior, 29 anos)

A urbanização acelerada e desorganizada provoca uma ocupação desordenada nas cidades, de forma que não são previstas as condições mínimas de sobrevivência e convivência humana. As condições da juventude, caracterizada com uma fase da vida envolta em incertezas, para a socialização e formação de identidade própria, da mesma forma, também apresentam precariedades.

Esse processo é histórico, com a ocupação veio muitas famílias mas veio gente também do crime e tudo o que é tipo de pessoas, e o tráfico se institucionalizando. Tem uma população muito trabalhadora, as pessoas trabalham no centro da cidade e na zona norte... A população está crescendo cada vez mais, e o que que é o grande problema do bairro é que sofre muito com a violência, desde 2002 ela é recordista em assassinato de jovens, apontado pela SSP. Um ano teve, em 2008, teve 96 assassinatos, a maioria de jovens. Quando a gente cresceu no bairro, poucos chegaram aos vinte anos, a maioria se envolveu com o crime, aqueles que não tavam presos tinham morrido, né? Por tiro, por crime, por tráfico, por assalto, por violência... justamente porque o bairro não oferece oportunidade para os jovens, não tem mecanismos de assimilar o que o jovem necessita dentro do bairro. (Júnior, 29 anos)

Os fatores mais comuns relatados pelos jovens entrevistados é, ainda na infância, a falta de infraestrutura básica de vida: saneamento, moradia, escola, transporte. Este último tem um caráter decisivo, pois é responsável pelo isolamento da população periférica em relação ao centro das cidades. Há, desta forma, necessidade de adaptação desta população às condições que encontram nas cidades. E estas juventudes nascem em um processo de adaptação de suas famílias ao meio em que se encontram.

Assim, examinamos inicialmente como a dificuldade das famílias dos jovens entrevistados em relação a adaptação nos centros urbanos antes mesmo do nascimento deles

incide diretamente na vida destes jovens. Com isso, pretendemos fazer a aproximação entre as dimensões subjetiva e objetiva – os relatos biográficos e a história social. A maioria dos jovens os quais entrevistamos são a segunda, terceira ou até quarta geração que já nasce na cidade. Os jovens mais velhos, os quais seus pais são as primeiras gerações nas cidades, enxergam bem essas dificuldades e conseguem perceber como as condições dos seus familiares de fato incide definitivamente sobre suas vidas. Entretanto, a capacidade de perceber estes fatores não depende apenas da idade. Podemos observar como o diálogo dos jovens com seus pais ajuda no processo de auto compreensão da juventude, processo que pode ser absorvido por esta juventude de diversas formas, conforme cada contexto. Notamos claramente isto quando alguns dos jovens entrevistados iniciam contando suas trajetórias pela história de seus pais.

Eu queria começar, antes de mim, que hoje eu me dei conta de uma coisa com o meu pai. Meu pai tem 72 anos, ele é aposentado, trabalhou de pedreiro a vida toda... e minha mãe é manicure. (...) Eu tô falando deles, porque eu acho que essa vida que eles tiveram antes é muito importante pra eu ser como eu sou. (...) Então eu acho que ele vem de um rolê de batalha, assim, que de alguma forma eu acho isso muito artístico... porque é força de vontade pra vida, né... (...) Toda essa parada foi muito louca, assim, pra eu chegar onde eu tô hoje, assim e... a forma como eu vejo a arte como algo político, que eu acho a arte muito política... eu acho que é por isso que eu tenho ela como profissão, assim... é essencialmente porque eu venho deste berço. (...) Isso articulou pra eu batalhar, assim, então tudo o que eu tenho de batalhador vem dessa veia familiar. (Kaio, 23 anos)

A articulação entre as condições da família e as características próprias de Kaio revela uma prática discursiva que produz sentido para os seus fazeres artísticos. Mais que isso, Kaio percebe o caráter político que envolve as condições objetivas de sua família, e o relaciona à batalha, à força de viver, e novamente à arte. Neste caso, observamos que as condições precárias as quais a família de Kaio se encontrava quando este veio ao mundo produzem para ele um sentido de autoafirmação, que podemos conceber como um processo de identificação pessoal. Para ele, a arte faz parte da identidade pessoal de batalhador, e a busca por trabalhar com a arte, tê-la como profissão, é a forma empírica de expressão desta identidade.

Como vemos, a forma a qual os jovens interpretam as condições em que suas famílias estavam quando eles nasceram pode demonstrar o viés subjetivo deste aspecto, ou seja, como os jovens absorvem subjetivamente tal condição objetiva. Mas essa absorção subjetiva da realidade pode levar a diferentes interpretações, que podem resultar em distintos processos de identificação com tais aspectos. Assim, percebemos que ao abordarmos as condições objetivas dos relatos biográficos, encontramos diversas formas de interpretação subjetiva nos relatos. Como antes referido, ao relatar as suas vidas, os jovens revelam práticas discursivas que produzem sentido sobre o que estão dizendo. A diversidade encontra-se nesses sentidos,

que têm influência em suas identidades. A título de comparação, examinemos um segundo relato sobre as condições objetivas da família de um outro jovem.

A primeira, morei em apartamento na Restinga, eu era pequeno, não tenho muitas lembranças... me mudei pra Alvorada, pra casa da minha tia, eu, minha mãe e meu pai. Ali a gente passou... ali, bá, foi os perrengue da vida, aluguel... é... fica sem grana pra trabalhar... essas coisa né... o sufoco que toda família passa né... mas ali foi o ponto mais crítico que a gente passou. Daí a gente conseguiu outra casa de aluguel no Belém Velho, com a amiga da minha mãe. A gente foi pra lá, ficamos uns dois anos, e voltamos pra Restinga. (Tomas, 20 anos)

Neste caso, observamos dois movimentos que levam ao mesmo fim. As dificuldades da vida são apresentadas primeiramente de forma não tão animadora em relação ao relato anterior. Após, são naturalizadas e superadas, como algo que já foi e não volta mais. Não há sinais claros de identificação neste relato, que passa rápido pelas condições objetivas da família quando Tomas nasceu. Esta forma de relatar foi a mais observada entre os jovens entrevistados, principalmente os mais novos: a família passa por dificuldades na época da infância do jovem e aos poucos busca uma estabilização – em alguns casos, atingida, em outros, nem tanto – de forma que as dificuldades da época da infância são relatadas como um problema que já foi superado. Aqui, para a compreensão da dimensão subjetiva, propomos a articulação entre a análise do discurso e a análise de conteúdo.

Quanto ao conteúdo destes relatos, retomamos a ideia de que a autoafirmação durante o período da juventude nos casos observados envolve, em grande parte das vezes, a superação de dificuldades que podem ser familiares, escolares (BRASIL, 2013, p. 43), ou de trabalho (GUIMARÃES, 2004, p. 23), para citar apenas os mais comuns. Como veremos adiante, a busca por alternativas às condições familiares é um tema presente entre os jovens entrevistados, e ocorre tanto com o apoio da família, quanto com a desaprovação desta. Este tema inicia o diálogo com a nossa primeira hipótese: a condição de jovem de periferia pode, por sua situação de exclusão, instigar à busca de identidades que propiciem pertencimento e autoafirmação?

Voltemos às nossas comparações: Tomas, neste momento, não demonstra se identificar com as dificuldades que sua família passou durante sua infância, a exemplo da maioria dos relatos, diferentemente de Kaio, que se identifica com a trajetória batalhadora de seus familiares. Em uma terceira vertente deste quesito, uma jovem inicia sua apresentação caracterizando a história de sua mãe, de muita dificuldade, como podemos ver no seguinte relato.

Nasci em Rio Grande, no Rio Grande do Sul, sou filha de mãe negra, solteira, analfabeta, pobre, fugida do interior do estado. (...) Quando ela foi pra Rio Grande,

fugida de casa, o pai dela não aceitou que ela voltasse mais. (...) Ela engravidou do meu pai e quando ela engravidou, a sogra disse (eles não eram casados): ‘se tu vai ficar com essa negra, tu escolhe ou tu vai ficar com ela, sustenta ela, ou ela sai e a gente continua te sustentando.’ E a opção dele foi mandar minha mãe caminhar. Então, sobreviver de que, se tu era da área rural que plantava cebola? Foi trabalhar numa casa de família, um casal de libaneses. Eles aceitaram porque grávida tu paga bem menos né, e não tem pra onde ir, então trabalha a qualquer hora do momento, enfim. E aí o trato foi o seguinte: assim que eu nascesse, eles tinham uns amigos que viriam do Líbano pra me levar pra lá, que ela não precisava se preocupar, que eles tinham muito dinheiro, que eu não ia passar trabalho, enfim. E eu fui gerada dentro dessa preocupação, né, o abandono paterno, o abandono da família e que pra ela o fruto do amor que ela tinha ela não ia ver mais. Era essa pressão todo dia. (Sandra, 30 anos)

Sandra desenha um perfil quando descreve em sequência as características de sua mãe quando estava grávida dela: “negra, solteira, analfabeta, pobre” evidenciando a generalidade deste perfil na sociedade. Ela parece delinear esse perfil tendo em mente que não é um caso exclusivo, e sim mais um perfil da tendência comum. Neste caso, cabe ressaltar que Sandra é mais velha do que os demais jovens entrevistados, e cursa o ensino superior, o que pode lhe conferir – mesmo que não necessariamente – mais consciência sobre as condições objetivas em que viveu ela mesma e seus familiares. A história que se segue após a caracterização de sua mãe quando grávida, ao mesmo tempo que não parece lhe envergonhar, também não demonstra ser um ponto de identificação de Sandra.

Verificamos que a mãe de Sandra apresentou dificuldades de adaptação às exigências das relações familiares. Tanto sua família, quanto a família do pai de Sandra enxergaram que com a gravidez de sua mãe, eles deveriam deixar suas famílias originais. A família da mãe de Sandra não deu opção: quando ela engravidou, a expulsaram de casa. Já a família de seu pai deu opção, ele poderia ficar morando com eles, mas teria que abandonar a mãe de Sandra. Há uma relação direta, desta forma, entre a família e a moradia. O nascimento de mais um filho implicaria na formação de um novo núcleo familiar, e conseqüentemente, o casamento e a independência dos pais, de moradia e financeira (GONÇALVES e KNAUTH, 2006, p. 632-633). Observamos a mesma situação em outro caso:

Antigamente a gente não tinha nem onde morar, né. Eu, por exemplo, como fui o primeiro a nascer, não tinha nem onde morar. Eu morava na casa da minha vó, né. Porque a minha mãe quando ela engravidou de mim, meu vô botou ela pra fora, pra rua, meu vô jogou ela pra fora de casa. Daí ela pegou e foi morar com o meu pai, né... daí ela se arrependeu que a família do meu pai não tinha nem como eles se sustentarem... (Wagner, 19 anos)

Neste caso, é interessante notar a reprodução dos mesmos princípios nas gerações seguintes:

Esses tempos, também, quase virei pai, né... quase virei pai... (...) A minha mãe falou: caso eu engravidasse uma gurria e batesse na porta dela pedindo pensão, ela ia pegar e me tocar pra rua. (Wagner, 19 anos)

A mãe de Wagner ameaça fazer a mesma coisa que seu pai fez com ela, caso ele tivesse filho: expulsá-lo de casa. Ressalva-se, neste caso, que a ameaça da mãe pode ser simplesmente para incentivar o filho a evitar tal situação. Assim, constatamos que a gravidez sem o casamento implica na saída forçada das mulheres das casas de suas famílias, o que as coloca em uma situação de extrema fragilidade, que é mais acentuada para os filhos destas mulheres. Não apenas a moradia torna-se um empecilho para estas mulheres, mas também a questão do trabalho. A dificuldade de conseguir trabalho está bem expressa no relato de Sandra, quando menciona que sua mãe precisou encontrar um emprego com menor remuneração pela condição da gravidez. Neste caso, os aspectos ressaltados trazem o sentido de um início de uma relação de abandono por parte dos pais já na gravidez. Mais adiante veremos as demais consequências deste caso.

Observamos, desta forma, como desde o nascimento as condições objetivas da família em que os jovens entrevistados foram concebidos já incide em suas vidas, não apenas pelas dificuldades que encontrarão de sobrevivência e convivência, mas também pela forma como absorvem subjetivamente estes fatores. Percebemos, também como tais condições podem ser diferentemente interpretadas por esta juventude, tendo diversas influências nos seus processos de identificação pessoal e social. Neste momento, não pretendemos nos deter detalhadamente em todos os fatores das vidas dos jovens ao longo de suas trajetórias, e sim elencar os fatores que demonstram ter maior importância sobre o processo de identificação dos jovens entrevistados de acordo com a perspectiva deles.

A proteção familiar durante a primeira infância e a adolescência, e seu oposto, o descaso da família para com os jovens neste período, também são destacados como fatores relevantes para a vida deles. Podemos verificar nos relatos destaques sobre como a atenção dispendida pelos pais aos jovens incide sobre características pessoais destes. Estabelecendo dois extremos, podemos colocar, de um lado, os jovens que foram mais criados na rua, com menos controle parental, e mais influência externa à família sobre estes, e de outro, os jovens que foram criados sob os cuidados cautelosos da família, em geral dentro de casa. Evidentemente tais caracterizações estão permeadas de uma infinidade de nuances que envolvem o cotidiano desta juventude para além dos aspectos destacados. De qualquer forma, mais uma vez a dimensão da moradia e da família se entrelaçam.

Sobre este quesito, verificamos que a maior parte dos jovens entrevistados tiveram, na medida do possível, um controle presente de suas famílias, na maioria das vezes expresso em cuidados dentro de casa. Fica expresso em alguns casos o temor dos pais e mães de deixarem os filhos sem cuidados durante esta fase da vida. Entretanto, muitas vezes a necessidade de trabalhar fora acaba dificultando esse processo, de forma que os pais precisam arranjar maneiras de manter seus filhos sob vigília, ou segurança. Observamos nos relatos diferentes maneiras como os pais fizeram este processo, e também interpretações distintas destes processos.

Quando eu fiz quatro anos, a minha mãe entrou na fábrica de peixe. (...) Daí fui pra casa com ela. Só que assim, como é que funciona a indústria pesqueira: chegam as frotas, e enquanto não sair o último peixe lá de dentro, ninguém sai. Então tu entra pra fábrica de peixe sete da manhã e se terminar três, quatro horas da manhã do outro dia tu tem que ficar. Se tem que ficar 24 horas, tem que ficar, ninguém pode sair. (...) E aí o que acontecia: enquanto ela não voltasse eu ficava sozinha o dia inteiro, né, e ela dizia tu não grita, tu não chama ninguém porque vão te tirar de mim. (Sandra, 30 anos)

A carga horária pesada do trabalho dos pais faz com que eles tenham que arranjar diferentes soluções para cuidar de seus filhos. No caso de Sandra, a solução encontrada foi convencer a filha de manter-se em casa cuidando de si mesma. A violência e o abandono estavam presentes para o funcionamento desta solução, como veremos a seguir. Sandra demonstra não gostar da necessidade de manter-se isolada em casa quando criança, o que no futuro afeta Sandra em outras decisões da vida. De qualquer forma, era a maneira de proteger a filha arranjada pela mãe no contexto em que se encontrava, visando a evitar males maiores. Neste momento, podemos começar a enxergar a força da cultura predominante na época ao analisarmos a articulação entre as dimensões subjetivas e objetivas desta jovem: o ideal de família e de gênero, principalmente, além de outros, pesam a ponto de incidir diretamente nas possibilidades de sobrevivência da família em questão.

Em um outro caso, com as mesmas características, observamos uma estratégia parecida, mas diferente. A mãe pede ajuda à rede de familiares – mas não sem retribuição – ou paga terceiros para cuidarem das filhas.

A mãe trabalhava o dia todo, né... então a minha tia... já morou quase todos os nossos tios lá, daí eles davam uma olhada na gente, mas eles eram muito de querer sair pra rua e quando eles viam que a mãe tava chegando aí voltavam pra casa. (...) Aí a minha tia, quando foi morar lá ela muito cuidou da gente naquela época, assim... quando tava em casa (risos)... Daí ela cuidava da gente. Mas a princípio a mãe pagava alguém pra olhar a gente... tinha uma vizinha lá que ela pagava... pagou já um tempo outras babás assim, né... mas sempre tinha alguém cuidando da gente, né... daí ela tentava deixar sempre comida pra nós, aí sempre tinha... isso quando a gente era pequena, né. (Ana, 21 anos)

Comparando ao relato anterior, verificamos neste caso as possibilidades de acionar a rede familiar e de expender parte da renda com alguém que cuide das filhas, possibilidades

ausentes no primeiro caso. Em ambos os casos, entretanto, observa-se que, no período relatado, eram mães solteiras, que precisavam trabalhar pois eram a única fonte de renda do núcleo familiar em questão, que não tinha, na época, mais nenhum adulto. Não moravam com as avós ou outros adultos que poderiam auxiliar na divisão de tarefas daquele núcleo familiar. Percebemos o acúmulo de responsabilidades nos ombros daquelas mães.

Em outros casos, observamos mais adultos no núcleo familiar, o que facilita o cuidado com as crianças em casa, podendo ocorrer de diferentes formas. Além do número de adultos, o número de filhos também demonstra ser um fator importante. Todos esses aspectos entram em destaque pela relevância destes na subjetividade dos jovens, como já afirmado.

Eu tinha muitos primos e amigos da comunidade, minha mãe teve só 2 filhos, eu andava com meus primos, minha tia teve 12 filhos, então já era cercado de amigos e primos... nesse período eu sempre fui o mais introspectivo deles, até por que como minha mãe teve menos filhos, aí no caso eu era mimado dentro daquela simplicidade. (...) Por minha tia ter muitos filhos e cuidar pouco, a maioria dos meus primos começou indo para o crime, sabe como é que é, né, na comunidade é nesse período que tu escolhe o teu perfil, de começar a ir pro mundo da droga, de roubar aqui e ali, a realidade que rola numa vila, numa comunidade. (Leonardo, 29 anos)

Como podemos ver, Leonardo reconhece uma relação direta entre suas características pessoais e as possibilidades de seus pais darem mais atenção aos filhos. Ele compara a sua família com a de sua tia, ressaltando como a quantidade de filhos fez com que sua tia não conseguisse cuidar muito dos filhos, diferentemente de seu caso, o que lhe possibilita ser mais introspectivo e mimado em relação aos seus primos, por conseguir ter mais atenção e cuidado dos pais. Ressalta-se também como o campo de possibilidades de seus primos faz com que eles escolham um perfil, dentro da “realidade que rola ali numa vila”, entrando em destaque o crime, as drogas e o roubo, fatores ressaltados pela maioria dos entrevistados

O grande problema também é ausência da família, como são pessoas muito trabalhadoras, a carga horária de trabalho das pessoas, vamos supor aí, não é 8 horas é bem mais, mais o transporte, acaba dando 12 horas por dia, ficam num bairro que não te oferece nada a não ser um status social no tráfico. (Júnior, 29 anos)

A maioria dos jovens entrevistados relataram a preocupação dos pais nos cuidados com os filhos no âmbito do núcleo familiar, o que inclui as possibilidades de mantê-los em casa, ou sob os cuidados de algum outro adulto. Em outros casos a relação entre os jovens e a família durante o período da infância não se concretizou desta maneira. Observamos como o desentendimento com a família e com a escola podem levar a um processo de identificação com referências externas ao núcleo familiar, e de forma a negar o núcleo familiar.

Eu tive uns problemas na minha infância ali, eu fugia de casa... era um negócio meio... que tipo assim, eu brigava muito com a minha mãe e com o meu pai, então tinha essa

situação toda aí, né... então eu passava muito tempo na rua, assim, né meu, eu passava muito tempo na rua, com os mano, com a galera, jogando uma bola, aquela coisa toda ali, né meu... eu fiquei quase dois anos entre idas e vindas da rua pra casa, né, que eu fugia, ia pra rua, ia pro conselho, voltava... e tipo assim, eu quase fui pra antiga FEBEM, que hoje em dia é FASE, né meu... quase fui mas acabei não indo, né, então o que me trouxe de volta pra casa, que me tirou desse ciclo, assim, de quase se tornar um menino de rua, ou não, né meu, foi o acidente que o meu irmão teve, com três anos, ele queimou o rosto e tal e eu me senti muito culpado por não tá junto, né meu, não estar cuidando deles e tal dentro dessa caminhada aí e tal... então bá me senti muito mal, acabei voltando pra casa e tipo esqueci de todas essas coisas, entendeu... passei por cima de toda essa fase rebelde da vida do cara... (Igor, 29 anos)

As brigas familiares ocorrem em diversos contextos, por diferentes motivos, assentadas em diferentes possibilidades que cada membro do núcleo familiar tem de tomar suas escolhas. Verificamos neste caso que a briga com a família revela o contraste entre a casa e a rua, a casa representando o lugar da família, e a rua, o lugar dos manos e da galera. Neste processo, Igor afirma que entrou em um ciclo, que poderia leva-lo a tornar-se um menino de rua. As brigas com a família levaram Igor a buscar outros lugares de pertencimento e afirmação de identidades que não a casa da família. Fora de casa, seu projeto de vida estava descolado de sua família, e seu campo de possibilidades, mudado. A influência deste processo na subjetividade deste jovem é clara, e aponta para os opostos rua/casa e família/galera, no bojo de possibilidades que este jovem tem para realizar as escolhas de sua vida.

Ressalta-se, ainda, o motivo de Igor ter voltado ao âmbito do núcleo familiar: o cuidado com os irmãos. Já discutíamos a dificuldade dos pais cuidarem dos filhos. A partir do momento que os jovens crescem, cresce com eles a responsabilidade sobre os irmãos mais novos. Este aspecto surgiu com força em muitas entrevistas, pois em grande parte dos casos é uma das primeiras responsabilidades de peso assumidas por estes jovens: cuidar do próprio irmão, cuidar de uma outra vida além da sua, uma vida frágil, que não se cuida sozinha. Como já afirmado, a longa jornada de trabalho dos pais faz com que estes precisem arranjar alternativas para cuidar de seus filhos. Além das já citadas, que ocorreram quando os filhos ainda eram muito pequenos, outra alternativa, quando o primogênito já está maior, é que os filhos cuidem uns dos outros. Esta alternativa tem influência, naturalmente, sobre estes jovens, como podemos ver nos relatos a seguir.

Aí quando eu tinha nove anos ela resolveu casar de novo, foi com o meu padrasto. Aí aos onze nasceu a minha irmã. Só que assim, os dois trabalhavam na fábrica de peixes, então eu que cuidava da minha irmã. Então eu ia pra escola de manhã. Aí de manhã tentava deixar com alguma vizinha, alguém, porque não queria deixar na creche, porque era paga. (...) Aí eu ficava com ela. Aí não podia brincar mesmo, porque tinha um bebê pra cuidar. (...) Nisso, segue essa caminhada de violência, e um certo abandono também, e vem meu segundo irmão. E eu tive que sair da escola, porque não tinha mais como ficar com duas crianças. Quando eu saí, eu tava na sexta série, tinha treze. Tive que sair, porque eles trabalhavam e não tinha como pagar creche pra

dois bebês. Então, quem é que tá ocioso, né, estudar pra que? Então, fica cuidando.
(Sandra, 30 anos)

Neste caso, Sandra precisou parar de estudar para ficar em casa cuidando dos irmãos enquanto os pais trabalhavam. Sua mãe se juntou com seu padrasto e tiveram mais dois filhos, que precisavam de cuidados. Em outros casos, verifica-se que os jovens precisam parar de estudar para começar a trabalhar para prover renda à família.

O meu problema foi quando minha mãe se separou do meu pai. Daí eu sofri afu né, porque eles ficaram 11 anos casados, bem dizer a minha idade inteira, né. Daí nesses 11 anos eu tive mais três irmãos. Daí como minha mãe não teve emprego totalmente fixo, né, pra sustentar nós três, daí eu tive um ódio na minha vida, que eu comecei a trabalhar com 14 anos. (Wagner, 19 anos)

A dimensão do gênero surge neste momento. Os homens deixaram de estudar para trabalhar, enquanto as mulheres deixaram de estudar para cuidar dos irmãos. Em todos os casos, o estudo do irmão mais velho é deixado de lado para dar lugar ao cuidado com os outros irmãos. No caso de Wagner, diferentemente de Sandra, os pais se separaram, e a mãe ficou responsável pelos quatro filhos. Wagner passa a assumir o papel de “homem da casa” com 14 anos, da mesma forma como vimos em outros casos.

Meu irmão mais velho foi embora e eu fiquei como o homem da casa. Era mandão, fui ficando o dono da casa, mandando nas crianças, cuidando. (...) Meu pai, não sei onde ele andava, acho que ele estava na rua, ele foi pra a rua, ele não tinha nada, minha irmã que foi atrás e me falou. (Hugo, 18 anos)

Hugo permaneceu estudando, e quem provia renda para a família era sua mãe, mas este era responsável por cuidar de seus outros irmãos em casa. O cuidado com as crianças dificultava seus estudos, a ponto de quase rodar em alguns anos. Neste caso, o abandono paterno também foi determinante para sua trajetória. Em mais outro caso, verificamos mais um exemplo em que foi necessário o abandono escolar:

Só que daí por exemplo, nesse meio tempo ali, nos meus 15, 16, 17 anos, estudo, trampo né meu, aí meus irmãos também, o meu coroa ficou meio que desempregado, eu fiquei como dono da casa, meu coroa era, digamos, dona de casa, eu era o único cara que podia prover o sustento ali até quando o coroa se levantasse. (Igor, 29 anos)

Como o pai de Igor ficou impossibilitado de trabalhar, foi necessário que este assumisse o papel de provedor de renda. Para que isto fosse possível, os estudos foram deixados de lado por um período. Neste caso, o pai de Igor ficou responsável pelos seus irmãos e pelo cuidado da casa.

Assim, verificamos que os jovens necessitam assumir novos papéis, com novas responsabilidades, dentro do grupo social o qual fazem parte, o núcleo familiar. Todos estes

casos representam *projetos de vida coletivos* (KOERICH, 2013), em que as famílias vão construindo seus caminhos dentro do *campo de possibilidades* que encontram. Os jovens acabam por assumir novos deveres, de acordo com a necessidade do grupo. Ao mesmo tempo, têm novos direitos, na maioria dos casos surgidos a partir da mudança das relações familiares dentro do núcleo familiar o qual se encontra. As possibilidades mudam, e os jovens necessitam adaptar-se a elas. Os irmãos mais velhos vão assumindo as tarefas dos pais, o que varia de acordo com o gênero e com as condições familiares nesses momentos de transição. Citamos Velho (2003):

Um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham. Existem diferenças de interpretação devido a particularidades de status, trajetória e, no caso de uma família, de gênero e geração. (p. 41)

Como podemos ver, ressalvadas as particularidades de cada caso, enxergamos cenários comuns aos relatos de vida destes jovens. No que tange às suas condições objetivas, verificamos, de forma geral, que a falta de planejamento resultante da urbanização acelerada é a base material concreta na qual se assenta as juventudes de periferia. Recursos, oportunidades, possibilidades, além do crime e do trabalho precário são escassos, são a exceção à regra.

O que é que o jovem quer? Ele quer se desenvolver, quer ser um ser social, quer pertencer a uma sociedade, enfim, quer ter sua própria opinião, quer praticar seu esporte, cantar sua música, quer viver como jovem. E o bairro não oportuniza isso, não tem espaços de lazer e nem centros culturais, porque justamente cresceu desordenadamente através de uma invasão, que não foi um processo planejado ao longo das décadas, foi um processo desordenado, e então não se previu isso, dentro desse crescimento do bairro, que tivesse espaços de lazer, praças, passeios públicos e que tivesse projetos adequados para os jovens. (Júnior, 29 anos)

A adaptação das famílias dos jovens às condições que lhes são impostas antes mesmo do nascimento deles já incide sobre suas trajetórias, desde a expulsão das mães grávidas de suas famílias originais a diversas dificuldades com o trabalho e com a moradia – as mais destacadas. A questão da proteção parental também é um fator relevante para os jovens entrevistados. A impossibilidade de dispender maiores atenções aos filhos, por diversos motivos, como a carga horária de trabalho elevada dos pais, ou a quantidade elevada de filhos, acarreta no distanciamento entre os pais e os filhos, retratados pelos jovens entrevistados como abandono e brigas. Em outras palavras, o estabelecimento ou não de laços afetivos em casa (ou fora dela) pesa no processo de identificação pessoal e social dos jovens (COSTA & ROSETTI-FERREIRA, 2008).

Finalmente, foram caracterizados diversos projetos de vida coletivos dos quais estes jovens fazem parte dentro de seus núcleos familiares. Os momentos de transição dentro da

dinâmica da família começam a exigir novas responsabilidades dos jovens, novas obrigações, novos compromissos. Nos casos observados, estas situações são interpretadas pelos jovens de diversas formas, e demonstram ser os primeiros passos de uma transição em suas vidas. Entretanto, paramos nossa análise quando inicia um dos principais aspectos da transição da juventude para a vida adulta: o trabalho (GUIMARÃES, 2006, p. 171). Devido ao destaque desta dimensão, à luz da problemática de pesquisa, a abordaremos especificamente a seguir.

4.2 OS SENTIDOS DO TRABALHO

Como afirma Coutinho (2009), a busca pelos sentidos atribuídos ao trabalho pelos trabalhadores permite a compreensão do processo de identificação destes com a dimensão do trabalho. Sendo o trabalho a transformação mútua entre o ser humano e a natureza, podemos analisar as identidades dos jovens entrevistados por meio da relação entre os aspectos subjetivos e objetivos dos trabalhos realizados por eles.

Primeiramente constatamos, como já indicado exaustivamente na literatura sobre juventude e trabalho, que estes jovens começam a trabalhar muito cedo.

Sabemos que, no Brasil (...) os indivíduos ingressam muito cedo no trabalho, o que torna as trajetórias ocupacional e escolar largamente conviventes para a maioria dos adolescentes e jovens – e por que não dizer, em muitos casos, também para as crianças. (GUIMARÃES, 2006, p. 172)

Verificamos bastante variação quanto à idade de ingresso no primeiro trabalho. O “bico” infantil foi algo presente nas trajetórias em destaque, como podemos ver nos relatos a seguir.

Eu estudava de tarde antigamente, né. Na primeira série eu estudava de tarde mas de manhã eu saía pra rua com a minha vó pra catar latinha pelo bairro. Aí catava latinha e juntava papelão com a minha vó. (...) Eu ia bem feliz, né. Tinha vez que eu ganhava brinquedo das amigas dela né. (Wagner, 19 anos)

No caso das mulheres, o trabalho doméstico já é presente desde muito cedo, de uma forma “naturalizada”, se realizando quase que imperceptivelmente, mas representando uma carga importante de trabalho, cotidiano e sistemático. Além disso, em alguns casos ele é intercalado por outros trabalhos realizados em casa para auferir renda.

Aí, com isso, pra gente poder ter uma rendinha a mais, a minha mãe fazia meia de tricô, de sobras de lã. Aí eu pedi pra ela me ensinar, então, tipo, a partir dos oito anos eu fazia junto com ela as meias de tricô de lã. (...) Então ali era um recurso a mais que a gente tinha. Fora isso, às vezes eles davam alguns peixes aí ela limpava, fazia o filé e batia nas casas das pessoas que tinham mais dinheiro pra vender o filé. Então a gente ia inventando meios pra ganhar um pouco mais. (Sandra, 30 anos)

No verão era a época do camarão. Aí quando eles não precisavam fazer esses serões, virar a madrugada, meu padrasto saía e ia pescar e trazer camarão da lagoa, e quem limpava era nós, e vendia depois pra pessoas que tinham mais grana, o camarão limpo. Então era isso, eles chegavam em casa, tinha que descascar o camarão, e se as crianças estavam dormindo eu ajudava também. Então não parava as coisas, sempre tinha que ter uma maneira pra aumentar a renda, entendeu, estávamos em cinco. (Sandra, 30 anos)

Apesar de aparecer em poucas trajetórias, observa-se que o trabalho infantil esteve presente em trajetórias tanto de jovens mais velhos, quanto de jovens mais novos. Trabalhos precários, com remuneração baixa, para auferir uma renda a mais para a família pareceu ser a forma mais caracterizada do trabalho na infância. A convivência entre trajetória escolar e de trabalho na infância também foi constatada. O tipo de trabalho na infância apresentou duas variáveis, como exemplificado acima: o trabalho na rua, de catar resíduos sólidos na rua para vender (catar latinha, juntar papelão) e o trabalho manual dentro de casa, com a produção de artefatos mais simples. Ou seja, o trabalho infantil é feito no âmbito da família, fora de instituições externas, como empresas ou outros. É interessante notar a maneira como o trabalho é encarado na infância: associado à brincadeira e à diversão, no limite do possível. Nos casos relatados ambos os “bicos” começaram aos 8 anos de idade. Entretanto, o trabalho na infância não foi constatado na maioria dos casos.

De acordo com Camarano *et al.* (2004, p. 24), de forma geral, a tendência observada entre os jovens nas últimas décadas demonstra o aumento da escolarização, a redução do número de jovens que estão apenas trabalhando, e o aumento na proporção de jovens que nem estudam e nem trabalham. A década de 1990 é o período de ingresso no mundo do trabalho dos jovens mais velhos, e as décadas de 2000 e 2010, dos mais novos. Em estudo realizado com dados da PNAD, a idade média dos jovens do sexo masculino que ingressaram no mercado de trabalho na década de 1990 é de 15,5 anos, verificando-se um aumento de 1,2 ano em relação à década anterior (CAMARANO, *et al.*, 2006, p. 45). Para a década de 2000 observa-se mais adiamento em relação à idade média de ingresso na primeira ocupação: 19,12 anos nas regiões metropolitanas (TOMÁS *et al.*, 2008, p. 96). De acordo com a AJB (BRASIL, 2013, p. 52), em 2013, 33% dos jovens brasileiros tinha até 15 anos quando tiveram seu primeiro trabalho remunerado, 31% tinha de 16 a 17 anos e 30% tinha de 18 a 21 anos.

Dentre os jovens entrevistados, afora os que trabalharam na infância, observou-se que o jovem que trabalhou mais cedo ingressou no mercado de trabalho com 13 anos, na década de 1990, enquanto o jovem que relatou ter começado mais tarde iniciou um estágio com 17 anos, já na década de 2010, dentro dos apontamentos dos estudos quantitativos nacionais quanto ao adiamento do ingresso no mercado de trabalho. Entre os jovens, observamos entradas no mundo do trabalho que, para além da idade, têm significados diversos para eles. No que tange à dimensão objetiva, na maioria dos casos, o ingresso no mundo do trabalho ocorreu por motivos de força maior: necessidade de sustento da família é o mais comum, como podemos ver nos seguintes relatos.

Comecei com 14 anos, eu trabalhava na empresa lá, que ela fazia mudança em tudo que é lugar do Brasil, né. Daí eu comecei a trabalhar com eles lá, não cheguei a assinar minha carteira, trabalhei só de servente lá. Daí pegava e trabalhava três dias por semana, pegava o dinheiro no fim de semana, pegava 10 pila pra mim e o resto tudo pra minha mãe, né, pra ajudar em casa. (Wagner, 19 anos)

Comecei a tramar com 16 anos, trabalhei num mercado, era pacotinho... dava para tirar uma grana, ajudar a coroa em casa... também fazia tarefas de casa, ela é separada do pai e a gente tinha que correr atrás também. (Bernardo, 25 anos)

Teve um período que eu tive que começar a trabalhar, com 16 anos... eu tive que começar a trabalhar porque a minha mãe não tinha condição de ficar bancando a minha passagem... daí eu trabalhava de manhã, treinava de tarde e estudava de noite. (Ricardo, 28 anos)

Tipo assim, eu trabalhava mais fazendo bico, e aí depois o meu primeiro trampo foi no Nacional assim, eu comecei a trabalhar no caixa do Nacional e o salário era muito pouco e eu tinha que botar no barraco, né. Tinha que chegar: 'ó véio toma aí pra vocês e tal, me vê um 5 pro vinho pra esquina e o resto é bobagem' (risos). Era bem assim que funcionava a coisa ali... não tinha muito estresse assim. (Igor, 29 anos)

Fui menor aprendiz, tive oportunidade de trabalhar numa empresa, comecei a trabalhar com 14 anos, na periferia a gente começa a trabalhar cedo, né cara, pra ajudar em casa, não tem muito como fugir disso. Agora, com o poder aquisitivo maior da classe C, os jovens estão demorando mais para entrar no mercado de trabalho, mas ainda começam a trabalhar cedo... ganhava uma mixaria mas tava feliz, foi uma experiência profissional e aprendi bastante. (Júnior, 29 anos)

Como afirma Júnior no último relato, mesmo com a tendência observada em estudos sobre o adiamento da entrada dos jovens no mercado de trabalho, ainda assim os jovens de classes populares começam a trabalhar cedo. A necessidade de ajudar a família permeia a entrada de trabalho de uma forma geral. Entretanto, no que tange à dimensão subjetiva, observamos variações quanto a como os jovens enxergam tais necessidades. No caso de Wagner, como já visto na seção anterior, a necessidade de precisar começar a trabalhar foi um ódio para ele. Assim como ele, foi frequente o relato da necessidade de trabalhar como um mal necessário. Esta tendência está de acordo com o que se observa em pesquisas nacionais, que apontam como principais fatores que influenciam a falta de interesse dos jovens em trabalhar o

fato de os trabalhos serem precários, representando pouco reconhecimento social, e baixas possibilidades de ascensão social. Percebe-se que, apesar da consciência da necessidade de trabalhar, não há identidade pessoal e social com o trabalho concreto que está ao seu alcance no contexto em que vivem, havendo situações de negação do mesmo.

Por outro lado, em alguns poucos casos, o trabalho representou uma porta que poderia abrir novas possibilidades. No caso de Júnior antes relatado, por exemplo, o qual ele demonstra gostar da experiência profissional, que lhe proporcionou aprendizados que puderam ser usados em outros momentos da vida. Da mesma forma, como podemos ver no relato a seguir, Tiago precisou trabalhar desde muito novo, mas com um trabalho que lhe ampliou as possibilidades de vida.

E aí comecei a trabalhar com serigrafia, aí, quando faço 13 anos (...) Desenhando... começo a trabalhar de verdade fazendo arte final em serigrafia com 13 anos de idade... (...) Era um serigrafia de uma malharia. Eu fazia as artes finais em papel vegetal, caneta nanquim, e virava estampa das camisetas depois, né? (...) Eu tinha carteira assinada com 14 anos... meio salário, e estudava no turno inverso. Estudava de manhã e trabalhava de tarde... começa aí essa coisa de prestar um serviço gráfico e ganhar uma grana... (Tiago, 29 anos)

Tiago iniciou trabalhando bem cedo, mas foi na área do que posteriormente seria seu trabalho artístico: artes visuais. Passa a ter contato com as técnicas de desenho e pintura. Todavia, diferencia o trabalho de reprodução técnica do trabalho artístico.

Começa aí a parte... uma prestação de serviço que tem a ver com a arte, mas, comercial, não tinha nada de poética, né? (Tiago, 29 anos)

Neste caso o trabalho começou a abrir horizontes para Tiago que tiveram bastante repercussão em sua vida futura. Ele seguiu trabalhando neste meio durante muito tempo, e pôde estudar e trabalhar com isto. Apesar de, no âmbito destes primeiros trabalhos, Tiago ainda não poder expressar sua arte por meio daquelas técnicas de desenho e pintura, a possibilidade de trabalhar com isso lhe proporcionou uma base para o futuro, além de abrir um caminho que poderia ser trilhado. Tanto Júnior quanto Tomas, apesar de precisarem trabalhar ainda bem novos, conseguiram iniciar sua vida economicamente ativa com trabalhos que ofereciam mais possibilidades para eles desenvolverem seus aprendizados no assunto em questão para que pudessem inserir-se em algum nicho de trabalho futuramente.

Em outro caso, em que as diferenças de gênero ganham peso, o trabalho aparece associado a dois aspectos que parecem ser vinculados. A primeira é a motivação para sair de casa e se liberar de algumas das tarefas domésticas. A segunda recai na dimensão do consumo, mesmo que na sua forma mais simplória.

Aí resolvi: eu quero trabalhar fora. Eu tinha quatorze anos. (...) Aí eu disse assim: 'vou conseguir um emprego.' E a minha mãe: 'não, não, mas como é que tu vai conseguir um emprego? Tu tem 14 anos, não vão te empregar.' 'Se eu conseguir um emprego tu deixa eu trabalhar?' 'Quem é que vai cuidar das crianças?' 'Eu pego e dou todo o meu salário pra cuidar deles.' Eu não queria mais ser mãe sem ser mãe, sabe, não queria mais. Porque eu queria alguma coisa pra mim, tipo: ah, eu queria uma sandália. Não, não tem sandália. Porque a gente ganhava roupa de doação, né, aí tem que usar roupa de menino, né, enfim. (Sandra, 30 anos)

Sandra não estudava pois precisava ficar tomando conta dos irmãos em casa enquanto sua mãe e seu padrasto trabalhavam. Neste caso, o trabalho representa a possibilidade de poder ter uma rotina diária que não se limite apenas ao âmbito da casa, do núcleo familiar, do doméstico. Em se tratando de uma mulher, essa busca não é simples, e muito provavelmente não levaria a um trabalho que desse boas condições para o desenvolvimento pessoal dela.

E aí fui, fui, fui, pede aqui, pede ali, aí cheguei numa loja lá, né: 'ah, a gente precisa de empacotador.' (...) Eu ganhava menos que um salário mínimo... também, na época criança não ganhava muito mesmo. E trabalhava 8 horas, não tinha como estudar. Trabalhava sábado até a uma da tarde. (Sandra, 30 anos)

Apesar de um trabalho que impedia o estudo e tinha baixa remuneração, Sandra preferiu optar por trabalhar ao invés de ficar em casa. O trabalho lhe oferecia mais opções, mais possibilidades do que encontrava em casa.

E eu pensei: 'vou trabalhar pra caralho aqui e vamos ver né.' Claro, tu tá competindo com os outros empacotadores, né, então pra mim não existia não: 'ah vai lá no depósito.' 'Vô!' 'Vai não sei aonde.' 'Vô!' E o que eu fazia: na hora do meu almoço, eu comia rapidinho, né e eu gostava muito de música, então tinha a parte dos discos, né, tinham os LPs, né, tinha uma parede cheia de discos e eu ia e falava assim: 'ai, como é que funciona?' Porque e a gente não tinha acesso a essas coisas, né: 'como é que funciona o três em um? Como é que funciona, me ensina aí!' E a guria gostou de mim. (...) E eu pensei assim: eu não posso perder esse trabalho, eu não posso sair, porque senão eu tenho que voltar pra casa e voltar a cuidar de criança. E aí era assim, eu recebia e entregava meu dinheiro pra minha mãe, né, não ficava com nada. Aí, olha o prazer que eu tinha: sair sábado a uma hora da tarde pra ir no supermercado e fingir que ia comprar as coisas. Não comprava nada, passava o dia inteiro lá e não comprava nada. (Sandra, 30 anos)

Com isso, o interesse de Sandra no trabalho era diferente dos demais empacotadores o que a levou a se destacar no trabalho. A motivação dela tinha origem na negação de sua condição primeira: o trabalho doméstico. Entretanto, mesmo que o trabalho oferecesse a ela a possibilidade de conhecer novas pessoas e novos produtos, a possibilidade de consumo ainda era limitado devido a necessidade de ajudar no sustento da família. Neste caso, verificamos que o trabalho que para outros foi considerado um entrave, para Sandra foi um ampliador de seu campo de possibilidades. Ao mesmo tempo em que o trabalho lhe oferecia novas possibilidades, o seu interesse no trabalho era de agrado dos empregadores, o que a diferenciava dos trabalhadores que não tinham tanto interesse.

Sempre tinha alguém que vinha falar comigo e acabava consumindo. Isso para eles era vantajoso, porque eu era uma vendedora que não vendia uma coisa só e não tava ali: ‘ah, tô esperando dar o meu horário.’ Eu gostava de conversar com as pessoas, porque eu não tinha isso quando fui criança, eu fui presa, eu não podia, não tinha com quem conversar. (Sandra, 30 anos)

O intercâmbio de pessoas e produtos da loja possibilitava a Sandra novas possibilidades, mesmo que restritas. É necessário atentar à época em que Sandra passa por este processo, quando se verifica poucas alternativas aos jovens na sociedade, em especial em seu caso, pois foi afastada da escola, um dos poucos lugares de socialização juvenil. O trabalho consistiu em sua busca pessoal naquela época, e tece um sentido para além do salário, já que não podia usufruir deste. Comparando este caso com casos mais atuais, verificamos relações distintas com o ingresso no mundo de trabalho.

Em 2012 fui pro ensino médio... daí a mãe perguntou se eu não queria fazer estágio. Eu achei que não dava porque tava na idade do quartel... minha mãe trabalhava na secretaria lá e me arranjou um estágio, mas sinceramente eu não tava curtindo o estágio... tu tem que aprender tudo muito rápido... conversei com a chefe do setor, mas não tinha... era difícil... eles vem com pedra e pau na mão... depois pedi pra mudar (...) E ela: ‘vou te transferir do setor, tu vai para o 7º andar.’ Foi a melhor coisa da minha vida, uma estagiária me disse o que tinha que fazer, cheguei, tinha uma mesa cheia de computador, quase não tinha o que fazer... ‘pode crer, aqui é tranquilo...’ (Tomas, 20 anos)

Neste caso, já na década de 2010, podemos ver que Tomas inicialmente não teve interesse no estágio que sua mãe lhe ofereceu. Depois que entrou no estágio, não gostou do que fazia, e buscou o setor mais “tranquilo”. Este relato revela como o trabalho pode ser encarado de forma diversa subjetivamente, apesar de suas condições objetivas. Enquanto Tomas não enxergava no estágio um lugar onde poderia buscar seus interesses, Sandra, em um trabalho de maior exigência, encontrou uma porta de ampliação de seu campo de possibilidades.

Na descrição do primeiro emprego e de suas impressões sobre estes, podemos enxergar diversos aspectos subjetivos. Isso incorre em parte pois é uma experiência que muitas vezes traz novas condições aos jovens, sejam mais difíceis, sejam de seu agrado.

Outro fator que é ressaltado pelos jovens no que tange à necessidade de busca por trabalho: a parentalidade. Dentre os jovens entrevistados, foram apresentados alguns casos em que a parentalidade fez com que a atenção dos jovens se desviasse primordialmente à obtenção de renda.

Quando o meu filho nasceu eu acabei dando uma afastada. Daí eu comecei a focar mais em busca do dinheiro mesmo, né. (...) Que nem diz né: só gastar não adianta, o cara tem que ganhar alguma coisa. (...) Eu trabalhava de manhã, à tarde eu fazia curso e à noite eu estudava. (Mateus, 24 anos)

De acordo com Heilborn & Cabral (2006, p. 237), no caso de jovens de classes populares, a paternidade/maternidade em geral é posterior à primeira atividade remunerada, de forma que a concepção do filho, para este perfil, não é o motivo para o primeiro trabalho. Entretanto, as mesmas autoras demonstram que a parentalidade sozinha não tem influência sobre as trajetórias escolares e de trabalho, que sofrem mais influência das condicionantes de classe. A necessidade, ou vontade de trabalhar surgiria por um imperativo moral do trabalho, que sinaliza a transição para o mundo adulto.

A partir do momento em que já têm emprego, a maioria dos casos demonstrou rotatividade no trabalho. Dentre os trabalhos, muitos distinguem os que proporcionam mais oportunidades de ascensão social e ampliação do campo de possibilidades de trabalhos mais restritivos.

Já tinha trabalhado, mas em coisas nada a ver, assim, tinha trabalhado de babá; trabalhei numa sorveteria, porque lá não tinham muitas opções, assim e também, eu era muito nova, então as pessoas não queriam me dar trabalho, e eu também não tinha autonomia de, sei lá, produzir alguma coisa que eu pudesse me sustentar, assim... (Lia, 23 anos)

Depois, fiz um estágio na PROCERGS, daí depois no Tudo Fácil, depois na UFRGS dois anos, nas terceirizada, de garagista, depois numa empresa, e agora tô trabalhando na Patrocínio na casa de preparação para concurso... lá é show de bola, o cara que é da vila, não tem muito acesso, lá é legal porque dá uma oportunidade pra conhecer... um meio para o cara sair para outras oportunidades. (Bernardo, 25 anos)

Eu trabalhei primeiro com o meu tio numa fábrica de gaiola... trabalhei também ali na minha rua mesmo com a mãe de um amigo meu que vendia produto de limpeza... mas o que eu comecei receber e pra bancar mesmo as minhas passagens foi no estágio no Bazar Sul. Depois eu trabalhei na Sóbiju, na Assis Brasil... trabalhava meio turno, era das 8 às 14h, e aí dali eu fui pra uma empresa de cosmético... daí eu trabalhei ali uns meses. Trabalhei de vendedor ali. Daí dali foi quando eu consegui o meu primeiro trabalho de carteira assinada, foi numa empresa de autopeças que se chamava Sul Cap, que a minha mãe conseguiu pra mim. Aí eu trabalhava no balcão vendendo peça, atendendo... aí eu comecei a fazer um supletivo... mas eu comecei quando eu já estava trabalhando na outra empresa já. (...) Aí eu consegui a vaga numa outra empresa, que era mais perto da minha casa, era na Sertório, perto do BIG. Daí ali eu fiquei dois anos e meio nessa empresa de autopeças. (...) Eu saí dessa pra ir pra uma empresa que era do lado. Eles fizeram uma proposta. Daí nessa empresa eu fiquei 6 meses. Porque eles pagavam direitinho só que eu ganhava 150 reais a mais só do que eu ganhava na outra. Bom, de lá eu fui pra outra autopeças que era no lado, a Real Autopeças... daí essa Real também era um horário bem complicado, saía bem tarde de lá... daí não fiquei muito tempo... daí eu fui pra uma empresa lá na Assis Brasil que era SulDiesel. (...) Daí eu sai de lá. Eu fiquei um ano meio nessa empresa. Daí dali eu fui para... hum... e agora... ah sim... dali eu sai do ramo de autopeças e fui pra Olina aquela de medicamento pra digestão, coisa de digestão... era uma fábrica pra produção. (...) Eu já estava de saco cheio de trabalhar com autopeças... eu trabalhava na embalagem e na produção... era umas salas fechadas com toca e branca e tal... tinha parte que tu só colocava vidro... tinha parte que tu cuidava os frascos que ficavam vazando... e tinha parte que tu botava o rótulo... era todo um processo. Era bem legal o processo. Mas era aquela coisa mecânica... lá eu fiquei um ano. (Ricardo, 28 anos)

Analisando o trabalho no sistema capitalista, Marx (1980) entendeu que a indiferença em relação ao trabalho determinado, obrigatório e alienado, corresponde a uma sociedade na qual os indivíduos passam, com facilidade, de um trabalho a outro e o tipo de trabalho determinado resulta fortuito, portanto, indiferente:

nessa sociedade, o trabalho se converteu, não só como categoria mas na própria realidade, em um meio para criar a riqueza em geral, deixando de estar vinculado aos indivíduos como determinação dentro de uma particularidade. Neste estado de coisas, alcançou seu mais alto grau de desenvolvimento na forma de existência mais moderna da sociedade burguesa, onde a abstração da categoria ‘trabalho’, ‘trabalho em geral’, trabalho sem mais, ponto de partida da economia moderna, torna-se verdade prática.

Para quem tem que trabalhar mecanicamente, em horas fixas, com práticas repetitivas, sem possibilidade de um envolvimento maior como sujeito do processo, o trabalho representa um estancamento do presente que o impede de decolar, comprometendo as possibilidades de futuro. Ao longo dos percursos dos jovens em busca de trabalho, percebemos as limitações e descontentamentos com as oportunidades que têm acesso, além da falta de possibilidades alternativas, o que faz com que estes busquem algo a mais. E o que existe para além deste trabalho?

Fui pro quartel, e eu disse que não queria servir, porque tô estudando, tô no estágio, tô fazendo um curso de projeto, administração e direito, eu tava em turno integral e não queria perder... Mas o cara me disse amanhã já começa a vim todo o dia... fiquei o ano de 2013 no quartel... não dancei, não estudei... fiquei sem nada, o cara fica sem vida, e eu não fui voluntário... foi um ano perdido para mim... fiz tudo certo mas chegou em dezembro, não saí na primeira baixa, fiquei triste, quase chorando, pra que fazer isso... Eu só queria seguir minha vida... Chegou em fevereiro, saí, tô livre, vou voltar a estudar e vou voltar para a minha dança... quero voltar para minha dança.... (Tomas, 20 anos)

Tive que trancar a UERGS e fiquei mais um ano, eu acho, e daí comecei a trabalhar com design de superfície para calçado e foi horrível, assim, dentro de uma indústria e o trampo pegava, mal remunerado e pressão, pressão, pressão... Enfim, eu tenho problema para lidar com hierarquia, isso sempre me incomodou e eu sempre... nos tramos muito por causa disso e isso influencia meu trabalho, hoje... nas coisas que eu proponho, eu sempre tento pensar essas relações de trabalho. (...) E daí esse trampo e eu perder a bolsa foi super lindo para eu dizer: ‘Não, eu não quero isso mesmo e eu tô indo embora!’ E daí eu vim pra cá... (...) Aí surgiu a oportunidade de eu dar aula e eu tava muito afim de fazer isso, saber qual é que é, nunca tinha dado aula para uma turma, assim...

com uma certa frequência... dava três vezes por semana para educação infantil. (...) Era uma escola particular. Fiquei um ano, eu acho, e não segui porque eu voltei a ter aquela mesma relação de trabalho de me sentir explorada e trabalhando a *full*, tipo dando aula pra criança, numa super responsabilidade e ganhando dez pilas por hora, sabe? Numa escola particular... (Lia, 23 anos)

Tenho uma relação forte com relações de trabalho, muito, muito forte. (...) Isso foram coisas que sempre ficaram claras, assim... as relações de exploração, sabe? Então eu acho que isso é uma coisa que eu acho que é até bem forte, assim... (...) Aí resolvi chutar o balde e resolvi, vou ser autônoma... se é para eu ganhar super mal, vou ganhar super mal fazendo coisas que eu sou a fim de fazer e com o meu tempo, entendeu? (Lia, 23 anos)

O tráfico também acaba tornando-se uma alternativa presente na vida destes jovens. Apesar de ser uma dimensão abordada de forma discreta nas entrevistas, alguns dos entrevistados fizeram menções e comentários acerca desta possibilidade. As altas taxas de homicídio de jovens moradores de regiões de periferia das grandes cidades do país, bem como a abundância de estudos desenvolvidos nesta área, reafirmam o envolvimento dos jovens como exército de reserva, mão-de-obra descartável dos negócios do crime organizado, sendo que esta adesão se dá não só pela alta remuneração do trabalho (em comparação às demais oportunidades que se apresentam para estes jovens no mercado de trabalho) mas também pela importância que estas atividades adquirem em suas comunidades, tirando-os da invisibilidade, num verdadeiro processo de empoderamento, por mais efêmero que seja.

A influência do tráfico é justamente isso, é em dois fatores: atua tanto no status social – tu vai ser visto, reconhecido, porque tu é do tráfico, vai ter uma arma – e poder econômico, as pessoas procuram por esses dois motivos. Os jovens procuram o tráfico por status social, para ascender socialmente dentro do bairro, e também pela questão econômica, ou seja, não tenho condições de viver, não tenho estudo suficiente para conseguir um trabalho decente, ou sou um jovem muito novo e não vou conseguir um trabalho bom, vou conseguir um subemprego, de office boy ou estagiário, ganhando uma mixaria por mês. Então eles acabam ganhando muito bem no tráfico de drogas. O tráfico exerce um poder muito grande na comunidade, muito grande ao ponto de ser fundamental na escolha dos jovens. Eu tô te contando isso porque tudo isso tem a ver com minha história e com a história de centenas de milhares de jovens neste bairro. (Júnior, 29 anos)

De acordo com Ferreira & Araújo (2006), o homicídio foi constatado como a principal causa de morte entre os jovens de 15 a 29 anos, em uma taxa crescente nas últimas décadas (p. 299). Os autores apontam o tráfico de drogas como um dos três principais fatores mesossociais para a explicação do aumento do homicídio no Brasil (p. 310). A violência é apontada como um instrumento essencial para a conquista e defesa de territórios do tráfico de drogas.

Em outro sentido, alguns depoimentos trazem a importância dos projetos sociais como possibilidade de inclusão e de alternativa de geração de trabalho e renda para os jovens de classes populares, o que se observa nos últimos tempos, sendo ressaltado pela literatura nessa área.

E aí eu comecei a trabalhar na CUFA... eu trabalhei um ano com o projeto Papo Reto. A ideia é tu trabalhar com oficinas de teatro nas escolas municipais de Porto Alegre. Cada dia eu estava em uma escola. Daí a gente trabalhava com um livro que era Escudeiro da Luz, Zumbi da Pedra. Era com prevenção de uso de drogas. A ideia era trabalhar com teatro de forma lúdica esse tema com eles pra discutir esse tema com os alunos, com a escola e a comunidade, em cima desse livro, mas principalmente a temática. Aí eu trabalhei o ano inteiro nesse projeto... eu trabalhei em muitas escolas (...) Pra mim foi um projeto transformador... ah, eu trabalhei antes também no projeto

mais educação... teve um período que eu fiquei desempregado. Aí eu trabalhei no mais educação pra ter uma renda e tal... eu fazia uns bicos com o meu tio também, com pinturas e gessos, botando papel de parede. Ai eu ia levantando uma grana assim... e trabalhei no mais educação com oficinas de teatro... (Ricardo, 28 anos)

Depois eu fiz curso de qualificação, trabalhei como arte finalista e fotógrafo, me especializei em projetos culturais, a Alvo me oportunizou me especializar em projetos culturais, hoje eu presto consultoria e eu sou voluntário na Alvo, mas já trabalhei remunerado. Hoje, meu trabalho profissional, meu sustento, sou gerente de captação de recursos da FENAC em NH, uma empresa s.a., faço feiras e eventos, sou gerente de captação de recursos. A Alvo me oportunizou esse aprendizado, com projetos culturais, leis de incentivo, captação de recursos, com espaço de trabalho muito importante nesta empresa. Hoje é isso, mas eu trabalhei bastante tempo em projetos de cultura. Os integrantes da Alvo, a maioria trabalha em outros tramos e alguns conseguiram se profissionalizar. (Júnior, 29 anos)

Segundo a AJB (BRASIL, 2013), em pesquisa realizada em 2013 sobre as percepções juvenis do trabalho no Brasil, a palavra mais elencada em 1º lugar para caracterizar o trabalho foi “necessidade”. Entretanto, a pesquisa revela que somadas todas as palavras mais elencadas, “independência” também figura entre os primeiros lugares desse *ranking*. A pesquisa sugere que necessidade e desejo são fatores correlacionados na visão juvenil acerca do trabalho.

No caso dos jovens entrevistados nesta pesquisa, que têm seus interesses voltados à arte e à cultura, a grande maioria busca alternativas ao trabalho arranjado a título de necessidade, sejam elas quais forem. Isso não exclui a possibilidade de desejarem tal trabalho devido a independência financeira que este gera, como ressaltado pela pesquisa antes mencionada. Entretanto, tais trabalhos, nas entrevistas realizadas, não foram apresentados como fonte de identificação destes jovens.

Retomamos Antunes (1999) para a compreensão da desconexão entre os trabalhos destes jovens e sua afirmação de identidades. A redução destes sujeitos a realizadores de uma tarefa específica, que deve atender às demandas de um sistema do qual não fazem parte a não ser como mero cumpridor de suas tarefas, os exclui do processo como um todo. Sua subjetivação de tal realidade objetiva leva a uma identificação mínima com tal realidade. Com isso não queremos afirmar que tais trabalhos não têm influência sobre esta juventude: ao contrário, verificamos que têm, mas não enquanto fonte de identificação pessoal e social.

Frente a este contexto, os jovens buscam outras alternativas, identificam-se com outros aspectos. E os produtos culturais, difundidos pela tecnologia e pela comunicação global que temos nos dias de hoje, surgem como possibilidades de criação, de expressão e de geração de trabalho e renda. Vejamos, nas seções seguintes, como os jovens buscam e constroem alternativas para suas vidas, para suas relações sociais e econômicas, a partir do universo cultural e artístico.

5 A ARTE COMO UM CAMINHO DE AMPLIAÇÃO DAS POSSIBILIDADES

Neste capítulo, pretendemos costurar a segunda parte da análise das trajetórias juvenis apreendidas pela pesquisa: a dimensão do universo artístico e cultural. Esta dimensão está assentada fundamentalmente em três categorias de análise formuladas à luz da teoria antes discutida e das questões levantadas nas entrevistas – como pode ser verificado no Quadro 4, no Roteiro de análise, dentro do Capítulo 3.

A primeira categoria remete à compreensão de como os jovens entrevistados tiveram acesso ao universo artístico e cultural, e o que chamou sua atenção para este universo continuar fazendo parte de suas vidas. Dentro desta categoria encontra-se a descrição e a compreensão da história dos jovens com a arte e a cultura, objetivando-se traçar paralelos entre suas biografias individuais e o contexto social em que elas se inseriam. Os grupos culturais e artísticos dos quais os jovens fizeram parte, suas transformações e o amadurecimento da forma como os jovens enxergam a arte ao longo do tempo são os principais aspectos investigados. A articulação entre as dimensões objetivas e subjetivas – muitas vezes realizada pelos próprios jovens – é sempre o fio condutor da análise desta primeira categoria.

A segunda categoria, ligada à primeira, consiste na verificação das formas como os jovens em voga viabilizam ou não se manter fazendo arte e cultura frente às condições objetivas as quais encontram em suas vidas, analisadas no capítulo anterior. Também remete à história dos jovens com a arte e a cultura, mas, neste momento, enquanto possibilidade de atuação concreta, amadurecida. Neste bojo inclui-se os jovens que enxergam a arte como perspectiva de trabalho, mas não apenas. Além dos jovens que buscam na sua arte uma fonte de renda, há jovens que seguem fazendo arte, promovendo cultura, na medida das possibilidades existentes, por meio das relações que encontra, sem buscar nela necessariamente a fonte de seu sustento. Busca-se averiguar como os jovens acessam os materiais e instrumentos necessários ao fazer artístico e à produção cultural. Quanto aos que buscam a arte como forma de trabalho, investigamos em que medida atingem seus objetivos. Neste sentido, citamos Pimenta (2007), quando afirma, analisando trajetórias de vida, que

Importa perceber, por um lado, de que maneiras os contextos socioeconômicos nos quais elas estão inseridas contribuiu para conformá-las e, por outro, como os próprios

sujeitos atuaram para direcioná-las, avaliando até que ponto foram objetivamente capazes de alcançar (ou não) os resultados pretendidos. (p. 391)

A associação das duas primeiras dimensões – inevitável – será feita procurando estabelecer uma linha temporal para compreender as diferentes formas como os jovens enxergam a arte e a cultura ao longo do tempo. A questão da renda será abordada na proporção em que surgiu nas entrevistas. Todavia é importante salientar que o principal objetivo é a compreensão das dimensões subjetivas e objetivas dos pontos antes ressaltados. A nossa segunda hipótese dialoga diretamente com estas categorias: a coesão entre jovens ocorre na medida em que estes compartilham valores, crenças e atitudes, propiciando a criação de identificações pessoais e sociais?

A terceira e última categoria de análise busca compreender em que medida as iniciativas dos jovens entrevistados – baseadas em suas referências culturais e artísticas – constroem ou não alternativas diversas, no que tange tanto às suas relações mútuas e às suas identidades, quanto às possibilidades de atuação na sociedade. Esta última parte pretende dialogar com os aspectos verificados no capítulo anterior, para enxergar o panorama de possibilidades que estes jovens já construíram e ainda buscam construir, procurando responder aos questionamentos da terceira hipótese da pesquisa no que se refere a construção de alternativas para si e para os grupos sociais dos quais faz parte.

5.1 OS CAMINHOS DA ARTE NO PERÍODO DA JUVENTUDE

Em diálogo com as questões teóricas levantadas no Capítulo 2 no que tange à arte e à cultura, pretendemos aqui estabelecer relações entre as similitudes e diferenças observadas entre os jovens entrevistados no âmbito dos diferentes aspectos por eles destacados no que se refere tanto às dimensões subjetivas, quanto às dimensões objetivas de suas trajetórias. Como afirma Bastide (2006), a compreensão da arte passa pela elucidação do meio social no qual esta está imersa. Concebemos, neste sentido, a arte como um constructo coletivo, mesmo observando produções artísticas individuais. Neste sentido, a busca pelos meandros comuns dos caminhos trilhados pelos jovens em questão nos permite fazer a relação entre as suas biografias individuais e a história social.

Percebemos algumas formas comuns de primeiros acessos à arte. A oposição rua/casa, família/galera demonstra ser um primeiro critério de divisão deste aspecto para análises frutíferas. A grande maioria reconhece na família, no âmbito da casa o lugar dos primeiros contatos com diferentes artes, que não necessariamente definirão as formas de expressão que os jovens futuramente se dedicarão a fazer. O grau de envolvimento dos familiares com algum tipo de arte varia, de parentes que simplesmente gostavam de arte a pais envolvidos em grupos artísticos e culturais.

Eu sempre fiquei criando coisas em casa, brincadeiras sozinha, ou com minha irmã. (...) A coisa da arte sempre foi meio que presente na minha vida, sabe? Tava acostumada a escutar em casa, música boa... arte mesmo! A minha mãe sempre gostou, apesar de a gente nunca ter tido grana, sempre foi uma coisa muito presente... então acho que, né, tá desde muito cedo... (Lia, 23 anos)

Meu primeiro contato com a música foi em casa, com minha mãe e meu pai, escutando uns bolachão... roda de viola nos meus tios, foi o primeiro contato, pedia para levar o violão para casa... eu tinha 9, 10 anos, a minha mãe botava uns Benito, uns Chico, Tim Maia... (Bernardo, 25 anos)

Meu contato com a arte eu acredito que foi desde pequeno. Principalmente com a música. A música pra mim sempre foi muito forte. Meu pai sempre escutava muita música, CD, vinil... ele botava som né. E festas assim de família contratavam ele. E ele sempre contava que ele me embalava com música. (...) E também as minhas tias dançavam em escolas. Daí desde pequeno elas me botavam pra dançar com elas. Elas tentavam me ensinar os passinhos. (Ricardo, 28 anos)

A gente foi a Torres e meu pai me deu uma telinha. Me deu uma telinha, assim, até bem pequenininha. (...) Mas nunca tinha pintado, e tal, eu tinha seis anos, por aí, e aí eu fiz com caneta esferográfica. (...) E eu me lembro que o pai gostava de desenhar, o pai tinha voltado a estudar, ele não terminou o primeiro grau, eu acho... E eu vi os cadernos de anotação dele com o intestino grosso, delgado desenhado, assim, bá! Mandava mesmo pra desenho, mas nunca me deu um toque assim, sabe? (...) Ou seja tinha um artista em casa, né, mas não declarado, não chegava a habitar ele. (Tiago, 29 anos)

Meu pai tinha uma banda de pagode com os colegas e os instrumentos deles ficavam sempre lá em casa. (...) Acabavam os bailes e ficava lá na sala aquele monte de instrumento, pandeiro e de percussão. Aí sempre no outro dia eu acordava mais cedo pra ficar brincando com os instrumentos... nesses dias minha falou que eu sempre tive mais aptidão e atenção pros instrumentos... eu quase não brincava com os brinquedos, era só os instrumentos. Aí me deram um pandeiro, eu tenho até uma foto com ele... depois eu ganhei uma viola, aí começou a vontade... meus primos sempre brincando com brinquedos e eu com os instrumentos... ia pra casa mais cedo pra mexer nos instrumentos... eu me encantei naquele universo de instrumentos na sala, com aquele cheiro de noite de bebida e cigarro. Eu não entendia muito bem, mas eu gostava, o pai dizia: não mexe nisso aí que é do fulano... e eu nem bola. (Leonardo, 29 anos)

Os primeiros intercâmbios de padrões e produtos culturais, nestes casos, ganham destaque entre os jovens e seus familiares. Na sua maioria, os pais expressavam seus gostos artísticos cotidianamente e os filhos tinham contato a partir destes movimentos. Observa-se que, no caso de Ricardo, os primeiros contatos com a arte remetem aos parentes, mas seus

parentes lhe proporcionavam diferentes vivências artísticas não apenas no âmbito doméstico, ao passo que ele destaca o som na rua, e os desfiles de dança com os quais tinha contato. Diferentemente, Leonardo tinha contato com os instrumentos da banda de seu pai, mas não ia às apresentações com ele, e não era autorizado a mexer nos instrumentos – apesar de parecer que recebia incentivo para a música, como podemos examinar pelo gesto dos pais de darem a ele instrumentos de presente. Da mesma forma, Tiago remonta os primeiros contatos com a arte por meio de um presente recebido de seu pai.

Assim, observamos diferentes incentivos ao universo cultural e artístico no âmbito familiar. Em um caso mais recente, os primeiros contatos com a arte foram relatados no âmbito doméstico, mas sem o incentivo dos pais. Neste caso, mais atual, as tecnologias de comunicação entram em cena difundindo cultura e arte a este jovem, como podemos ver no relato a seguir.

Eu sempre curti, mas eu nunca, né, na minha cabeça eu nunca levei jeito né, eu só assistia filme, né, música, eu escutava música, música, música, quando eu era menor era música, futebol, *games*... daí foi quando eu comecei a olhar os filmes de dança, daí eu comecei a curtir... daí olhava um filme, um negócio, olhava outro filme, fazia um negócio diferente: ‘cara olha esses cara girando no chão de cabeça pra baixo, quero fazer isso meu’... gostei demais, tipo, uma coisa que te chama atenção e tu quer fazer aquilo pra tua vida, foi o que eu quis fazer. (...) Daí eu comecei na *lan house*... era vídeo no *youtube*, era filme, era vídeo no *youtube* era filme... e daí eu ficava em casa treinando, ia pra frente do espelho treinar... era olhar no filme, imitava na frente do espelho, tentava fazer... (Tomas, 20 anos)

Comparando-se este aos relatos anteriores, já identificamos uma primeira observação que pode ser remetida à teoria sobre o assunto. As portas que se abrem mais recentemente à juventude com a tecnologia permitem maior comunicação e, conseqüentemente, mais contato com outros padrões e produtos culturais que não os de sua família ou local de origem. Dayrell (2005) dirige suas reflexões acerca do processo de identificação da juventude contemporânea neste sentido: novas referências se abrem aos jovens com o advento das novas tecnologias da informação. A mudança do referencial – no mesmo âmbito do lar – dos familiares aos filmes e vídeos revela concretamente os impactos destas tecnologias sobre o processo de identificação juvenil atualmente.

Outros jovens iniciaram o relato de seus primeiros contatos com a arte na rua, fora do âmbito familiar, por meio de outras iniciativas. Os relatos a seguir remetem a estas diferentes formas de identificação. Todos trazem em comum aspectos que ultrapassam o núcleo familiar, apesar de embasarem-se em diferentes escalas.

Na verdade, o que me estimulou foi uma guria (risos). Eu acompanhava meus amigos que faziam um grupo, já existia esse grupo, e eu acompanhava, ajudava com as coisas, nunca assim pra fazer parte do grupo. O que aconteceu: um dia uma garota disse que adorava e tal aquilo ali, e eu pô... me interessei né. Comecei a frequentar mais,

participar dos ensaios e acabei fazendo parte daquilo. Só que eu ganhei muito mais do que eu achava que ia ganhar. Eu entrei naquilo pra conquistar uma garota e acabei conquistando um futuro. (Mateus, 24 anos)

Eu vim de uma transição da dança, sou fruto da dança, da *black music*, dos grupos de charme, dos grupos de dança que iam competir, que iam pra lugares que nem Grupo Jaramus de Som, Canecão... e eu cheguei a pegar uma parte dessa geração, na verdade essa geração que me traz pro lado *black* da coisa. E ali, bá aquela coisa das danças, dos grupos e pápápá... mas na época só tinha, era mais valorizado, e tinha mais força de dançarino, não tinha muito MC nessa época, né cara. (Pedro, 27 anos)

Eu participava de movimentos juvenis da igreja, da Pastoral da Juventude. De certa forma, já fazíamos diversas produções estéticas na Pastoral da Juventude, então: pintar *banner* à mão, produzir boletins, do processo de comunicação a fazer peças curtas, pequenos esquetes de evangelhos, por exemplo, pra evangelização da juventude... então já havia lá isso. (Lúcio, 29 anos)

No primeiro caso, verificamos que Mateus remete a um nível mais individual, fora do âmbito familiar. A expressão a público parece ser o principal fator de influência, neste caso, mesmo que tenha como finalidade a conquista de uma pessoa. No segundo caso, Pedro remete diretamente aos grupos juvenis de dança, sem aludir a contatos prévios. Ele propõe um cenário mais amplo do que os observados até então, figurando diversas iniciativas no âmbito da cultura *black* em sua região como principal fator para seu acesso a referências artísticas e culturais, próximo ao que nos expõe Lúcio. Este último também sugere a dimensão estética de um movimento, a Pastoral da Juventude, como sua primeira referência cultural e artística.

Estes relatos de lembranças dos primeiros contatos com a arte nos dão margem a algumas considerações no âmbito da análise de discurso. Retomando a noção das práticas discursivas (SPINK, 1994), relembremos que “quem somos é sempre uma pergunta aberta com uma resposta mutável” (p. 162), de forma que não necessariamente os jovens dos últimos relatos apresentados (Mateus, Pedro e Lúcio) não tenham tido intercâmbios culturais em casa – pelo contrário, é bem provável que tenham. O que é importante, nestes casos, é analisar a que os jovens remetem quando são questionados acerca de seus primeiros contatos com a arte. As referências relatadas revelam o que se sobressai para estes jovens no momento dos seus relatos individuais. Nos dois últimos casos, Pedro e Lúcio remetem a uma visão mais ampla acerca de suas referências culturais e artísticas, buscando enxergar cenários em que a arte e a cultura se desenvolvem, como podemos ver na seguinte passagem.

Naturalmente a arte é relegada a duas dimensões: ou ela é meramente *hobbie*, lazer, ou ela é alguma coisa que você aprende de uma pessoa mais velha, de um ancestral, de um mestre de tradição oral, mas não se tem a dimensão de pensar em viver de arte. A minha cidade é pequena, cidade de vinte mil habitantes. As pessoas vão viver de serviço público, vão viver da roça, vão viver do comércio, mas não têm a menor perspectiva de se viver de arte. (Lúcio, 29 anos)

Lúcio busca as origens das motivações pessoais do fazer artístico, propondo duas dimensões possíveis: o lazer e a tradição, ressaltando as escassas possibilidades que os jovens encontram para fazer arte. Com isso, adianta a discussão que faremos mais adiante sobre a perspectiva dessa juventude de viver de arte. Antes de seguirmos nesta linha, destacamos um último caso em que as primeiras referências culturais e artísticas foram remetidas a um âmbito externo ao lar, mais especificamente na escola.

Entrei na música com 9 anos. Porque? Minha irmã fazia aula de música. (...) Minha irmã tinha aula de flauta, depois entrou pra orquestra. O que me ajudava era acompanhar minha irmã na escola, ficava lá com minha irmã. (...) Eu fui aplicado e comecei no violino, minha irmã me ensinava. Fiz cinco anos de violino, surgiu o cavaquinho, fiz o cavaquinho, eu me jogava por que não queria ficar em casa, era sempre briga e meu pai enchendo o saco, me joguei na percussão, no violão... fiz tudo o que tinha para fazer, eu fiz. (...) Então foi por isso que eu entrei: não queria ficar em casa, (...) o pai queria bater em nós, (...) e aí eu entrei na orquestra... pra não ficar em casa... (Hugo, 18 anos)

Neste relato, a oposição rua/casa ganha importantes proporções, na medida em que o aprendizado musical na escola servia de fuga aos desentendimentos familiares. Diferentemente dos outros casos, a escola proporcionou não apenas um subterfúgio à violência doméstica, mas também referências artísticas e culturais de muita qualidade a um jovem que teve sua iniciação no aprendizado musical aos 9 anos de idade. Tal iniciativa demonstra o potencial que projetos como este podem ter para definir a vida da juventude de periferia. Na maioria dos casos relatados verificamos que a escola não foi lembrada como incentivador da arte e da cultura.

Os passos que se seguem após os primeiros contatos com a arte demonstram, em alguns casos, como a experiência com um tipo de atividade artística por vezes leva a outros, muitas vezes em consonância com o contexto histórico dos jovens em questão. Em alguns casos, observamos que as culturas juvenis abrangem diferentes formas de expressão artística, que dialogam em suas formas estéticas (BASTIDE, 2006). Como já mencionado em relato anterior, Pedro, que canta rap, começou a ter contato com a arte por meio de grupos de dança. Observamos o mesmo processo no caso de Mateus, como pode ser conferido nos relatos a seguir.

A música entrou na minha vida, na verdade, a partir da dança. Eu, no princípio, não era muito chegado na música como sou hoje. Eu era mais envolvido com a dança, e como a música depende muito do ritmo musical, independente do estilo: samba, pagode, rap, funk, tudo uma questão de ritmos. E eu não tinha noção da música, do som. Eu só tava ali pra pegar os passos da dança e era só. Até que surgiu um amigo meu que fez um grupo de funk. Eu continuava dançando, e ele cantava. Deu um tempo e ele se ausentou de cantar e eu passei a tomar o lugar dele e a cantar. Eu tive que aprender não só a dança, mas também o significado da música. (Mateus, 24 anos)

Só que daí, conforme o tempo foi passando, a dança foi sendo, digamos assim, excluída pela sociedade. Hoje em dia é difícil tu ver algum grupo de dança por aí, digamos, famoso, que esteja na mídia. Mais é cantores, MCs, no meu caso, que é o funk, mais é MC, não tem tanto grupo de funk de dança. Então, a gente teve que se atualizar, com essa nova geração. A gente parou com a dança e eu comecei a cantar, comecei a carreira solo. Só que eu vi também que não conseguia sozinho. Porque, pô, o cara precisa de muitas pessoas pra fazer o trabalho. Daí o que aconteceu: eu conheci um amigo que era DJ e comecei a tomar gosto pelo que ele fazia. E já desviou toda a minha trajetória, toda a minha carreira. Daí eu comecei a tomar gosto por aquilo e virei DJ. De dançarino pra cantor, de cantor pra DJ. Daí comecei a aprender aquilo e tomei paixão, até hoje. A minha carreira é ser DJ, faço eventos, festas. (Mateus, 24 anos)

O mesmo cenário descrito por Pedro para o rap, também o é por Mateus para o funk. Ambos reconhecem que o cenário artístico e cultural se alterou, de forma que antes se valorizava dançarinos e grupos de dança, e aos poucos passou-se a valorizar MCs, cantores. A mudança no cenário os levou a se adaptarem e buscarem novas formas de expressão artística. Podemos visualizar neste processo a inter-relação entre o contexto social e as perspectivas individuais dos jovens, ligadas aos grupos dos quais fazem parte.

Neste sentido, observa-se que os jovens constroem significados compartilhados entre si em diferentes escalas. No nível do grupo, nota-se primeiramente que Mateus buscou aprender os significados das músicas com seus amigos do grupo de dança, como uma forma de compartilhamento de símbolos visando a uma apresentação conjunta. Ainda no nível do grupo, seus membros reconheceram a mudança do cenário e buscaram se atualizar enquanto grupo. A compreensão compartilhada do cenário em questão foi necessária para que tal processo pudesse ocorrer. Mateus descreve a forma como eles enxergaram a mudança do cenário na história do funk enquanto vivenciavam este momento, como podemos ver no trecho subsequente.

Aquilo que era do nosso tempo, que nem o Bonde do Tigrão, pessoal que era da dança do funk mesmo foi se acabando. E foi tomando essa geração que hoje em dia é só MC. Difícilmente tu vai numa casa noturna hoje em dia e vê um grupo de dança. É mais MC mesmo. (...) Antes de começar essa onda de MC, o que motivou as pessoas a criarem coragem e subir no palco, ou até mesmo se tornar um cantor foi quando veio a morte do MC Daleste, que aquela morte chocou todo mundo, assim, né, ninguém esperava. O cara morreu em cima do palco, cantando, fazendo o trabalho dele. E já tinha uma trajetória na vida dele, que era bem sofrida, um garoto da favela, né, que conseguiu conquistar um espaço, conseguiu um potencial ali na vida, e aquilo ali, eu acho, motivou muitas pessoas a se tornarem cantor, MC. Eu acho que foi nesse momento que veio essa explosão de MC. Por isso acabou decaindo aquelas pessoas que faziam grupo de funk, chamados bondes. (Mateus, 24 anos)

Com isso, constatamos um nível de compartilhamento de significados externo ao grupo, tendo como base as mudanças ocorridas no meio artístico e cultural do qual fazem parte. O grupo dialoga com o cenário do funk ao se atualizar, e consegue perceber as modificações deste meio ao longo do tempo. Neste caso, fica evidente a mudança dos bondes, que eram grupos de jovens dançarinos, para os MCs, cantores individuais.

Em relato semelhante, Pedro conta sua história pessoal ligando-a ao grupo de rap do qual fez parte, e relaciona a sua história e a do grupo ao cenário musical das diferentes épocas de sua história. A menor parte dos jovens contaram suas histórias relacionando-as diretamente com o contexto de cada momento. Verificamos que os casos específicos que contextualizam suas histórias pessoais demonstram ter uma visão mais relacional, buscando fazer esta conexão entre o que ocorre consigo e o que ocorre no resto da sociedade. No caso de Pedro, parece que a sua própria vontade de fazer arte, fazer cultura, fazer música já se relacionava com uma visão mais ampla dos lugares em que vivia e das pessoas com quem convivia.

Eu tava numa transição, né, saí ali da capoeira, saio da dança, que eu levava junto, aí começa a entrar os MC, e aí começa a aparecer na época a MTV, que era o único canal, porque era uma época bem diferente do dia de hoje, né cara, o acesso pra música, principalmente pro rap, era uma coisa bem mais... tipo assim, era um bagulho que tava elitizado, né, um bagulho elitizado mesmo, só quem viajava lá fora que sabia quem era os cara que cantava rap assim. O que acontecia: um mano do skate que trazia uma novidade, que trazia uma parada. (...) Nessa época eu andava no bolo do pessoal do skate, ali e pá, tentando fazer uma manobra, todo errado, mas tava ali, sabe, um neguinho da favela que juntava umas pecinhas de uns bagulhos, uma tábua reta assim, e se envolvia em uma outra rodada sempre com uma visão da necessidade de fazer essa conexão, tá ligado, entre o morro e o asfalto. Sempre eu tive essa fita, e eu acho que talvez a música foi o condutor disso pra mim, assim, a chave que eu descobri que com isso podia ampliar. Ampliar não na maneira de eu querer estar lá naquele lugar, mas sim de ser um cara que morasse na Bom Jesus e pudesse fazer com que as pessoas pudessem entender a Bom Jesus, e nós poder ter um circuito de espaço físico pra a gente poder circular sem ser discriminado de ser da Bom Jesus. E a música, ela fortaleceu isso, ela fez as outras pessoas, assim, entender que o rap dos caras (...) ao mesmo tempo falam da quebrada deles, ao mesmo tempo o som que tá embalando a nossa classe, embala outras classes e nessa caminhada a gente foi indo. (Pedro, 27 anos)

Verifica-se nesse relato claramente a noção de ampliação das possibilidades, abordada anteriormente na discussão teórica por meio dos conceitos de projeto e campo de possibilidades. Neste caso, Pedro enxerga no diálogo entre ele e o pessoal do skate, e de forma geral “entre o morro e o asfalto”, em suas palavras, uma forma de ampliar as possibilidades no sentido de superação da discriminação sofrida por ele e os demais moradores da Bom Jesus. E sua conclusão é que a música foi a forma como ele conseguiu fazer esse diálogo buscando tal superação. Ele propõe uma abertura para que as pessoas entendam o seu local de moradia, a vila Bom Jesus. Começamos a enxergar neste momento um horizonte real de proposição de alternativas às condições as quais os jovens de periferia vivem, dialogando com nossa terceira hipótese.

Pedro tem acesso às referências mobilizadas no início de suas criações artísticas graças às tecnologias as quais ele e seus companheiros de atividades culturais tinham acesso.

Observamos a presença da tecnologia de comunicação em massa que teve influência sobre seu processo de criação.

Foi uma coisa muito simples, né, a gente começou a ver umas fitas da MTV, olhamos uns sons tipo Snoopy Doggy Dogg, Dr. Dre, Bone, Tupac e B.I.G., não preciso falar muito... Bá, dali a coisa, o enlatado caiu que nem uma luva. Eu tava assim sentado na TV, nós olhamos assim, os dois piá assim, sabe, na época eu acho que com 12, 13 anos, 14, nós tava olhando assim: ‘o meu, é isso que nós queremos, cara, é isso que nós queremos! É isso que nós vamos fazer, vamos fazer isso, cara, vamos fazer esse rap!’ (Pedro, 27 anos)

A difusão cultural demonstra-se já cada vez mais presente, ao passo que Pedro pôde ter acesso a rappers norte-americanos por meio da televisão. Neste sentido, observamos um crescente processo de difusão cultural por meio da tecnologia de comunicação, que aos poucos se populariza e permite que jovens de periferia tenham acesso a diversas culturas do mundo. Tal processo não é livre, e ocorre condicionado ao controle empresarial destas mídias, como discutimos anteriormente. De qualquer forma, estes jovens podem ter acesso a estas referências difundidas de forma global, e reinterpreta-las de acordo com suas realidades.

É interessante notar como a popularização dos meios de comunicação permite que jovens de diferentes regiões da cidade e da região metropolitana tenham acesso aos mesmos referenciais. Observamos, desta forma, um movimento que ocorre para além do grupo de Pedro. Tal movimento não depende apenas das tecnologias de comunicação, pois se cada indivíduo participante deste movimento não se mexer nada acontece. Trata-se de um movimento dialético entre os indivíduos e suas condições materiais, que, semelhantes, permitem – não induzem – a convergência: a práxis coletiva, que pode ser apenas atributo da comunidade, como definida por Bauman (2012). Pedro descreve como participa de tal processo.

E aí, cara, começamos a tocar nos lugares, começamos a tocar, criamos figurinos, começamos a tocar em festivais do rap, aí começou a cena do rap aqui começa a acontecer, sabe. Começa a abrir a cena, assim, pelo menos do rap. Começa a abrir mais, e aí tinha reuniões pra tocar em festivais no centro que dava 200 cabeça lá sentado sempre, toda quarta-feira, sexta-feira, o dia que fosse. Tinha época que dava 300 neguinho em reunião, sentado, só falando sobre rap, né meu, era um bagulho fortíssimo assim. Ali começa a sair programa de TV, começa a sair o pessoal radialista, começa a sair o pessoal que ia fazer a produção desse movimento. E os grupos, né: zona sul, norte, leste, interior, a galera tudo. Daí comecei a ver já a cena. Bom, aí começou a sair os festivais, a gente participava. (Pedro, 27 anos)

De forma auspiciosa, Pedro reconhece neste movimento o início de um processo que, segundo o que aparece em seu relato, aos poucos cria condições para poder se manter. Novos atores passam a surgir embalados pelo movimento para tomar diversas posições que são importantes para a manutenção deste, como os radialistas, os programas de TV, os grupos de rap, etc. A produção cultural e artística, antes espalhada nas ações desconexas de cada grupo

ou indivíduo passa a tomar uma mesma forma e a ganhar força com o coletivo. Neste sentido, podemos perceber, verificando as semelhanças com o caso anterior narrado por Mateus, que ocorre um processo de identificação entre estes jovens, na medida em que estes passam a compartilhar valores, crenças e atitudes com outros jovens, como um coletivo real ou imaginário, que pode propiciar coesão entre eles, e visibilidade perante a sociedade, modificando suas identidades pessoais e sociais, como afirmamos na nossa segunda hipótese.

Conforme mencionado por Pedro, se reuniam jovens de diversas localidades no centro de Porto Alegre. Em comum, além da referência no rap, há a semelhança quanto à classe social.

E os festivais eram grandes, se rolasse um aqui toda essa galera dessas quebradas iam pra cá, era uma coisa assim: o rap tinha um *greencard* nas periferia, tá ligado? Era rap não tinha treta nenhuma! Se era os cara do rap qualquer um já sabia: fez rap já entrava... aí: 'ah, onde que é?' 'Na vila tal.' Não queria nem saber, tava lá na vila tal, curtindo um rap, suave, sabe, sem nada de fronteira o bagulho. Então os mano atravessava cidade, atravessava as quebrada pra curtir um rap. (Pedro, 27 anos)

O movimento rap criou um processo de identificação mútua que abria caminhos: os rappers tinham acesso às diversas “quebradas”, ou bairros populares. Assim, a fragmentação local dava espaço a processos de trocas entre os jovens de classes populares de diferentes localidades. Da mesma forma podemos observar tais aspectos na trajetória de outro jovem.

E aí na minha cidade passou um grupo artístico que é de uma outra cidade maior representando A Paixão de Cristo. E aí eu me informei que o grupo era do estado e fazia aquilo no estado fazia dez anos. (...) E eu me lembro que eles iam lá representar A Paixão de Cristo, a cidade não dispunha de uma rede de hotel. Como era uma peça religiosa e a gente participava da igreja, então decidiu-se que a nossa paróquia ia receber o elenco que ia lá representar A Paixão de Cristo, um tema religioso, de interesse da comunidade e tal. O salão paroquial serviu de camarim, eu fiquei coordenando a história de organizar o salão pra receber o pessoal e as famílias receberam os atores, os artistas nas suas casas. (...) E eu passei de um dia pro outro me envolvendo em hospedar artistas, conversar com artistas... A parte mais encantadora foi eu ser uma das poucas pessoas que ficou no salão paroquial vendo eles se vestirem, brincarem, se maquiarem, eu achei aquilo extremamente encantador. Como eu não via nenhuma perspectiva de arrumar as malas e já descer com eles pra próxima cidade, pensei: 'porque é que eu não posso formar um grupo aqui também, né?' (Lúcio, 29 anos)

Vimos anteriormente como a criação de iniciativas artísticas e culturais tiveram forte influência dos meios de comunicação, embalados pela difusão cultural que tais tecnologias permitem. Em um caso mais simples, a vinda de um grupo de teatro a uma cidade do interior instigou os jovens desta cidade a criarem um grupo de teatro próprio. Salienta-se a importância das referências na ampliação do campo de possibilidades destes jovens, referências que, como este caso demonstra, não necessariamente estão nos meios de comunicação.

Pouco antes de entrar no ensino médio eu fundei um grupo de teatro de rua. Um grupo de teatro que foi de rua, depois foi de palco, teve vários momentos. Ele foi o grande momento de jovens ali da minha cidade, que queriam fazer outras coisas, então logo absorveu toda a galera porque era uma coisa nova e tal e porque a galera vislumbrava nesse grupo a possibilidade de ser artista. Apesar de não se vislumbrar a perspectiva de se alçar profissionalmente, de ter carreira, mas enfim, era um processo de expressão artística. Então ali nasceu o grupo de teatro. Foi um grupo que chegou a ter 45 pessoas. Porque no fim muita gente não tava ali pra fazer teatro, tava ali pela ebulição do fazer teatral e tal. Muitos tavam ali pra se agregar mesmo né, pra tá na roda junto com outros jovens e tal e tinha a galera, eu mesmo, que levava sim o teatro pra rua e tal. (Lúcio, 29 anos)

A partir de uma referência artística e cultural provinda de uma cidade maior, os jovens de uma cidade menor, do interior, ressignificam as experiências estéticas pelas quais passam e fundam uma iniciativa própria. Têm a referência primeira como base, que amplia seu campo de possibilidades, mas, ao criarem sua iniciativa própria, a adaptam à sua realidade. A característica singular é que consiste em uma iniciativa pensada por jovens, fundada por jovens e mantidas apenas por jovens, na forma de um espaço privilegiado de práticas e representações onde os jovens buscam identidades juvenis (DAYRELL, 2005). Esta iniciativa agrega jovens em torno de si, e cria expectativas no público externo.

A comunidade ali tinha dois olhares: um era um olhar de encantamento, porque era um teatro numa cidade que não tinha teatro, que não tinha produção artística teatral nenhuma e que vê tudo aquilo acontecendo e tem um vislumbre. Mas ao mesmo tempo, tem um outro olhar que não visualizava nenhum futuro objetivo pra gente que tava envolvido naquilo, aquilo não gerava dinheiro, não tinha a menor chance de se viver daquilo. (Lúcio, 29 anos)

Eis que surge o aspecto que mais dificulta a situação dos jovens: a dimensão da renda, e a necessidade de planejar um projeto de vida futuro, muitas vezes frente a demandas familiares. A sustentação familiar já foi abordada previamente, quando verificamos alguns casos em que os jovens necessitaram parar de estudar para ajudar sua família de alguma maneira, seja na forma de trabalhos domésticos, seja arranjando uma atividade remunerada.

A dificuldade de poder se dedicar à arte e à cultura devido a pressão para trabalhar com alguma atividade remunerada foi bastante presente entre os relatos dos jovens entrevistados. Na maioria dos casos os jovens afirmam que a falta de possibilidades de trabalho com arte e cultura faz com que seja necessário arranjar outras fontes de renda, que dificultam a dedicação a suas iniciativas culturais. No caso de Lúcio, que mora em uma cidade do interior, isto fica explícito pois muitos jovens deixam esta cidade em busca de outras alternativas.

Entre 99 e 2000 nasceu o grupo de teatro. Ele ficou até 2007 com elenco, depois foi todo mundo indo embora, eu fui embora um pouco antes, e chegou uma época em que era impraticável porque todo mundo tava no mundo. Ele virou um coletivo, que se reunia na minha cidade nas férias pra fazer teatro por um mês, ele foi tendo vários formatos até se tornar impraticável, porque realmente não tínhamos mais como nos

reunir, não tinha ninguém na cidade sequer pra ficar fazendo oficina, animando e renovando o elenco. E porque era um sonho complicado porque a gente se superentusiasmava e chegava um dia em que a realidade batia na porta e dizia vou embora pra trabalhar ou vou embora para estudar, aqui não fica. Ou vai pra roça, ou vai pro serviço público, ou vai... Porque na minha cidade não tem realmente nenhuma possibilidade de empregabilidade mesmo e tal. (Lúcio, 29 anos)

Este fator pesa ao ponto de inviabilizar as iniciativas culturais, restringindo o potencial de criação da juventude. Dentre os jovens entrevistados, verificamos que poucos conseguiram auferir renda a ponto de se manterem financeiramente por meio da arte. Cabe ressaltar que nem todos demonstraram tal pretensão, mas muitos apresentaram a dificuldade de conseguir conciliar a arte com as suas atividades remuneradas. A família entra em cena no que tange à esta dimensão, visto que em muitos casos foi relatado o descrédito da família em relação às atividades artísticas e culturais. Nestes casos, os argumentos apresentados pela família remetem a diversos aspectos. Podemos ver um caso em que a família enxerga que o teatro é um problema, remetendo à oposição família/galera, mas também vendo a atividade artística como oposta a um futuro com estabilidade, o que envolveria um trabalho remunerado.

Quando eu comecei no grupo, me envolver com a galera do teatro, que tu sabe como é, (...) minha mãe começou a ficar louca comigo... ‘como assim?’ Sabe... ela dizia... ‘nunca me incomode, agora vai começar dar problema’, ela dizia... minha mãe com aquele discurso super de família... Então foi bem complicado nesse início, e eu não parava em casa... festas de família eu parei de ir porque eu ia apresentar, porque eu tinha uma reunião, porque eu queria sair com a galera, e eu nunca ia... aí começou esse conflito... eu chegava em casa, a mãe dizia: ‘tu nunca mais tá em casa, eu não consigo conversar contigo, o que tu tá fazendo da tua vida, tu tá te afundando...’ era assim... ao mesmo tempo que tá te fazendo super bem aquilo, cada vez mais tu tá te desenvolvendo e aprendendo outras coisas... (Ricardo, 28 anos)

Só que eu tive que parar de fazer, por causa da pressão da minha mãe pra trabalhar... aí eu comecei a trabalhar na Olina. Eu lembro que isso foi uma coisa super marcante pra mim. Porque essa coisa da família me pressionando e tal... eu queria muito participar naquele processo das peças... mas eu tava em um trabalho super mecânico. Eu não via o sol. Ficava só lá dentro... e eu ficava pensando, bah, o que a galera tá fazendo agora... bah, será que eles estão ensaiando... que cena que eles tão criando... era uma coisa bem marcante... me deixava bem triste... aí foi passando. (Ricardo, 28 anos)

Daí foi bem complicado... várias vezes eu pensava: bah, não vou fazer mais... vou parar de ir nas oficinas... vou trabalhar pegar um trampo assim... por exemplo, esse trampo da Olina... foi um trampo que acabou batendo isso... vou trabalhar... então vou... mas mesmo assim era mais forte do que eu... eu não conseguia... eu fiquei um tempo lá, mas a minha cabeça não saía do grupo. (Ricardo, 28 anos)

Como é possível observar, Ricardo tentou convencer sua mãe de como o teatro permite que ele se desenvolva e que ele aprenda novas coisas que lhe fazem bem. Entretanto, a pressão familiar para o trabalho remunerado levou este jovem a largar o teatro e ficar trabalhando. Ricardo opõe o trabalho na fábrica de remédios, mecânico, sem ver a luz do sol, aos ensaios do grupo de teatro. É interessante observar que o teatro é pouco valorizado pela

família neste caso, mesmo que Ricardo tente explicar o quanto é importante para ele. Mas alguns aspectos chegam a ser valorizados.

Depois com o tempo a minha mãe foi aceitando mais... foi ficando mais tranquilo. Mas ainda assim rola conflito... fim de semana a gente tinha apresentação, e ela: 'bah até domingo... todo os dias agora com essa merda de teatro'. Ela dizia isso... só que quando tinha viagem ela dizia, nossa, que legal, tu vai pro Rio de Janeiro... não sei o que e tal... e eu tá, vô, mas pra mim, sei lá... pra mim o importante não era a viagem, era o que a gente ia fazer lá... (Ricardo, 28 anos)

Engraçado que a minha mãe falou pra todo mundo... e ai diziam: 'ai vai lá em Copacabana...' eu até fui e tal... mas um dia só... eu não fui lá pra fazer turismo, sabe. (...) Também, falavam: 'bah, agora tu tem que te encarnar pra ir pra globo, fazer um teste...' e eu: 'não, a minha ideia é só continuar fazendo teatro de rua, acredito em outra coisa...' diziam: 'tá mas tu não quer ganhar dinheiro?' Como assim tu não quer ganhar dinheiro... Eu disse, 'não, não quero... eu vou trabalhar com outra coisa pra ganhar dinheiro...' o teatro pra mim é uma ferramenta, é uma forma de eu falar as coisas que eu penso e tal, e estar construindo, mostrando, um coletivo, um ponto de vista sobre as coisas... daí sei lá... eles não tinham muito essa visão... sempre essa coisa de trabalho... de futuro... tu tem o teu futuro e tal... uma estabilidade na vida e tal... era o que me diziam... (Ricardo, 28 anos)

Pelo que é destacado neste relato, a cobrança em cima de Ricardo gira em torno do dinheiro, trabalho, futuro e estabilidade. Para Ricardo, a importância do teatro não é o dinheiro, a ponto dele traçar uma estratégia de ganhar dinheiro com outra coisa que não o teatro, mas mantendo-se no teatro. Percebe-se que o desentendimento de Ricardo com sua família está fundamentado em diferentes compreensões acerca do trabalho e da arte. Os sentidos que Ricardo estabelece para estas dimensões são distintos dos sentidos que sua família atribui. Além disso, Ricardo passa a buscar um diferencial em seu trabalho remunerado, como veremos na seção seguinte. A forma de enxergar o trabalho, neste caso, mudou para Ricardo a partir do contato com o grupo de teatro.

Como já pôde ficar claro, o desgosto da família acerca das atividades artísticas não recai apenas na dimensão da renda – do fato do jovem estar se dedicando a outra atividade que não a remunerada. Percebe-se a arte é vista por algumas famílias com estigmas diversos, como podemos ver no relato a seguir.

O que me atrapalhava bastante assim era a questão dos meus pais, né, que meus pais eu não digo que eles eram contra, mas eles tinham a visão de muitas pessoas que ainda tem do funk, né. Tipo: funk é coisa de maloqueiro, isso aí né. Só que eu sempre dizia pra eles: vou mostrar pra vocês que vocês tão errados. Muitas vezes eu bati de frente com eles, falava, eles chegavam a me proibir de sair e ir fazer show, diziam que era perigoso e tal. Perigoso é, a gente tem essa noção. Só que no momento que eles viram que eu tava conseguindo ganhar um espaço, ganhar um dinheiro com aquilo, eles viram que aquilo ali era um trabalho. E isso aí já... hoje meu pai cedeu um lugar aqui na casa dele pra mim fazer o meu estúdio, minha mãe me apoia também. Pô depois que eles viram que eu queria isso como trabalho, não como passatempo só né, eles passaram a me ajudar. E aí eu comecei a ter o apoio da família. (Mateus, 24 anos)

Neste caso, verificamos que quando a arte se apresentou enquanto potencial fonte de renda, ela foi melhor aceita pela família deste jovem de classe popular. O estigma que guarda o estilo funk, entretanto, talvez não tenha sido superado. Como afirma Mateus, ele precisou provar que sua atividade artística valia a pena de ser feita, pois poderia ter algum retorno econômico. Entramos, neste momento, na discussão acerca da supervalorização do valor de troca acima do valor de uso. É claro que nesse caso a necessidade material fala mais alto que a lógica de reprodução do capital, mas percebe-se que se mantém o diálogo entre elas. O próprio Mateus precisou encontrar em sua atividade artística algum potencial de renda, para que pudesse ter motivo para seguir nesta atividade.

Um dos jovens entrevistados – e apenas ele – consegue manter-se unicamente com a renda auferida pelas suas atividades artísticas. Entretanto, ele mesmo começa a falar desta dimensão com a afirmação comum: “artista não tem renda, né”, demonstrando que tal dimensão não é algo simples para quem busca sustentar-se apenas com a arte. Sinteticamente, para ele, há três formas de artistas auferirem renda com a arte.

A dimensão da renda pra um artista (...) se dá de três formas: (...) o trabalho próprio e o ensino é um primeiro pilar que sustenta, que é: ou eu estou encenando um trabalho próprio que eu criei, ou eu estou ministrando oficinas pra iniciativa privada ou pra iniciativa pública. (...) Um outro pilar é a participação em coletivos e grupos em que as pessoas constroem juntas e se apresentam juntas e dividem os rendimentos, que é o caso do grupo de teatro de animação: rachamos a bilheteria, rachamos o patrocínio... mas gera quase nada. O que o grupo te dá é muita vivência, espaço de formação... É muito mais um esteio afetivo, de estar com outras pessoas e tal. Então o grande ganho acima de tudo é o coletivo e o afetivo, mas ele gera renda também. E o terceiro pilar ainda é a política pública e privada de patrocínio, de apoio, editais que você tem que acessar pra investir num trabalho, pra patrocinar um trabalho em particular. (...) Hoje eu vivo de juntar as três dimensões, e pela renda que vem de uma, de outra e de outra eu acabo gerando um lastro que consegue pagar as contas. (Lúcio, 29 anos)

Dentro destas três formas, pode-se encontrar muitos tipos de atividades, com relacionamentos diversos entre o artista e os demais envolvidos no processo de produção artística e cultural. No caso de Lúcio, suas atividades são autônomas, pois ele realiza as diversas tarefas necessárias para conseguir atingir estas três formas de renda. Para isso, é necessário que saiba executar estas tarefas, que são diversas pois envolvem conhecimento não apenas enquanto artista.

Um complicador é que tu tem que se desdobrar em ator, artista, ser encenador, mas ao mesmo tempo ser diretor, se desdobrar em gestor e produtor. Você precisa ser todos ao mesmo tempo, precisa ter habilidade. Então eu tô tanto lendo edital e elaborando tecnicamente o projeto, como olhando uma planilha e na mesma hora eu tô com um boneco na mão encenando, ou estou dirigindo um grupo que tá encenando e eu sou o diretor do grupo, então, assim, eu tenho que conviver com diversas personalidades ao mesmo tempo, né, de um burocrata a um encenador e diretor teatral. E tem que se

aprimorar em todas elas ao mesmo tempo. Então é desafiador porque tem que saber de todas as coisas e ter domínio técnico de todas estas coisas. (Lúcio, 29 anos)

No mundo de hoje, o trabalho com arte envolve não apenas a atividade artística em si, mas toda uma série de atividades que são necessárias para a manutenção das atividades artísticas em nosso meio. Assim, sem ter conhecimento sobre a burocracia, o planejamento financeiro, a produção artística e cultural, dentre outras atividades – que hoje já encontram especialistas em cada área – os jovens não conseguem ter rendimentos econômicos expressivos com suas atividades artísticas. Verificou-se tal fator em outras entrevistas, em que os jovens não acessaram editais ou políticas públicas pela falta de conhecimento para cumprir o que é necessário para tais fomentos. Essa falta de conhecimento abarca desde áreas mais simples, como a informática, até exigências mais complexas, como a prestação de contas.

À guisa de conclusão, podemos afirmar que a arte e a cultura aparecem nestes relatos como uma das possíveis formas de identificação da juventude de classes populares. Este aspecto é comum nas entrevistas realizadas, e nos leva à percepção da busca destes jovens por alternativas à realidade por eles vivida – suas condições objetivas. Compartilhamos, neste sentido, a noção de que a arte e a cultura não podem ser definidas apenas como reflexo da realidade objetiva a qual os jovens em questão estão imersos, e tampouco podem ser definidas apenas de acordo com a subjetividade destes jovens, tal como afirmado por Vázquez (2010) – no caso da arte – e Bauman (2012) – no caso da cultura – para citar apenas estes autores. O fazer artístico e a produção cultural são antes de mais nada, produtos da criação humana de uma nova realidade, de uma forma peculiar. Citamos Vázquez (2010, p. 42)

A concepção de arte como atividade que, ao prolongar o lado positivo do trabalho, evidencia a capacidade criadora do homem permite ampliar suas fronteiras até o infinito sem que a arte se deixe aprisionar, de um modo definitivo, por nenhum *ismo* em particular. Ainda que o objeto artístico possa cumprir as mais diversas funções, somente pode cumprir essas funções como objeto criado pelo homem. Qualquer que seja sua referência a uma realidade exterior ou interior já existente, a obra artística é, antes de mais nada, uma criação do homem, uma *nova* realidade. A função essencial da arte é ampliar e enriquecer, com suas criações, a realidade já humanizada pelo trabalho humano.

Frente às observações que pudemos realizar no âmbito das duas primeiras categorias de análise, passamos agora, em tom de fechamento, à última parte de nossa análise. Nesta parte derradeira, nos propomos a verificar, no diálogo com as questões levantadas pelos jovens, que alternativas foi possível se construir no âmbito do universo artístico e cultural para as condições as quais os jovens em questão se encontram. Tal proposição não pretende ter caráter avaliativo. Buscamos fazer ligações entre as alternativas buscadas pelos jovens,

ressaltando que o próprio processo de busca de alternativas é em si a principal dimensão que pretendemos compreender.

5.2 EXPRESSÃO ARTÍSTICA DA JUVENTUDE DE PERIFERIA: FORMAS DE RESISTÊNCIA?

Para a compreensão do que pretendemos aqui, cabe retomar a discussão teórica que realizamos acerca do potencial inovador em oposição ao potencial conservador da arte (BASTIDE, 2006). Julgamos pertinente tal retomada para uma definição mais precisa do que queremos entender com a pergunta-título desta seção. Neste sentido, podemos afirmar que este potencial de transformação ou conservação da arte é relacional, ou seja, depende de quais referenciais se aponta para que possamos afirmar que a arte consegue manter ou modificar algum aspecto.

No caso em voga, o que se procura investigar é a busca dos jovens por alternativas às suas condições por meio do universo artístico e cultural. Dentro desta busca por alternativas, quais os referenciais culturais e artísticos que embasam a busca destes jovens, e quais sentidos os jovens atribuem a arte e a cultura nesse processo. A resistência, neste contexto, é em relação aos fatores que dificultam a busca dos jovens por alternativas às suas condições, como observado nas análises anteriores.

O primeiro aspecto que podemos destacar no que tange à busca de alternativas da juventude de periferia relaciona-se a busca de alternativas para sua sobrevivência. Como já mencionado nas análises posteriores, a realidade da maioria da juventude dos bairros populares é permeada pela possibilidade do tráfico de drogas, que traz consigo, na maioria dos casos, a violência e o extermínio juvenil, como relatado pelos próprios jovens entrevistados.

Então pra ti acompanhar a parada da música tem que ter visão de tudo isso, cara. E o nosso grupo sempre teve esse apanhado, buscar informação dentro das lutas, acreditando. Porque a gente nunca cantou só por cantar, a gente canta acreditando na mudança da quebrada, na mudança pessoal nossa, né meu. A nossa mudança né meu. Porque hoje o Pedro poderia ser o Pedro ali o cara da boca de fumo ali, que não teria mais ali porque não ia passar dos 16, porque não se passaria. Pedro poderia ser o cara que fica ali o dia todo no campo ali pensando na vida, enfim, poderia ser vários. E o Pedro criou o Pedro, um personagem duma parada a qual pra ele, pra missão que eu acredito, eu acho que essa missão é continuar essa resistência do rap nacional, o rap gaúcho, porque acho que isso é uma resistência, tipo qualquer outro movimento, tipo

rock, tipo reggae. É um movimento que tem resistência. Não é um barato. (Pedro, 27 anos)

O grupo de rap que Pedro participou, o qual esteve imerso na cena do movimento rap da região metropolitana de Porto Alegre demonstrou ser uma alternativa ao destino mais comum dos jovens do bairro de Pedro: o tráfico de drogas. O status social e a ascensão econômica são, como os próprios jovens descreveram, os principais fatores que levam a juventude de periferia a trabalhar com tráfico de drogas, pois possui poucas alternativas de ter acesso a estes aspectos. Os grupos culturais e os projetos sociais nos bairros de periferia demonstram ser um ampliador do campo de possibilidades dos jovens de classes populares neste sentido.

Quando era adolescente também vivi minha crise existencial de ir ou não para o crime, de ir ou não para a violência. Graças a Deus, a minha base familiar me deu sustento, e projetos sociais também, um projeto neste espaço onde a gente tá aqui agora, fiz um curso de informática, isso em 96, eu tive essa oportunidade. Eu era criança, né? Eu jogava capoeira, jogava basquete, e fiz curso de cerâmica e de informática, e o curso de informática me chamou muito atenção porque eu era viciado em *videogames*, tipo fliperama e tal, e eu gostei muito de informática e fui procurar este caminho. Então isso me tirou, isso foi crucial para ter me tirado da criminalidade. Por isso eu acredito muito que as políticas públicas voltadas ao esporte, cultura, lazer, qualificação profissional e social dos jovens, acredito que isso dá um retorno muito grande. (Júnior, 29 anos)

Neste quesito, a correlação entre a sobrevivência e as alternativas da juventude de participar de um processo de identificação que a permita sair das possibilidades arriscadas do ciclo da violência juvenil demonstra ser grande. A ressignificação de referências culturais externas para a realidade dessa juventude, como observado nas análises posteriores, abre caminhos para a sobrevivência desse público, que encontra poucas alternativas.

A família por vezes consegue enxergar os grupos culturais como alternativas melhores para seus filhos, como no caso de Júnior. Contudo nem sempre apoiam à primeira vista, muitas vezes gerando desconfiança e não fornecendo apoio a estas iniciativas, dependendo do caso. Podemos verificar que em alguns casos foram necessários alguns anos de experiência insistindo nas atividades artísticas e culturais para que os pais dessa juventude enxergassem tais atividades com bons olhos.

O rap é assim, ele vem do *soul*, da *black music* em geral, e vem enlatado sim, mas o Brasil soube adaptar muito bem isso. E se adaptou no Brasil pois o rap veio trazendo denúncias, e falando a realidade, sendo a voz de outros caras, e o rap quando chega no Brasil caiu no lugar certo: nas periferias, onde eram eles que tinham que absorver aquilo ali, eles que tinham que criar uma voz, eles que tinham que criar um estilo, tinham que criar uma forma de sobreviver, e salvar uma geração também. Eu fui salvo, caí no rap, e os que tão junto que eu sei tão aí fazendo rap, entendeu. Alguns morreram. Eu fiquei. Então o rap foi aquela onda que salvou. Só aí já tem 100% de positivo. Eu posso dizer, sou testemunha real que o rap é 100% positivo, me salvou quando eu

podia tá morto, porque eu também tive a minha vida com pequenos furtos, passei fome também, tive dificuldade. Minha mãe sempre foi doméstica até o dia de ontem, né porque parou faz uns dias, porque tá com 65 anos. Criou os quatro filhos com os familiares, e viemos vindo e fazendo a nossa vida e se reconstruindo. Quer dizer o rap foi uma forma que eu pude pra dar uma alegria, né meu. Primeira alegria é sobreviver, né meu. ‘Bá meu filho sobreviveu’. E a outra alegria é de ter sido um cara que contribuiu com uma coisa que ela acha muito bonita, que ela apoia muito, que é cantar esse tal de rap. Porque isso com certeza fez ela entender que tem várias pessoas que gostam disso, que acreditam nisso também, não só o filho dela. Ela vê que tem outras pessoas que acreditam nisso também, então o meu filho não tá só vadiando, né, ele não tá só vadiando, ele tá fazendo algo (risos). (Pedro, 27 anos)

Para além da sobrevivência dessa juventude, no que tange a busca de alternativas concretas para as condições das juventudes populares, passamos para um segundo aspecto que é a convivência dos jovens de classes populares. Podemos dividir este aspecto em dois níveis: a busca de alternativas para a convivência com os demais segmentos sociais da sociedade e para a convivência dos jovens entre si. Salienta-se a necessidade de enxergar os jovens como sujeitos que podem ser capazes de construir alternativas para suas condições, conforme o contexto em que se encontram.

Em primeiro lugar, a juventude, como muito já referido, demonstra ser um período da vida em que se passa por um processo de transição ao mundo adulto. Nesse processo, a construção de identidades pessoais e sociais é um aspecto muito presente. Como já demonstrado anteriormente esta juventude é muitas vezes estigmatizada por outros segmentos da sociedade, de forma que muitos demonstram buscar alternativas para a convivência por meio da contestação. Neste sentido, dentre os jovens entrevistados, observamos que a relação destes jovens com a sociedade ao seu redor envolve por vezes formas de contestação para o questionamento e a superação de estigmas.

Verificamos duas formas básicas dessa busca: primeiramente constatamos a procura dos jovens em abrir o debate, propor um debate público, expor sua cultura, sua arte, seus valores, suas crenças, buscando que os outros reconheçam esta juventude – e em alguns casos seus antepassados – como parte da sociedade. Como verificado, esta busca inclusive instiga os jovens a buscarem conhecer melhor a si mesmo e sua cultura própria. Vejamos este aspecto nos seguintes relatos.

Existe um filtro, existe uma elite. A briga da gente é uns bagulho maior que a nossa quebrada. Sem contar o fato de ser uns negão na época. Não vou dizer que existia um racismo fudido, mas existia um preconceito, ainda mais cantando rap, música de negão. ‘Tu tá cantando música de negão?’ Tinha um preconceito de um pessoal mais conservador na nossa época. (Pedro, 27 anos)

Aí o que é que rolou, rolou o seguinte, né meu, comecei a procurar e pensei: ‘cara, preciso mostrar o meu trabalho’, né meu. Só que em Viamão não tem lugar pra ti mostrar trabalho. Ali começou o trabalho de militância dentro da cultura hip hop. Aí

já não é só a arte pela arte, é a arte pra mostrar a tua cultura. Porque a partir dali eu comecei a estudar, né meu. (Igor, 29 anos)

Nestes casos, os jovens em questão reconhecem a necessidade de superação de estigmas a nível societal. No segundo caso, Igor demonstra a necessidade de estudar a cultura própria buscando reconhecimento. A busca por abertura de espaço na sociedade envolve a afirmações de identidades para além do universo microsocial dos grupos culturais. A possibilidade da atividade artística e cultural de promover tal abertura, promover o diálogo, envolve reconhecimento a escalas maiores.

A música deu esse espaço aí da gente poder tocar em vários lugares e entrar em vários acessos, os caras da Bom Jesus, né meu. Era a única forma que a gente não era discriminado. Se o cara andasse ali na Protásio Alves, ali em cima, a polícia já estranha, e os cara e as mulher já ficam olhando estranho. Aí quando o cara vem pra cantar o rap os cara olham o cara de outra forma, tipo: bá, os cara... Eu achava aquele momento mágico, assim meu, os cara da Bom Jesus dentro de espaços como a gente já tocou, em vários bares da cidade, né, Opinião, em lugares pico, assim, grandes né meu, lugares de luxo, chiques, enfim, a gente já tocou em tudo o que é espaço. Eu acho que isso é muito gratificante, e pro movimento, muito mais. Porque a gente vê outros grupos se fortalecendo nisso. (...) Então assim, eu agradeço muito mesmo. Eu vou te dizer, se tem uma coisa que me dá muito prazer é fazer esse movimento, que é um movimento que me deixou legítimo, numa cidade que eu era invisível, tá ligado, me deu voz, né meu, força de voz, entendeu, me deu conhecimento e em alguns momentos me dá o meu alimento. É tudo uma questão da forma que eu levo ele também. Mas é uma questão que é vivida, não é como fazer, é vivida. (Pedro, 27 anos)

Entramos neste caso, na questão de como os jovens podem afirmar suas identidades no diálogo com a sociedade em seu entorno. Nesta perspectiva, a arte e a cultura demonstram ser uma forma de linguagem que pode permitir tal diálogo. Ressalta-se no relato de Pedro a importância de se ter voz na cidade em que vive, de ser legítimo. Neste contexto de ausência de voz e legitimidade, a conformação do sistema político de nossa sociedade entra em cheque. A juventude de que estamos falando não acessa as formas legítimas de participação e debate público. Com isso, torna-se muitas vezes propositora de discussões no âmbito do espaço público. A arte e a cultura são formas de proposição desta dimensão. Thompson *et al.* (2005) propõem que

Hoje há grupos de jovens que se organizam com base em objetivos artísticos e culturais, cujas atividades têm repercussões políticas nos locais onde vivem e na construção do espaço público, provocando repercussões políticas. Esses grupos, por meio de ritmos, gestos, rituais e palavras, instituem sentidos e negociam significados, buscando notoriedade pública e disputando adesões de jovens. Inventam e reinventam estilos que se tornam formas de expressão e comunicação entre significativos contingentes de jovens. (p. 129-130)

É uma busca por alternativas de poder ter voz, de poder ser propositivo. Já que os espaços institucionais não proporcionam que esta juventude se manifeste e opine, eles precisam arranjar outras formas, próprias, autônomas, de manifestar-se. A busca por autonomia de que

tanto falamos demonstra, neste sentido, outras facetas além da dimensão financeira. Podemos ver como um jovem descreve uma forma de debate público que ele e o grupo do qual faz parte promoveram na cidade onde moram.

E aí a gente tava naquele corre todo de elaboração de evento e a gente resolveu elaborar um de copa do mundo, né... e nós conseguimos fazer o debate que o nome do evento era 'Copa do Mundo para os ricos e miséria para os pobres', essa era a chamada do evento. (...) O evento saiu, e nesse evento a gente conseguiu fazer o debate, inclusive com o chefe do gabinete do prefeito nos olhando (...) Então a gente chegou lá com as nossas famílias, porque é um evento familiar, né cara... embora a gente seja crítico, mas a gente leva nossas famílias, nossas crianças, todo mundo vai, entendeu? E tipo, todo mundo curte, o pessoal da comunidade curte, os comerciantes curtem, entendeu, quando a gente faz evento, porque eles mesmos disseram isso pra gente, que isso é bom, fomenta o comércio, fomenta, a galera fica na volta, então isso é interessante que a gente faça... eu sei que o seguinte, cara, o evento transcorreu tudo legal, a gente conseguiu botar de 300 a 350 pessoas, a gente lotou aquela praça. (...) E nisso, o chefe da Guarda Municipal já começou a apavorar a gente, né, 'vai acabar às seis, né? Não vai passar, né' 'Sim, claro, claro...' E nisso, quando a gente começou a apresentar o lance e dizer porque o evento ia terminar às seis, a galera começou... porque bá, a galera tava curtindo o evento, a galera tava abraçando o evento... abraçou as discussões, abraçou o debate... muitas pessoas chegaram, conversaram com a gente, né, disseram que era uma atitude muito interessante... e a gente sempre fomentando: 'nós não temos ligação com partido político nenhum, nós somos políticos, sim, mas não partidários', né, isso que chamou a população em torno do evento... um evento muito bonito, com idosos, mulheres grávidas, crianças de colo, bá meu, negócio espetacular, cara, evento bombando... e chegou seis horas, cara, foi uma coisa feia de se ver, assim... (...) Só que aí nós tava falando a verdade, que a prefeitura tava inviabilizando o nosso evento, mas não tava expondo que a população fosse contra a guarda... (...) Só que nisso, ficou marcado na cabeça deles que nós somos os arruaceiros de Viamão, ali... do poder público municipal... (...) Porque eles nos passam a impressão que nós não somos bem vindos aonde nós temos que estar, tá ligado, essa é a jogada... (Igor, 29 anos)

Verificamos claramente como os jovens construíram um evento para promover um debate de acordo com sua perspectiva, mas buscando o diálogo. Entretanto, a falta de incentivo do poder público faz com que os jovens não se sintam pertencentes ao próprio espaço público, lugar onde, nas palavras de Igor, eles deveriam estar. Outro fator relevante no relato de Igor é a integração que ocorre entre os diversos segmentos da sociedade no evento que promoveram. A integração, o diálogo, o debate são partes da mesma intenção: a abertura, o reconhecimento.

Muito próximo a este processo, mas com um outro viés, a segunda forma de manifestação é o embate, a ação direta. Os jovens não se sentem parte do meio em que vivem então partem para a contestação do que não concordam, buscando afirmar-se ante a sociedade sem preocupar-se com o diálogo e com o consentimento dos demais. Essa forma foi menos relatada entre os jovens entrevistados, mas mostrou-se presente. É uma forma de contestação com a arte que rompe com poderes locais, tanto públicos, quanto privados. Apesar de não surgir em grande número dentre os jovens entrevistados, ressalta-se que é uma forma de manifestação cultural e artística bastante presente em nossa sociedade (PEREIRA, 2012; SANTOS, 2013).

A arte tem uma... a pichação tem uma coisa que assim: ela é desafiadora... ela tem suas polêmicas, né, de tu invadir um espaço do outro... mas isso é uma questão de concepção capitalista de propriedade, direito à propriedade, né. E as pessoas ficam tão puta, né? Que tu pintou, cara! Eu não tô ofendendo a tua moral, eu não tô molestando teu filho, a tua mulher, a tua família, foi só uma tinta... porque é o que tu vende pra fora, né? A estética da tua casa, do teu apartamento... e isso é um abalo tão absurdo! Como que uma tinta pode te ofender tanto, né? As estátuas que estão aqui no centro de Porto Alegre, na João Pessoa... ninguém perguntou pra nós e os caras colocaram! O *outdoor* ninguém pergunta pra mim se eu quero ver e tá ali... e a pichação vai neste sentido, também, né? (Tiago, 29 anos)

Frente a estes exemplos, verificamos que não apenas o atual sistema político não propicia a legitimidade e participação de juventude, como os espaços, tanto público, quanto privados, dos lugares em que as juventudes habitam não dão margem às expectativas destes. Símbolos, nas suas diversas formas, elencados pelo poder público – e privado – presentes nas grandes cidades são estranhos aos jovens entrevistados. A dimensão da participação política, em específico, demonstra ser um dos principais entraves dentre os casos observados. Podemos compreender tal situação frente a um contexto de exclusão dessa juventude às decisões políticas de nossa sociedade. Podemos perceber que o seu descrédito com tal sistema, nestes termos, é uma atitude desta população que poderia ser esperada, e de fato é muito frequente nos dias de hoje. Ao refletir acerca da participação política da juventude brasileira atualmente, Novaes & Vital (2005), afirmam que

Há um desencanto geral que se soma a uma certa desilusão com o restabelecimento das democracias que não lograram cumprir a contento as promessas de superação dos problemas sociais, do clientelismo e da corrupção. (p. 116)

O segundo nível de busca por alternativas de convivência, que não está de todo separado do primeiro, é entre os próprios jovens. Verificamos iniciativas culturais que procuram propiciar a convivência especificamente dos jovens entre si e o intercâmbio de valores e atitudes neste processo. A formação de agrupamentos juvenis toma diversas formas, sob diversos contextos nos quais os jovens se encontram. Como podemos verificar em um caso a seguir a falta de alternativas – focando no âmbito da arte e da cultura, a falta de iniciativas culturais e artísticas – é apontada pelos jovens como o principal motivo para a criação de um agrupamento juvenil.

Era a vida, né. Era assim: o teatro na minha cidade era o único momento da vida da juventude em que ela não tava fadada àquela fatalidade de que aqui não tem nada pra jovem. O único lugar que a juventude encontrava como dela na minha cidade era o grupo de teatro, e que os jovens encontravam sentido ali. Eles achavam que o grupo de teatro era a tribo deles. (...) O grupo de teatro era uma tribo. O teatro era sonho e meta de uns poucos, mas era espaço de reunião da juventude daquele lugar que estava com o destino traçado: ou tu vai pra roça, ou tu vai pro serviço público, ou tu vai pro

comércio, ou tu vai embora. Nunca teve um plano D, e o grupo de teatro era um plano D. (Lúcio, 29 anos)

Destaca-se, na fala de Lúcio, a necessidade de criação de um grupo juvenil frente a um contexto em que “não se tem nada para jovens”. Neste cenário, a juventude busca alternativas para si mesma, visando à socialização, busca de pertencimento e autoafirmação. Dialogamos neste momento com as nossas hipóteses. A busca por coletivos juvenis é uma constante na maioria dos jovens entrevistados. Podemos ver no relato a seguir a importância da busca por sentidos para o período da juventude frente a um contexto de “fatalidade”, nas palavras de Lúcio, ou seja, falta de opções que as condições objetivas do local onde os jovens moram oferecem.

Estes coletivos fornecem alternativas para a busca de sentidos para a vida destes jovens, que, juntos, tecem tais sentidos por meio de suas expectativas, desejos, sonhos, utopias, etc., compartilhando-as. Muitos mundos se descortinam e dialogam entre si calcados nas incertezas desta etapa da vida, buscando sentidos em comum – significados compartilhados, para Coutinho (2009) – que ressignifiquem sua condição juvenil e permitam a estes jovens alcançar a novas esperanças, novas expectativas e, quiçá, novas oportunidades concretas de vida. Lúcio nos descreve uma peça da qual ele participou que acreditamos que expressa com força esta necessidade de busca de sentidos no período da juventude.

A gente montou uma peça de cunho religioso que foi muito importante pros jovens lá da minha cidade. Nós montamos o livro de Tobias, que é um livro bíblico que tem uma história bem aventureira e tal. Como eu era da Pastoral da Juventude, e na PJ se vivenciava o que a gente chamava de uma mística juvenil, a juventude enquanto mística, eu acabei pegando aquilo ali e transformando numa obra que traduzia muito dessa mística da juventude, jovens não como uma fase da idade, mas jovens como uma mística de ser jovem, né, traduzido num livro de cunho religioso, que depois virou peça construída de forma colaborativa. Assim: eu comecei a compor músicas, e a igreja começou a gravar as músicas e nasceu ‘Tobias: uma luz em meu caminho’, que era uma peça com música, com teatro, com participação especial a cada apresentação, com depoimento de jovens, virou assim um teatro meio fórum, mas que era muito ligado a essa coisa da mística juvenil. (...) O livro de Tobias tem um enredo que é na verdade a saga que toda a juventude aspirava viver, né. Tobias era um jovem que vivia com o pai e a mãe. (...) E Tobias era assim, vivia cuidando das ovelhas, e não tinha outra perspectiva além de cuidar das ovelhas, do pai cego e da mãe. Era a juventude da minha cidade, né. Não tinha nada para Tobias além da fronteira. (...) E aí um dia o pai dele revela um segredo pra Tobias, que é o seguinte: ele diz que do outro lado do país, numa terra distante, ele teria deixado com um parente deles um tesouro. E como ele tava envelhecendo, e Tobias já meio inquieto por viver aquela vidinha e tal, então o pai propôs que ele atravessasse o país pra ir até esse parente e resgatar esse tesouro. (...) Mas na verdade o pai dele era esperto: vendo que Tobias estava perdendo o sentido da vida por viver ali naquela roça com o pai e a mãe, na verdade ele queria que o filho fizesse um caminho pra descobrir a vida, descobrir as coisas e encontrar sentido pra vida. Então a viagem era uma grande desculpa, né. (...) Quando a mãe tá inquieta que ele vai ter que ir sozinho, aparece nessa casa um peregrino que se oferece para ser guia de Tobias no caminho. Esse guia é São Rafael Arcanjo. É um anjo que se disfarça de uma pessoa. Rafael significa cura de deus, a medicina de deus, que eu sou devoto até hoje, eu tenho a imagem de São Rafael, eu

fiquei com a devoção a São Rafael que é considerado o protetor das viagens, dos negócios e do amor. (...) Ele se compromete perante a família de Tobias de que leva ele e traz de volta seguro, porque ele já conhece o caminho. E eles vão. (...) O resumo é que mais de ano depois chega Tobias com a mulher, um filho e trazendo um rebanho enorme de ovelhas. Pra alegria da família, um belo dia desponta aquele rebanho enorme e lá vem o filho trazendo a esposa e um neto. Então a família é triplamente abençoada, porque agora ele vem e não vem só, vem com o neto, vem com a esposa e ainda vem com toda a riqueza, né. E aí São Rafael se revela, que ele era um anjo, não era um peregrino, e essa coisa de acompanhar jovens em perigo era uma tarefa dele. (...) Pros adultos isso não fazia sentido, mas a galera ia às lágrimas, né. Era o sonho sair da minha cidade. Quem era esse anjo protetor, meu deus, que ia ajudar a conquistar as três coisas que os jovens mais querem: viajar, trabalhar para ganhar dinheiro e conquistar um amor, né, e fazer tudo isso longe dos perigos que Asmodeus, o demônio, representa. Então a peça é sobre a mística juvenil, era meio que uma mensagem subliminar. Não dizia nada pros adultos, mas era uma porrada no coração da juventude. Tanto, que tudo foi feito *made in* minha cidade, os figurinos costurados pelos jovens, a música feita lá. (...) A peça era toda montada pela juventude, que era para contar a história que eles queriam, né, então foi um grande espetáculo que o grupo de teatro fez. (Lúcio, 29 anos)

É interessante notar a diferença de reação entre adultos e jovens tal como destacado por Lúcio. Os adultos não demonstraram serem afetados pela peça, ao passo que os jovens se comovem, e sentem-se parte da história narrada pela peça. A diferenciação geracional, tal como abordada em nossa discussão teórica, é um fator presente neste caso. A diferença entre os jovens e os adultos, em específico, tem como premissa principalmente as suas condições objetivas e subjetivas: a juventude ainda está em busca do que fará durante a vida. Nestes aspectos que reside sua situação de incertezas. A busca por sentidos para este período da vida, além de alternativas reais, são consequências deste processo.

Por fim, destacam-se as buscas por alternativas de trabalho e renda. Como já verificado na seção anterior e no Capítulo 4, a dimensão do trabalho surge com força para os jovens entrevistados, posto que a maioria deles precisou trabalhar ainda cedo. Dentro desta questão, observamos dois aspectos que mais foram ressaltados: as possibilidades e dificuldades de trabalhar com arte e com cultura, por diversos motivos, e a mudança da centralidade do dinheiro e do lucro na dimensão do trabalho para as relações interpessoais, vivências e aprendizados cotidianos. Ambos os aspectos destacados se relacionam, e têm um fundo em comum, como veremos adiante.

No que tange ao primeiro aspecto, verificamos que a dificuldade em trabalhar com arte e cultura é remetida tanto à falta de valorização da arte e da cultura pelo Estado, quanto ao domínio da indústria cultural no mercado da arte e da cultura. A falta de valorização por parte do Estado foi um tema muito abordado pela maioria dos jovens, que reconhecem que há incentivo estatal para a arte e a cultura, mas ainda é muito limitado.

É um grande desafio a gente viver de cultura num estado que não tem a cultura como prioridade. Nosso estado tem a cultura como algo que não faz parte da vida produtiva

do ser humano. Na realidade, o Brasil tem essa a cultura ainda, de que a cultura não faz parte da produção de riqueza no país. É uma visão equivocada, de que apenas a agropecuária e o setor primário, e a indústria geram riqueza para o país. Não encaram a cultura e a arte como trabalho, isso é um grande desafio para quem quer se tornar artista. Na nossa instituição, a gente tenta encontrar caminhos, furar esses bloqueios culturais e sociais, e tentar se profissionalizar. Tem gente que consegue viver hoje, consegue se manter para tocar a vida, e aí o pessoal dá oficinas, workshops, palestras, shows, aí vai complementando a renda e conseguindo viver do jeito que dá. A gente tem gente do grafite que consegue viver bem, o nosso DJ, consegue viver bem, só tocando em festas e eventos, o nosso grafiteiro que consegue viver e sustentar seus filhos, a gente tem essas iniciativas em que tem pessoas que conseguem viver bem, mas é muito difícil ainda, né? (Júnior, 29 anos)

Júnior faz parte de uma instituição que consegue captar recursos para oferecer oportunidades aos jovens de sua região para que possam tentar auferir renda fazendo arte e cultura. Entretanto, como ele mesmo relata, isto não é tarefa fácil, posto o cenário de desvalorização das atividades artísticas e culturais o que, segundo Júnior, é pensado desta maneira devido à visão de que tais atividades não fazem parte da vida produtiva, uma visão errônea para Júnior. De fato, verificamos na literatura sobre o assunto que a cultura popular é de grande importância para o desenvolvimento local, considerando-se os fatores culturais e artísticos como relevantes para a construção identitária dos moradores de uma determinada localidade (CALABRE, 2007; LÓSSIO & PEREIRA, 2007).

Neste sentido, a compreensão do ser humano enquanto criador, que inova, mas possui uma tradição (VÁZQUEZ, 2010), como já ressaltado anteriormente, pressupõe que este tem como base para seus objetivos de vida – dentre eles a produção e o trabalho – o imaginário e o simbólico, componentes de nossa humanidade. Podemos entender a visão errônea atribuída ao estado pelos jovens posto que como

a cultura popular ainda é vista como subcultura, a geração de trabalho nesse campo ainda possui um certo preconceito. Muitas cidades contratam profissionais de outras regiões para se exibirem ou cantarem, como atrações, em vez de valorizar os artistas locais. Há ainda, uma certa exclusão com os fazedores da cultura popular. Digamos que o turista vê as manifestações populares como produto, já alguns residentes têm uma visão de que as manifestações populares existem, mas não dão tanta credibilidade e a mídia local destina pouco espaço para a divulgação das manifestações, só divulgando-as como notícias. (LÓSSIO & PEREIRA, 2007, p. 8)

Assim, os potenciais artísticos e culturais que os jovens dos bairros populares possuem são deixados de lado, devido à valorização de artistas e culturas externas à nossa localidade. Nossos talentos locais não são vistos, nem ouvidos, nem considerados de forma alguma, o que podemos ver pela necessidade da juventude de expor-se a público visando ao reconhecimento e à contestação, como vimos anteriormente. Ambos aspectos se ligam na compreensão das dimensões objetivas e subjetivas destes jovens. Neste cenário, as condições

objetivas analisadas anteriormente, tais como o tráfico de drogas, impõe-se ante a possibilidade dessa juventude de desenvolver seus talentos artísticos e culturais.

Tem pessoas que saem do tráfico e acabam trabalhando em nossa instituição ou participando de algum projeto, e tem pessoas que dão entrada no tráfico e participam dos projetos e a gente vê como isso é importante para eles, como eles dão prioridade para essas atividades. Temos um grupo de mais ou menos 25 jovens que encontram na nossa instituição um oásis dentro de todo esse caos de sociedade, porque ali eles são vistos, são valorizados, a opinião deles vale, eles discutem os problemas, andam de skate, eles leem um livro, eles estão sendo o que é para eles serem: jovem, se socializando como jovem, conversam, discutem, dão risadas... um oásis nessa problemática social, nessa coisa negativa que é o nosso bairro... um oásis pequeno ainda, que pode ser potencializado ainda mais. Hoje a gente sabe que passam 50, 60 jovens por semana em nossa instituição, um retorno bem satisfatório... o pessoal fazendo rap, as vezes bomba, as vezes não, mas a galera está vindo, participando, opinando, alguns vem para acessar internet, fazer rap, agora a gente está com um estúdio. Assim vai funcionando, dentro de um espaço livre, mas organizado. Livre de tu ser tu mesmo, mas organizado de respeitar os limites, respeitar os outros. Tem sido bem legal, bem positivo. (Júnior, 29 anos)

A experiência a qual passa Júnior e os demais jovens participantes desta instituição da qual faz parte, na contramão da forma como costuma-se enxergar a cultura, buscam a valorização da expressão artística da juventude como alternativa para a socialização desta juventude, procurando outros referenciais para a construção das identidades destes jovens, além da possível geração de renda. Com isso, estes jovens constroem alternativas reais ao tráfico de drogas, dentre outras mazelas sociais arraigadas nas condições objetivas da juventude de sua região de moradia, tal como analisado no Capítulo 4. A busca por alternativas concretiza-se na gestão e manutenção da instituição da qual eles fazem parte, que se propõe a ser um espaço para isso. As políticas públicas de fomento à arte e à cultura são os principais motores desta iniciativa, motivo pelo qual Júnior acredita na importância da valorização destas atividades pelo Estado como forma de combate à violência juvenil.

A segunda questão levantada pelos jovens quanto às dificuldades em trabalhar com arte e cultura recai no domínio da indústria cultural sobre o mercado da arte e da cultura. Recorremos, neste momento, a Adorno, quando ele coloca, de uma forma bem pessimista, e em um contexto diverso, que “quanto mais sólidas se tornam as posições da indústria cultural, tanto mais brutalmente esta pode agir sobre as necessidades dos consumidores, produzi-las, guiá-las e discipliná-las, retirar-lhes até o divertimento” (ADORNO, 2002, p. 41). Com um pensamento demasiadamente estruturalista, sem medir as consequências locais que a popularização dos meios de comunicação e entretenimento possuem, Adorno também não deixa de destacar um aspecto importante da modernização que estamos passando atualmente: de como a cultura – o que abrange o gosto das pessoas – passa a ter uma influência muito forte das grandes corporações que controlam o mercado da produção cultural. A força da indústria cultural contra

as possibilidades criativas da juventude foi ressaltada por alguns jovens, como podemos ver no relato a seguir.

Eu fiz desenhos meus, técnicos, assim, e levei para vender numa feira... o que é teu o pessoal não compra, só compra o que é impresso direto da internet... o pessoal quer facilidade, o pessoal quer estética fácil... não quer o que é teu, assim... a não ser que tu sejas um consagrado, né? Mas as pessoas buscam a facilidade, assim, na arte, né? Têm o direito, o dinheiro é delas e tal... mas é mais valorizado a coisa a vapor, a coisa meio sem rosto, assim... o que vendi mais foi aqueles impressão de *art nouveau* francesa, sabe? Aqueles cartazinhos prontos, que tu pega da internet... os caras vendem pra caralho! Agora um desenho que é teu, com uma qualidade gráfica, até, pô, feitos artesanalmente e tal... e bonito, até, com a devida modéstia, assim bem feito, bem-acabado, o pessoal não compra... compra o facinho, assim, o que tá na moda e tal... (...) O pessoal só fica na paisagem, no algo industrializado, sabe? É mais fácil vender isso, do que... a tua loucura ninguém quer... preferem algo que vai decorar com seu sofá e que não vá chocar ninguém... (Tiago, 29 anos)

A criação local, como discutido anteriormente, é deixada de lado devido à valorização majoritária da cultura externa. Retomamos nosso debate acerca da cultura moderna, que conta, em um só tempo, com a imposição de modelos padronizados globalmente, e a possibilidade de ter contatos com muitos padrões e produtos culturais por meio das tecnologias de comunicação (BAUMAN, 2012). As tecnologias de reprodução também estão presentes no relato de Tiago, em oposição à arte feita manualmente. Sem pretender adentrar profundamente no debate sobre a “estética fácil”, para utilizar as palavras de Tiago, cabe ressaltar que, assim como destacado por Júnior, a preferência por padrões e modelos externos demonstra ser um empecilho para as possibilidades criativas das atividades artísticas e culturais dos jovens entrevistados. As tecnologias de comunicação e reprodução em massa, ao mesmo tempo que podem ser propulsores das culturas populares, ao mesmo tempo podem suprimir tais culturas no contexto atual (CANCLINI, 2003).

O segundo aspecto ressaltado pelos jovens entrevistados dentro da questão da busca por alternativas de trabalho e renda, é o questionamento acerca da centralidade do dinheiro e do lucro na dimensão do trabalho. Muitos dos jovens entrevistados, em contraposição com esta primeira visão, colocaram em relevo as relações interpessoais, as vivências e os aprendizados cotidianos como as buscas que fazem em suas vidas ao exercerem suas atividades artísticas e culturais, como é possível conferir nos relatos a seguir.

Eu não sei tudo, né, mas eu procuro me informar bastante das coisas. Tem gente que nem sabe o que significa a palavra MC. Tem gente que não sabe qual o significado de ser um cantor. O que passa, né qual é a visão que passa pra uma pessoa. Tem gente que chega ali pra tentar ganhar dinheiro e só isso. Só que tem que pensar em ganhar muito além do que o dinheiro. Tem que pensar em ganhar, digamos assim, sabedoria, conquistas da vida, né, não só dinheiro, porque dinheiro qualquer um pode ter. Trabalhando ou roubando qualquer um pode ter dinheiro, mas o que tu leva é a experiência da vida, né cara. Isso aí é o que me motiva mais, né. Eu, independente se

eu tô ganhando dinheiro ou não ganhando dinheiro com essa carreira que eu tô seguido aí né, o importante é as coisas que eu passei atrás né, os momentos que eu passei, as coisas que eu aprendi, e as coisas que vão acontecer pela frente. É isso que eu levo de mais importante nisso aí. (Mateus, 24 anos)

Eu acredito em outra coisa... claro que eu quero uma formação, futuro... mas aquilo ali que tu tá é muito importante, pra uma coisa maior sabe... e uma coisa que eu penso... eu acho que... eu faço comparação com a montagem de uma peça e com a vida... que eu acho que o mais importante numa montagem de uma peça não é uma conclusão lá no final, quando tu vai mostrar pro público lá todo maquiado e tu vai apresentar a peça... eu acho que o mais importante é o processo que tu aprende, que tu te transforma com aquilo... o que muda na tua vida com aquilo... óbvio, quando tu apresenta tu quer passar uma informação alguma coisa, alguma ideia... mas é pra gente também assim... eu acho que tem que começar pela gente, de dentro pra fora. E eu acho que o teatro me ensinou muito isso, essa coisa do processo, de tu fazer do processo a ferramenta... é a mesma coisa a vida... o mais importante não é o final, 'ai, será que eu vou ser...' não... é o que a gente faz durante a nossa vida... todos os dias quando a gente acorda... isso é mais importante que o final... (Ricardo, 28 anos)

Tanto Mateus, quanto Ricardo ressaltam que o mais importante nas atividades artísticas que eles fazem é o próprio processo de fazer arte, os momentos que se vive durante esse processo, os aprendizados que se tem, as sabedorias, as conquistas, para remeter a termos usados por eles. As dimensões do trabalho e da arte, neste momento, se relacionam. Retomemos nossa conceituação de trabalho: transformação mútua entre o homem e a natureza, movida por uma necessidade humana, com um fim em específico projetado pelo ser humano (MARX, 1944). Agora observemos a maneira como os jovens descrevem o que é de fato importante na criação artística: o processo de transformação própria ao fazer sua arte. Os jovens valorizam o próprio processo de transformar-se ao passo que fazem duas atividades artísticas. Esta dimensão da criação artística se aproxima da dimensão do trabalho tal qual a conceituamos. Voltamos à Vázquez (2010, p. 43):

A concepção da arte como criação não exige uma atitude unívoca diante do real; sublinha, antes de mais nada, a ligação da arte com a essência humana. O homem se eleva, se afirma, transformando a realidade, humanizando-a, e a arte com seus produtos satisfaz essa necessidade de humanização. Por isso não há – nem pode haver – ‘arte pela arte’, mas arte por e para o homem. Dado que este é, por essência, um ser criador, cria os produtos artísticos porque neles se sente mais afirmado, mais criador, isto é, mais humano.

Tal relação nos remete à conclusão do que pretendemos nesta seção. Podemos enxergar que ambos os últimos aspectos apontados se assentam nas mesmas bases: a mudança da centralidade do valor de troca para o valor de uso. Os jovens que entrevistamos ressignificam a dimensão do trabalho propondo um sentido diferente daquele atribuído à lógica dominante de reprodução do capital, no qual o valor de troca sobrepuja-se ao valor de uso. O processo criador do ser humano ao transformar a natureza se transformando ao mesmo tempo – o trabalho – revela o seu potencial criativo, buscando lugar entre as escassas possibilidades encontradas por

estes jovens em um meio que lhes oferecem trabalhos precários, com tarefas fragmentadas, alienadas do seu processo como um todo.

Entretanto, sejamos realistas: com tais conclusões não pretendemos afirmar que estes jovens encontram e desenvolvem facilmente tal forma de buscar alternativas dentro dos termos antes referidos. Pelo contrário, na maioria dos casos, verificamos trajetórias dificultosas que se relacionam com o mundo a sua volta na busca, antes de mais nada, pela sobrevivência. O outro extremo por eles descrito como o que desejam: poder fazer suas atividades artísticas e culturais de forma criativa e livre, parece ocorrer, na maioria dos casos, na medida do possível. Como a busca por alternativas em si parece ser o que buscam, podemos afirmar que a maioria dos jovens entrevistados se realizam no processo constante de criação artística ao longo da vida. Entre a sobrevivência e a arte esta juventude consegue buscar o que demonstraram ser o mais importante para si: a alegria, a satisfação, o autoconhecimento pessoal e coletivo dentro das possibilidades que encontram.

6 CONCLUSÕES

Esta dissertação buscou analisar processos de inserção social e de construção de identidades entre jovens de classes populares, moradores de zonas de periferia da região metropolitana de Porto Alegre, procurando compreender em que medida a arte e o trabalho se articulam, se aproximam ou se opõem na vida dos jovens possibilitando a construção de sentidos e a afirmação de identidades plurais – pessoais, coletivas e sociais. Ao mesmo tempo, buscou aprofundar a compreensão do papel destas diferentes dimensões na construção de alternativas concretas de inclusão social e geração de trabalho e renda para estes jovens, focando na sua vivência contraditória e seu potencial de autoafirmação a partir dela.

Muitas questões já foram destacadas ao longo da dissertação. Assim, a título conclusão, sintetizamos alguns pontos que a análise das narrativas nos revela, buscando verificar se tais considerações nos remetem a respostas frente às questões propostas na problemática da pesquisa. Além disso, buscamos averiguar se as questões que moveram a pesquisa, formuladas como hipóteses, se confirmam completamente, parcialmente ou não se confirmam.

Quanto à primeira hipótese, esta dialoga com o questionamento acerca de como os jovens de classes populares enxergam as responsabilidades que paulatinamente precisam assumir ao longo do período da juventude, ao passo que as necessidades próprias e familiares surgem em suas vidas. A hipótese em si afirma que as condições objetivas destas juventudes implicam, pela própria condição juvenil, em busca por autonomia, e também instigam, pela situação de exclusão, à busca de identidades que propiciem pertencimento e autoafirmação.

Na maioria dos casos narrados verificou-se buscas por autonomia. As situações relatadas nas narrativas das trajetórias revelam as dificuldades que surgem a partir das experiências de trabalho, num verdadeiro esforço de sobrevivência. Entretanto, a autonomia ressaltada pelos jovens entrevistados não diz respeito apenas a esta dimensão. Estes jovens buscam autonomia em outras dimensões de suas relações, buscam poder se expressar e buscam alternativas às condições objetivas em que se encontram. Isto nos leva à segunda afirmação desta hipótese, que se mostrou bem presente na análise das questões levantadas pelos jovens: frente às condições em que se encontram, verificou-se que os jovens buscam identidades no sentido de autoafirmação e pertencimento. Assim, verificamos que os jovens vivem um

processo contraditório na busca de autonomia. De um lado, a situação revelada nas narrativas das trajetórias revela as dificuldades que entram a partir da sua experiência no trabalho quase que numa extensão do mesmo, num verdadeiro esforço de sobrevivência.

A segunda hipótese remete a uma consequência da primeira: este processo de identificação ocorre na medida em que estes jovens passam a compartilhar valores, crenças e atitudes com outros jovens, como um coletivo juvenil real ou imaginário, que pode propiciar coesão entre eles, além de visibilidade perante a sociedade, modificando suas identidades pessoais e sociais. Tal hipótese pôde ser observada em muitos dos casos observados, mesmo que não em todos. O compartilhamento de valores e atitudes entre jovens, formando diferentes grupos foi um tema que surgiu com frequência. A visibilidade perante a sociedade, no entanto, revelou-se como um dos desafios pelos quais os jovens passam durante o período da juventude, e nem todos os casos admitiram ter uma visibilidade perante a sociedade da forma como desejavam.

Examinando a última parte da afirmação hipotética em questão, pudemos perceber que a transformação do processo de identificação pessoal e social dos jovens entrevistados envolve diversos meandros entre os percursos das vidas destes jovens, e diversas variáveis que por vezes parecem necessitar de maior aprofundamento. De forma geral, os coletivos juvenis tiveram, sim, bastante influência sobre o processo de identificação dos jovens entrevistados. Há casos em que isto nitidamente ocorre, e a importância de tais grupos no processo de identificação torna-se bem evidente. Entretanto, ressalta-se que o processo de identificação dos jovens é envolto por outras dimensões além dos grupos culturais.

A terceira e última hipótese sugere que o processo de identificação juvenil, ao possibilitar um intercâmbio de valores, crenças e atitudes, pode propiciar aos jovens de periferia a construção de alternativas que modifiquem as suas próprias condições tanto objetivas, quanto subjetivas. Tal ponto foi bastante abordado pela pesquisa. Podemos perceber muitos casos em que os jovens conseguem buscar alternativas às suas condições, tal como observado no Capítulo 5. Tais alternativas modificam suas condições, mas percebe-se que não é uma tarefa simples, e que este processo não ocorre individualmente, e sim no âmbito da comunidade tal como pensada por Bauman (2012). Neste sentido, foi possível obter pistas acerca da *práxis* coletiva nas narrativas dos jovens entrevistados, quando estes relacionam suas trajetórias individuais ao contexto de cada época relatada.

De forma geral, pudemos enxergar que inicialmente durante o período da juventude, a arte e o trabalho acabam tendo papéis diferentes no processo de identificação dos jovens. A partir de um momento, eles passam a identificar a arte como potencial de trabalho. Trabalho e

arte, desta forma, são duas dimensões que paralelamente vão tendo sentido para os jovens e, no caso dos jovens artistas, aos poucos se unem, quando o jovem artista enxerga na arte um potencial de trabalho. Entretanto, cabe observar que a arte é uma alternativa difícil de se manter continuamente para a juventude de classes populares. Podemos observar que poucos dos jovens entrevistados têm uma renda segura com a arte.

Mesmo assim, observa-se que a arte se mantém na vida dos jovens entrevistados mesmo que não oferecendo retorno econômico. Como ressaltado pela maioria dos entrevistados, o processo de criação artística em si, que envolve uma transformação pessoal e, no caso de grupos culturais e artísticos, coletiva, é a principal busca desta juventude. Neste sentido, observamos que os jovens entrevistados colocam em primeiro lugar o próprio processo de criação artística, antes do valor de troca de sua arte.

Finalmente, se nos voltarmos a um âmbito macrosocial, podemos pincelar considerações mais amplas, baseando-se na discussão teórica realizada. A submissão do valor de uso ao valor de troca, imposição muito observada nos relatos dos jovens parte de um sistema voltado para a contínua, sistemática e crescente ampliação de valores de troca, no qual o trabalho deve subsumir-se realmente ao capital, o que limita a potencialidade desta juventude, tolhida de fazer opções que não as levem à valorização do valor de troca. Como pudemos ver nos diversos casos observados, a falta de condições para que a juventude possa desenvolver-se plenamente é o principal entreve encontrado. Desta forma, podemos afirmar que há necessidade de incentivos para que a juventude possa ter alternativas de socialização e saída do ciclo da pobreza, como verificamos em alguns poucos casos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- _____. *Introdução à Sociologia da Música*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- AMARAL, Márcio de Freitas. *Culturas juvenis e experiência social Modos de ser jovem na periferia*. Dissertação de mestrado, Porto Alegre, 2011.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- AQUINO, Jorge Abrahão de Castro Luseni (org.). *Juventude e Políticas Sociais no Brasil*. Brasília, 2008. <http://www.ipea.gov.br/> acessado em 2012.
- BASTIDE, Roger. “Problemas da sociologia da arte”. *In: Tempo Social, Brasil*, v. 18, n. 2, p. 295-305, nov. 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12527/14304>. Acesso em: 10 Jul. 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BECKER, Howard. *Mundos Artísticos e Tipos Sociais*. In: *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.
- BERTELLI, Giordano Barbin. “Errâncias racionais: apontamentos sobre RAP e política”. *In: Anais do 36º Encontro Anual da ANPOCS*. Águas de Lindóia, SP, 2012.
- BLANCH, J. M. “*Trabajar en la modernidad industrial*”. In J. M. Blanch (Org.), *Teoría de las relaciones laborales: fundamentos* (pp. 19-148). Barcelona: UOC, 2003
- BLAY, Eva Alterman (org.). *A luta pelo espaço: textos de sociologia urbana*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BRASIL, Secretaria Nacional da Juventude. *Agenda Juventude Brasil: pesquisa nacional sobre o perfil e opinião dos jovens brasileiros*. Brasília: SNJ, 2014.
- CALABRE, Lia. *Políticas Culturais no Brasil: balanço e perspectivas*. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia, entre os dias 23 a 25 de maio de 2007.

- CANCLINI, Nestor Garcia. *Cultura transnacional y culturas populares*. São Paulo: ECA/USP, 1989.
- CAMARANO, Ana Amélia (org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006.
- CAMARGO, C. P. F. *Considerações sobre o desenvolvimento de São Paulo, cultura e participação*. São Paulo: Cebrap, 1973.
- CARDOSO, Adalberto. *A construção da sociedade do trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 3ª ed., Vol. 3, São Paulo: ed. Paz e Terra, 1999.
- CECCHETTO, Fatima. Os jovens e a "pacificação" dos territórios: representações de jovens moradores de favelas sobre a implantação das Unidades de Polícia Pacificadoras – UPP na cidade do Rio de Janeiro. In: *Anais do 36º Encontro Anual da ANPOCS*. Águas de Lindóia, SP, 2012.
- CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 2003.
- COHEN, Phil. “*Subcultural conflict and Working Class Community*”, In: *Working Papers in Cultural Studies*. Cccs, University of Birmingham, 2, p. 5-51, 1972.
- CORTES, Soraya M. Vargas. “Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados”. In: NEVES, Clarissa Eckert Baeta; CORRÊA, Maíra Baumgarten. *Cadernos de Sociologia*. v. 9. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1998.
- COSTA & ROSETTI-FERREIRA, 2008
- COUTINHO, Maria Chalfin. “Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação”. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2009, vol. 12, n. 2, pp. 189-202.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.
- DAYRELL, Juarez. “O rap e o funk na socialização da juventude”. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. “A juventude no Brasil”. 2005. In: <http://www.cmjbh.com.br/> acessado em 2012.

DOS SANTOS DIÓGENES, Glória Maria. Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip-hop. Annablume, 1998.

DUBAR, Claude. “Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos” In: Educ. Soc., Campinas, v. 19, n. 62, abril de 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 8 out. 2013.

DUBET, François. Sociologia da Experiência. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EILBAUM, Lucia. “Tudo é aqui perto, no bairro”: identidades e regiões morais na administração judicial de conflitos no *conurbano bonaerense*. In: Anais do 36º Encontro Anual da ANPOCS. Águas de Lindóia, SP, 2012.

FARIA, A. A. C. & BARROS, V. A. “Tráfico de drogas: uma opção entre escolhas escassas”. In: Psicologia & Sociedade, 23(3), 536-544, 2001.

FEFFERMANN, M. Vidas arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FEIXA, Carles. “*De las bandas a las culturas juveniles*”. In: *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*. V, p. 139-170, 1994.

FERNANDES, Florestan. A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica. Rio de Janeiro, 3ª edição, 1987.

FERREIRA, Helder & ARAÚJO, Herton Allery. “Transições negadas: homicídios entre os jovens brasileiros”. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

FILHO, João Freire & FERNANDES, Fernanda Marques. “Jovens, Espaço Urbano e Identidade: Reflexões sobre o Conceito de Cena Musical”. In Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, set. 2005.

FLICK, Uwe. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

- FONSECA, Claudia. “Fofocas e violência”. *In: Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2ª ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, (p. 13-52).
- FORACCHI, M. M., *A Juventude na Sociedade Moderna*. São Paulo, Livraria Pioneira, 1972
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREITAS, Gustavo Gomes de; DOWBOR, Monica; AMORIM, Ricardo L. C. *et al.* *Brasil real: a desigualdade para além dos indicadores*. 1ª ed., São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- GAULEJAC, Vincent de. “O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito”. *In: Cronos, Natal-RN*, v. 5/6, n. 1/2, p. 59-77, jan./dez. 2004/2005.
- GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. *In: A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GONÇALVES, H., & KNAUTH, D. R.. “Aproveitar a vida, juventude e gravidez.” *In: Revista de Antropologia*, 49, 625-643, 2006.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. “Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?” *In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.)*. *Retratos da Juventude Brasileira [título provisório]*, São Paulo: Instituto Cidadania e Editora da Fundação Perseu Abramo, a circular em novembro de 2004.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. “Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais”. *In: CAMARANO, Ana Amélia (org.)*, *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006.
- HALL, Stuart. “Who needs identity?” *In: HALL, Stuart e GAY, Paul Du (orgs.)*, *Questions of Cultural Identity*, Londre, Sage, 1996.
- KOERICH, Bruna Rossi. *De mãe para filha: rupturas e continuidades de trajetórias em trabalho doméstico*. Monografia, Porto Alegre, 2013.
- KOVÁCS, I. “Emprego flexível em Portugal: alguns resultados de um projecto de investigação”. *In: I. Kovács (Org.)*, *Flexibilidade no emprego: riscos e oportunidades* (pp. 11-53). Oeiras, Portugal: Celta, 2005.

LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro & PEREIRA, Cesar de Mendonça. A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia, entre os dias 23 a 25 de maio de 2007.

MALVASI, Paulo Artur. “O domínio do mental e a ‘vida loka’: uma análise do *dispositivo das drogas* nas periferias de São Paulo”. In: Anais do 36º Encontro Anual da ANPOCS. Águas de Lindóia, SP, 2012.

MARICATO, Ermínia. “As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil”. In: ARANTES, Otília *et al.* A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 2000.

MARX, Karl. La Ideología Alemana. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos S. A., 1971

MARX, Karl. O Capital. Livro I, 5ª ed., Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1980.

MÉSZAROS, Istvan. A teoria da alienação em Marx. Boitempo, 2006.

NASCIMENTO, Elisete Regina do. Jovens urbanos da periferia de Porto Alegre: a arte de dar forma à própria vida. Dissertação (mestrado), UFRGS, Porto Alegre, 2008.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. A periferia de São Paulo revendo o conceito, atualizando o debate. In: Anais 33º Encontro Nacional da ANPOCS. Minas Gerais, 2009. <http://www.anpocs.org.br/> acessado em 2012.

NAUJORSK, Carlos José. Processo identitário e engajamento: um estudo a partir do Movimento de Saúde do Trabalhador no Rio Grande do Sul. Tese de doutorado, UFRGS, 2011.

NOVAES, Regina & VITAL, Christina. “A juventude de hoje: (re)invenções da participação social.” In: THOMPSON, Andrés A. (org.) *et al.* Associando-se à juventude para construir o futuro. São Paulo: Peirópolis, 2005.

ORTIZ, Renato. "Estado, cultura popular e identidade nacional". In: _____. Cultura Brasileira e identidade nacional. São Paulo, Brasiliense, 1985.

_____. A Consciência Fragmentada. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

PAIS, José Machado; DA SILVA BLASS, Leila Maria. Tribos urbanas: produção artística e identidades. Annablume, 2004.

- PARK, Robert E. *The urban community as a spatial pattern and a moral order*. Chicago: University of Chicago Press, 1926.
- PARSONS, Talcott. "Youth in the context of American Society". In: Erikson, E. (org.). *Youth, change and challenge*. Basic Books, New York, p. 93-119, 1963.
- PEREIRA, Angélica Silvana. Domingo no parque: notas sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade. Tese (doutorado) UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. "Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pichação". In: *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 1, No 2 | 2012, posto online no dia 01 Outubro 2012, consultado o 12 Julho 2015. URL : <http://cadernosaa.revues.org/631> ; DOI : 10.4000/cadernosaa.631
- PERLMAN, Janice. O mito da marginalidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002 [1977].
- PIMENTA, Melissa de Mattos. "Ser jovem" e "ser adulto": identidades, representações e trajetórias. Tese de doutorado, USP, São Paulo, janeiro de 2007.
- PINHEIRO, Antônio dos Santos. Juventude: violência e drogas – os desafios às políticas de segurança. Fortaleza: FUNCAP, 2013.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Ciências humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- POCHMANN, M. "Desempregados do Brasil". In: R. Antunes (Org.), *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil* (pp. 59-73). São Paulo: Boitempo, 2006.
- QUEIROZ, Maria Isaura. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil. *Tempo Social, Rev. Sociologia USP*, São Paulo, 1989.
- READ, Herbert. *Arte e alienação*. São Paulo: Zahar, 1968
- ROSA, Fátima Sabrina da. "Conflito coletivo e identificação masculina: uma análise sobre os bondes na cidade de Porto Alegre". In: *Anais do 36º Encontro Anual da ANPOCS. Águas de Lindóia, SP, 2012*.
- ROSA, Thaís Troncon. Favelas, Periferias uma reflexão sobre conceitos e dicotomias. In: *Anais 33º Encontro Nacional da ANPOCS. 2009*. <http://www.anpocs.org.br/> acessado em 2012.
- SANTOS, Roberto da Silva. O rosto atrás do risco: representação social da juventude sobre pichação. 2013. xxxix, 88 f., il. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

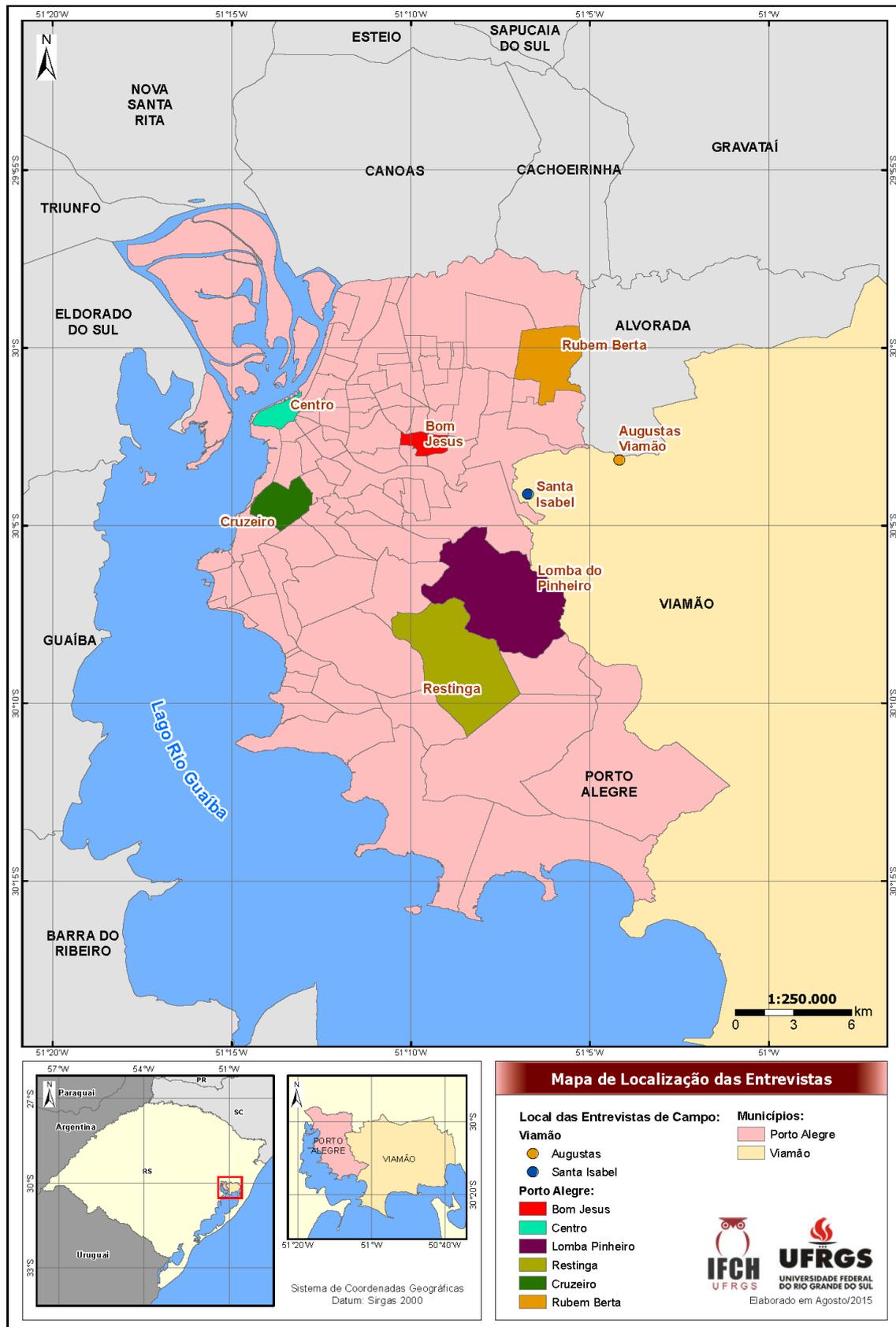
- SCHMIDT, João Pedro. “Os jovens e a construção do capital social no Brasil”. *In*: BAQUERO, Marcelo et ali. Democracia, juventude e capital social no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- SINGER, Paul. Economia política da urbanização. São Paulo: ed. Brasiliense, 1973.
- SPOSITO, Marília Pontes (coord.). Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Vol. 1 e 2, Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.
- SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. “Juventude e políticas públicas no Brasil.” *In: Políticas públicas de juventud en America Latina*, nº 24, MG, p. 16-39, 2003.
- SPINK, Mary Jane Paris. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Rio de Janeiro: edição on-line: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- SPINK, Mary Jane Paris. O discurso como produção de sentido. 2001.
- SPINK, Mary Jane Paris; GIMENES, Maria da Gloria G. “Práticas discursivas e produção de sentido: apontamentos metodológicos para a análise de discursos sobre a saúde e a doença”. *In: Saúde e Sociedade* 3(2):149-171, 1994.
- SOARES, Luiz Eduardo *et al.* Cabeça de Porco. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- TAKEUTI, Norma Missae. Paradoxos societais e juventude contemporânea. *Estudos de Psicologia*, 17(3), setembro-dezembro/2012, 427-434.
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 18ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- THOMPSON, Andrés A. (org.) *et al.* Associando-se à juventude para construir o futuro. São Paulo: Peirópolis, 2005.
- THRASHER, Frederic M. *The Gang*. University of Chicago Press, Chicago, 1927.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. As ideias estéticas de Marx. 3ª ed., São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 3ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- WACQUANT, Loïc J. D. As duas faces do gueto. São Paulo: Boitempo, 2008.
- WEBER, Max. Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música. São Paulo, Editora da USP, 1995.

WHYTE, William F. *Street Corner Society*. Chicago University Press, 1943.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 2000.

ZALUAR, Alba. “Gangues, galeras e quadrilhas: globalização juventude e violência”. Organizado por Hermano Vianna. *In: Galeras Cariocas – Territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997, p. 17-59.

APÊNDICE



Créditos do mapa: Geog. Rodrigo Wienskosi Araújo